Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais

Sergio Ribeiro Silva

Assembleia de Deus - Ministério Madureira Campo de Carapicuíba-SP: Segredo do negócio

Mestrado em Ciências Sociais

São Paulo
2023

Sergio Ribeiro Silva

Assembleia de Deus - Ministério Madureira Campo de Carapicuíba-SP: Segredo do negócio

Mestrado em Ciências Sociais

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências Sociais, sob a orientação da Profa. Dra. Lucia Maria Machado Bógus.

São Paulo

2023

Nome: SILVA, Sergio Ribeiro

Título: Assembleia de Deus - Ministério Madureira Campo de Carapicuíba. Segredo do negócio

Dissertação apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais

Aprovado em:____/____/_____

BANCA EXAMINADORA

_____

_____

_____

Dedico a todos aqueles membros da Igreja Assembleia de Deus Ministério Madureira, pentecostais que, em algum momento de suas vidas, foram discriminados e tratados como irracionais por boa parte da sociedade apenas por praticarem a sua fé.

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, Código de Financiamento 401368/2021-1.

This study was financed in part by the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq) – Finance Code 401368/2021-1.

Agradecimento

Estas palavras me vieram à mente quando lembrei de todo o auxílio e generosidade dispensado pela minha querida amiga Katsue Hamada, a dívida e gratidão para com ela e com todos aqueles que passaram pela minha vida, por isso o meu agradecimento especial.

Quero agradecer também à minha orientadora Profa. Dra. Lucia Maria Machado Bógus, que tornou mais leve o fardo da confecção deste trabalho. Fardo não foi, foi um prazer, mas muito dessa condição foi dada pela minha querida orientadora. Eu não teria nem iniciado este trabalho se não fosse o estímulo e o apoio dado pela professora Eliana Gouveia, a nossa querida Lili, que me desafiou, provocou e me levou a dar início a essa pesquisa.

Quero agradecer também às minhas queridas Brenda Arcanjo, Iris Lacerda e Mônica Sampaio, que me auxiliaram nesta tarefa.

Aos meus pais, meu pai falecido e minha mãe ainda viva que até mesmo pôde desfrutar de algumas aulas junto com a nossa querida Profa. Lili. A eles, toda a minha gratidão.

À minha companheira de toda uma vida, Marizilda, à minha filha Camila, que me auxiliou sempre que requisitada, o mais profundo agradecimento.

Às minhas irmãs, Silvana e Sirlei, que foram fundamentais na revisão, na leitura e no estímulo.

À Profa. Cida Carlos, pela permanente cobrança pela conclusão desta pesquisa.

Aos funcionários da PUC, um deles que não conheço pessoalmente, o Paulo César, que foi fundamental para que eu conseguisse, naquele período da pandemia, fazer a inscrição e a matrícula no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na PUC-São Paulo.

Agradecer também ao querido Prof. Dr. Gedeon Alencar, uma das maiores autoridades em pentecostalismo neste país e no mundo, não tenho por que ter dúvida em fazer esta afirmação, é um pesquisador profícuo que generosamente fez parte da minha qualificação. Os meus agradecimentos sinceros.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo estudar o processo de crescimento da igreja Assembleia de Deus Ministério Madureira no Campo de Carapicuíba, buscando, a partir de um Estudo de Caso, desvelar como se deu esse processo. Para isso, levantamos a história dessa instituição, em momentos importantes desde os primórdios até os dias atuais, analisando os conceitos de empoderamento, pentecostalismo, costumes e tradições culturais que a liderança exerce sobre os pastores, missionários, evangelistas e seus membros, incorporando-os como rotina e tornando-os parte dos rituais. Apresentar a estrutura para a formação de um templo, a trajetória percorrida por um membro para ocupar um cargo ministerial, e como funcionam os pleitos para escolher uma nova diretoria e averiguar se existe um segredo de negócio da igreja Assembleia de Deus ministério Madureira Campo de Carapicuíba. Para este trabalho, recorremos tanto a autores clássicos da Sociologia como Marx (2010), Weber (2004), Bourdieu (2009), Guerreiro Ramos (1946), entre outros, além de estudiosos do tema como Rotterdam (2009), Alencar (2012, 2013, 2014), Mariano (2004), Correa (2012, 2014), Almeida e Lobo (2014), Carreiro (2014), entre outros.

Palavras-chave: Empoderamento, Cultura organizacional, Assembleia de Deus, Pastor-presidente, Ministério Madureira, Campo de Carapicuíba.

ABSTRACT

The present work aims to study the process of growth of the evangelical church Assembléia de Deus Ministério Madureira in Campo de Carapicuíba, seeking in a case study, to reveal how this process took place. For this, we survey the history of this institution, in important moments from the beginning to the present day, analyzing the concepts of empowerment, pentecostalism, practices and cultural traditions that the leadership exerts on pastors, missionaries, evangelists and its members, incorporating them like a routine and making them part of rituals. Present the structure for the constitution of a temple, the path taken by a member to occupy a ministerial position, and how the elections work to choose a new board and, beyond that, find out if there is a business secret in the evangelical church Assembléia de Deus Ministério Madureira in Campo de Carapicuíba. For this work, we resorted to classic Sociology authors such as Marx (2010), Weber (2004), Bourdieu (2009), Guerreiro Ramos (1946) among others, as well as scholars of the subject such as Rotterdam (2009), Alencar (2012, 2013, 2014), Mariano (2004), Correa (2012, 2014), Almeida and Lobo (2014), Carreiro (2014) among others.

Keywords: Empowerment, Organizational Culture, Assembléia de Deus, President-Pastor, Madureira Ministry, Campo de Carapicuíba.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Progressão populacional de Carapicuíba/SP 106
Gráfico 2 - Comparação crescimento da população brasileira/ membresias (CCB-ADs) 107
Gráfico 3 - Porcentagem (%) de crescimento da CCB - ADs 108
Gráfico 4 - Cidades brasileiras com mais renda (IRPF)/habitante 109
Gráfico 5 - Município com mais renda (IRPF)/ habitantes-Carapicuíba 109
Gráfico 6 - Carapicuíba Evolução (PIB/ PIB per capita) 110

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Aldeia de Carapicuíba antiga 26
Imagem 2 - Praça Central da Aldeia de Carapicuíba/SP 27
Imagem 3 - Certidão de nascimento de Carapicuíba 28
Imagem 4 - Vila de Carapicuíba 29
Imagem 5 - Visão do centro da cidade: Estação Ferroviária 30
Imagem 6 - Vista Geral do centro da cidade 30
Imagem 7 - Vista Geral com moradias populares 69
Imagem 8 - Favela à beira de córrego 71
Imagem 9 - Favela em Carapicuíba 71
Imagem 10 - Visão geral da favela do Murão, em Carapicuíba-SP 72
Imagem 11 - Conjuntos habitacionais da CDHU 72
Imagem 12 - Porto Areia – Carapicuíba – SP 72
Imagem 13 - Reintegração de posse Vila municipal 73
Imagem 14 - Convite para a Tarde de Benção 82
Imagem 15 - Igreja de Ariston 85
Imagem 16 - Igreja de Jardim Itália 85
Imagem 17 - Igreja Sede, centro de Carapicuíba/SP 86
Imagem 18 - Igreja CDHU 86
Imagem 19 - Igreja da Vila Helena 86
Imagem 20 - Igreja de Palmares (PE) 87
Imagem 21 - Igreja de Jardim Veloso 87
Imagem 22 - Igreja do Parque Roseira 88
Imagem 23 - Igreja da Vila Cristina 89
Imagem 24 - Igreja do Jardim Santo Estevão 89
Imagem 25 - Igreja do Parque são João Batista 89
Imagem 26 - Surgem novas modalidades de moradias 103
Imagem 27 - Reserva Aldeia: apartamentos 103
Imagem 28 - Granja Viana Vila dos Pássaros 103

LISTA DE MAPAS

Mapa 1- Mapa da estrada Barueri-Carapicuíba 29
Mapa 2 - Núcleo urbano da Vila de Carapicuíba (1949) 29
Mapa 3 - Municípios da Região Metropolitana 70
Mapa 4 - Densidade Demográfica. Carapicuíba/SP 70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Histórico de ADs 59
Quadro 2 - Distribuição das Igrejas ADs (Estados e países) 60
Quadro 3 - Renda per capita/domicílios particulares com renda per capita 110

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Fragmentação territorial das regiões metropolitanas 106
Tabela 2 - Progressão populacional de Carapicuíba/SP 108

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACGMERC - Associação de Capelães das Guardas Municipais Evangélicas do Brasil
ACGMEB - Associações de Capelães das Guardas Municipais Evangélicas do Brasil
AD - Assembleia de Deus
CIRC - Congresso Internacional em Ciência da Religião
CIEPADERGS - Convenção das Igrejas Evangélicas e Pastores das Assembleias de Deus do Rio Grande do sul
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico[1]
CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus
CGADB – Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil
CONAMAD - Convenção Nacional das Assembleias de Deus Ministério Madureira
EETAD - Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus
FIBEN - Federação das Irmãs Beneficentes Nacional
MPAB - Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira
NEARG - Núcleo de Estudos Avançados em Religião e Globalização

[1] Até 1974, era denominado de Conselho Nacional de Pesquisa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **15**

Marca Identitária **24**

Carapicuíba. História e o lugar **26**

1 PENTECOSTALISMO E A HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DE ASSEMBLEIA DE DEUS **37**

1.1 Pentecostalismo no Brasil **39**

1.2 Assembleia de Deus no Brasil - Ministério Madureira Campo de Carapicuíba/SP **53**

1.2.1 Ministério Madureira Campo de Carapicuíba 56

1.2.2 Campo de Carapicuíba/SP 61

2 CULTURA ORGANIZACIONAL **63**

2.1 Assembleia ou Assembleias **63**

2.2 Formação da Igreja Assembleia de Deus no Brasil: Ministério Madureira Campo de Carapicuíba/SP **69**

2.2.1 Histórico 73

2.2.2 Gestão de Bens de salvação: liturgias do culto 76

2.3 Rotinização: processo de empoderamento **78**

2.4 Mulheres nas Assembleias de Deus **80**

2.5 Igrejas: campo de batalha na estrutura de comando **83**

3 EXPANSÃO DO CAMPO DE CARAPICUÍBA: SEGREDO DO NEGÓCIO **101**

3.1 A cidade de Carapicuíba: Assembleia de Deus e seus atores **102**

3.2 O oculto **104**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **112**

REFERÊNCIAS **121**

APÊNDICE A - Expansão do Campo de Carapicuíba abrindo igrejas nos estados da federação e seus presidentes **126**

APÊNDICE B - Mapa com a distribuição das igrejas e fundadores **128**

APÊNDICE C - Entrevista com o Pastor Jason Secundo Barreto – Presidente da Assembleia de Deus Madureira Campo de Carapicuíba **130**

INTRODUÇÃO

Esta dissertação, requisito obrigatório para obtenção da titulação de Mestre em Ciências Sociais, tem o objetivo de pesquisar o processo de consolidação, sucesso e ampliação da Assembleia de Deus Ministério[2] Madureira Campo[3] de Carapicuíba no contexto das transformações no século XXI. Para tanto, é importante estudar as práticas burocráticas legais, o uso dos recursos arrecadados pelos dízimos – quanto a isso, cabe salientar que o termo usado para o dízimo, na linguagem comum às Assembleias de Deus, é devolver, e não dar. O devolver tem implicações morais bem mais contundentes do que o dar, que mais parece algo voluntário, que pode ou não ser feito. Se, no conjunto de obrigações, o dízimo aparece como uma forma de devolução, a sua negligência também gera fatores de preocupação em vários membros[4], ofertas dos fiéis, a ascensão aos cargos de direção da igreja, a divisão territorial e o avanço do Campo de Carapicuíba, objeto de pesquisa. Por que em um momento histórico de profundas transformações, as igrejas da Assembleia de Deus crescem assustadoramente, mesmo em um contexto de aprofundamento das desigualdades, da miséria, da fome, da aversão aos pobres, intolerância e violência? Quais são os valores que fundamentam a rápida ascensão do assembleísmo? Qual é o peso que exerce o mercado, sujeita à lógica utilitarista e à racionalidade instrumental na sociedade moderna? A estrutura organizacional das Igrejas Assembleias de Deus segue o modelo da cultura organizacional empresarial? Existe um processo de empresarização? Há especificidade no processo de empresarização no Campo de Carapicuíba, considerando que este Campo é um dos maiores do país?

---

[2] **Ministério:** Em cada igreja, o Ministério é representado pelo conjunto de pastores, presbíteros e diáconos. A palavra Ministério é também usada para o conjunto de Igrejas dentro de determinado espaço geográfico, por exemplo, Ministério Madureira, Ministério do Belém. Segundo Corrêa (2012), "denominação teológica 'Ministérios' expressa a organização da denominação e acomoda em sua dinâmica, processos de ramificação da igreja bem como suas divergências e estratégias de dominação." Cf. CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. **A operação do carisma e o exercício do poder:** A lógica dos Ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil. 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

[3] **Campo:** É expressão de uso interno das igrejas assembleianas, área de atuação de um Ministério ou Igreja-sede - chamadas também de igreja-mãe -, suas congregações e pontos de pregação agrupadas em um determinado lugar. Também é utilizado no sentido político de poder, ou seja, posse de espaço religioso.

[4] Cf. SANTOS, James Washington Alves dos. **Trabalho religioso, campo religioso e relações de poder nas Assembleias de Deus no Brasil**. 2019. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2019. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/191302. Acesso em: 25 jan. 2023. p. 200.

Os autores e conceitos básicos neste trabalho de pesquisa são os de Empoderamento, Cultura organizacional, Assembleia de Deus, Pentecostalismo, Empresarização, entre outros. Também utilizaremos termos específicos pertencentes ao tema da pesquisa, como pastores-presidentes, diáconos, comarca e Assembleianos. Para tanto, recorremos tanto a autores clássicos da Sociologia, como Marx (2010), Weber (2004), Bourdieu (2009), Guerreiro Ramos (1946), Solé (2004), entre outros, além de estudiosos da religião como Rotterdam (2009), Alencar (2012, 2013, 2014), Mariano (2004), Correa (2012), Almeida e Lobo (2014), Carreiro (2014), Correa (2014), entre outros.

O percurso realizado para chegar a este trabalho não foi linear e ininterrupto, na verdade, foi sinuoso e cheio de idas e vindas entrelaçado com a própria experiência de vida. Ainda bem jovem, no início da graduação em Ciências Sociais, a apresentação dos clássicos das ciências humanas causava deslumbramento, angústia e perplexidade, era possível concordar com Durkheim, que concebia religião como: "[...] um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem." (DURKHEIM, 2000a, p. 32). E mais ainda:

> Está como que elevado acima das misérias humanas porque está elevado acima da sua condição de homem; acredita-se salvo do mal, seja qual for a forma, aliás, que conceba o mal. O primeiro artigo de toda fé é a crença na salvação pela fé. (DURKHEIM, 1989, p. 459).

O encanto era o mesmo diante da afirmação de Karl Marx:

> O fundamento da crítica religiosa é: o homem cria a religião; não é a religião que cria o homem. E a religião é, bem entendido, a autoconsciência e o auto sentimento do homem que ainda não é senhor de si mesmo ou que já voltou a perder-se [...]. A religião é o soluço (o suspiro) da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, o espírito de um estado de coisas carente de espírito. A religião é o ópio do povo. A abolição da religião enquanto felicidade ilusório do povo é uma exigência que a felicidade real formula. Exigir que renuncie às ilusões acerca da sua situação é exigir que renuncie a uma situação que precisa de ilusões. A crítica da religião é, pois, em germe, a crítica deste vale de lágrimas de que a religião é a auréola [...]. (MARX, 2010, p. 15).

Na época, um estudante de Ciências Sociais que se depara com dois autores supracitados, e com informações precaríssimas sobre eles, resumindo-se tão somente em saber que Durkheim era "conservador'' e Marx "revolucionário", não dispunha de condições para tomar partido tanto de um quanto de outro.

No entanto, ao se reivindicar como um revolucionário, a escolha já estava feita,

Marx é que deveria ser seguido, uma crença cega sem muita reflexão.

O que era para ser uma resolução de um problema, transforma-se, na verdade, em conflitos maiores, pois não era possível distinguir entre as ideias dos autores acreditando até mesmo na plena compatibilidade do pensamento de ambos.

Além disso, o itinerário percorrido para aceitação do cristianismo foi exatamente a recusa ao mundo vivido e a expectativa da redenção de uma vida de opressão; tornar o mundo "vivível" é a pedra angular da busca da fé e do conhecimento científico, mover céus e terra no caminho da boa sociedade que separou homens e mulheres durante este itinerário.

Ao longo do curso de Ciências Sociais e o conhecimento adquirido dos autores contribuíram para o problema se agravar, acrescido que foi do desenvolvimento de um sentimento de inferioridade em que a religião e seus adeptos são vistos como prisioneiros de irracionalidade. A pergunta feita por Carreiro (2007) comporta boa parte das preocupações sobre o verdadeiro sentido de um comportamento irracional:

> O que seria então um comportamento irracional em termos gerais e em termos religiosos? A princípio, seria considerado um comportamento irracional aquelas ações que não são compreensíveis racionalmente pelo pesquisador/observador. De início, excluímos todas as ações baseadas em princípios emotivos, pois também elas são compreensíveis racionalmente.
> Apesar de muitos considerarem o comportamento religioso como fazendo parte de distúrbios psicopatológicos e, portanto, irracional, em geral, essa é uma explicação pouco plausível em termos científicos e, na verdade, costuma demonstrar certo juízo de valor. A maioria das pessoas religiosas é normal. Dar vazão a impulsos emocionais tais como raiva, choro, 'desespero', histeria etc. não é irracional se for observado o contexto daquele comportamento dentro do ritual religioso. Não somente isso, esses comportamentos não são tão frequentes quanto o senso comum eventualmente aponta. Onde os indivíduos possuem meios para fazer escolhas encontramos o princípio da racionalidade. (CARREIRO, 2007[5], p. 32).

A dúvida sobre a existência de Deus é vista como pecado pelos religiosos e a certeza da sua existência é vista como irracionalidade por muitos acadêmicos. Julgado por Deus e pelos acadêmicos, a condenação é inevitável. Para quem foi buscar consolo na fé e na ciência, ser massacrado pelas duas é algo praticamente insuportável, que o leva a buscar soluções pouco ortodoxas, como compatibilizar a fé cristã e o pensamento marxista.

Ser marxista e cristão torna-se uma tarefa insuportável, ser um marxista cristão é uma contradição para muitos dos colegas de curso.

---

[5] Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/287. Acesso em: 12. jan. 2023.

A partir desse momento, o outrora estudante se transforma verdadeiramente num aluno, aquele que, segundo algumas interpretações, não tem luz, quieto, pensativo, amedrontado, envergonhado, com um nível cada vez maior de dúvida sem ter a quem recorrer, julgado por Deus e pelos homens como um incapacitado, percebe a academia como espaço de ampliação do sofrimento vivido.

Essa transição parece interminável, se é que existe um fim, tendo como ápice a seguinte pergunta: O que estou fazendo neste lugar?

A paixão e o entusiasmo vão gradualmente sendo substituídos por atos burocráticos destituídos de qualquer busca do conhecimento, e o alcance da nota mínima e a conclusão do curso passam a ser o objetivo imediato.

A criatura oprimida que vive num mundo sem coração, julgada e condenada como ignorante, descobre que a sua fé não existe, e se existisse não resolveria sua vida, nem aqui e nem depois da sua morte. Porque a “ciência” encarregou-se de demolir as suas esperanças!

Agora vive sem motivo para a vida e para a morte, e a academia que era vista como templo do saber, que levaria à liberdade, converte-se no templo da opressão, onde a sua vida é destituída de qualquer objetivo, tudo que pensava não vale, e só é válido o que alguém pensou, validado por um título acadêmico concedido pela própria seita dos opressores.

Aquela ideia de Deus apresentada em sua socialização é completamente esmaecida nos espaços acadêmicos por meio da aproximação dos autores que tomamos como base para o conhecimento a ser adquirido.

Esse caminho registrado fazia parte das angústias de outros alunos, alguns enfrentaram o problema filiando-se ao pensamento de algum “autor revolucionário”, voltando-se de forma feroz e insolente contra seus antigos colegas. A maioria destes filiava-se ao marxismo e outros poucos, muito poucos, ao anarquismo. Porém, a grande maioria ficava no meio do caminho e outros jogando de acordo com a regra. Ou seja, concluir o curso e alcançar o título.

É a capacidade de adaptação do ser humano ao seu meio uma das características fundamentais do *homo sapiens*. Foi a estratégia da pescaria que tornou a situação suportável, “pescar lambaris nas águas rasas e os jaús nas águas turvas”, a estratégia encontrada para dar sentido àquilo que não tinha nenhum sentido. Pescando de forma superficial e às vezes profunda os autores que pudessem estabelecer uma conexão entre a fé preexistente e o conhecimento científico, que ensaiava as primeiras aproximações.

Se Jesus é o pescador de almas e as leva para a salvação, é no intelectual “maldito”, acusado de subversão, de imoralidade etc., herdeiro da tradição foucaultiana, que vai encontrar a vara que permite a pescaria, ou seja, é na irreverência e demolição dos saberes instituídos que a compatibilidade entre fé e razão pode ser alcançada.

A vara mais eficaz para a pescaria é seguir o intelectual “maldito”, e como pode um “maldito” servir ao cristão?

O que se apresenta como um aparente paradoxo, na verdade, está de acordo com a tradição inaugurada por Cristo, pois foi em Maria Madalena que Jesus encontrou uma interlocutora privilegiada, e ao ladrão Dimas, que estava na cruz do calvário, que Jesus ofertou-lhe a vida eterna. A Bíblia não menciona o nome dos “dois ladrões” que foram crucificados com Cristo, um à sua direita, outro à sua esquerda (Mt:37:38; Mc 15:27; Lc 23:32 e 3; Jo 19:18). Mas, no evangelho de Nicodemos (Obra apócrifa produzida no período, pós apostólico), Capítulo 10, do mesmo evangelho apócrifo, Dimas é identificado como aquele que repreendeu os outros malfeitores por suas blasfêmias (Vir Lc 22:40-42).

Se os sábios da Terra se esforçam para destituir a sabedoria divina, são os loucos enviados para confundir os sábios que invadem o templo acadêmico. Abençoado por essas “maldições”, é possível encontrar algum espaço de liberdade, para pescar no imenso oceano chamado conhecimento.

Segundo Rotterdam:

> Depois deles vêm os filósofos, homens muito respeitáveis, seguramente, pela barba e o manto, homens que se orgulham de ser os únicos sábios da terra e que olham os outros homens como sombras vãs que se agitam na superfície do globo. Que prazer sentem eles quando, em seu delírio filosófico, criam no universo uma quantidade inumerável de mundos diversos; quando nos dão a grandeza do sol, da lua, das estrelas e das outras esferas com tantas exatidão como se as tivessem medido com uma régua ou com um barbante; quando nos explicam as causas do trovão, dos ventos, dos eclipses e outros fenômenos inexplicáveis, falando sempre com tanta confiança como se tivessem sido os secretários da natureza quando ela ordenou o mundo, ou como se acabassem de chegar de um conselho dos deuses! Mas essa natureza, infinitamente acima de todas as pequenas ideias dos filósofos, zomba deles e de suas conjecturas. Uma prova bastante evidente de que não possuem nenhum conhecimento certo é que mantêm entre si, sobre suas diferentes opiniões, disputas das quais nada se pode compreender. Não sabem absolutamente nada e orgulham-se de saber tudo. (ROTTERDAM, 2009, p. 84).

Rotterdam (2009) escreve que esses homens que não sabem de absolutamente nada e se orgulham de saber tudo e não conhecem a si próprios, ainda

existem e habitam tanto nas sinagogas como nas academias, são uma espécie bastante antiga denunciada por Jesus.

Como podemos notar, o problema vem de longe, Jesus teve que enfrentar os doutores das leis e os homens enfrentam-se entre si para dominar o saber. Depois de vinte anos longe da academia, o reencontro com a fé foi possível e é a partir dela que se busca conhecer; conhecimento destituído de vergonha, curioso e entusiasmado, pescando em cada autor um peixe, o alimento que fornece a proteína da vida.

Mesmo na seita mais sectária existe um campo de força cujos agentes estão em permanente disputa e a universidade também é palco dessa batalha.

Ao resenhar a obra de Max Weber, Guerreiro Ramos (1946) profetizou que o autor de ¨Economia e Sociedade¨ seria de importância vital para as futuras gerações, profecia feita, profecia cumprida. Foi o sociólogo alemão que delimitou um campo bastante preciso entre racionalidade e irracionalidade, libertando os agentes de um julgamento preestabelecido, aliviando o peso de sentenças condenatórias. Guerreiro Ramos ensina que no parágrafo inicial de ¨Economia e Sociedade¨, Max Weber (apud RAMOS, 1946, p. 13) diz:

> Por 'ação' deve entender-se uma conduta humana (quer consista em um fazer externo ou interno, quer em um omitir ou permitir) sempre que o sujeito ou os sujeitos da ação atribuem-lhe um sentido subjetivo. A 'ação social', portanto, é uma ação onde o sentido intencionado por seu sujeito ou sujeitos está referido à conduta de outros, orientando-se por estar em seu desenvolvimento.
> Há, por exemplo, a racionalização da contemplação mística, isto é, de uma atitude que, vista de outros departamentos da vida, é especificamente irracional, como há também racionalizações da vida econômica, da técnica, da pesquisa científica, treinamento militar, da lei e da administração. Além disso, cada um destes campos pode ser racionalizado em termos de valores ou fins inteiramente diversos, e o que é racional de um ponto de vista pode ser irracional de outro. Racionalizações do mais variado caráter têm existido em vários departamentos da vida e em todas as áreas de cultura. Para caracterizar as diferenças entre elas do ponto de vista da história cultural, é necessário saber que departamentos são racionalizados e em que direção.

Nessa acepção, a racionalidade ou a irracionalidade perde o caráter intrínseco e adquire sentido somente quando se objetiva um valor ou fim.

É necessário não confundir o conceito funcional de racionalidade e irracionalidade com aquilo que se poderia chamar de processo de racionalização. É verdade que muitos trechos de Max Weber estão redigidos de modo a permitir essa confusão. Todavia, uma leitura atenta deles verificará tratar-se simplesmente de homonímia. Toda a obra de Max Weber pode ser considerada como um estudo do

processo de racionalização da esfera da religião, da moral, do direito, da arte, da economia, política etc.

O *ratio* é, na história, um instrumento que tem servido para emancipar o indivíduo da tradição e para erradicar o medo do sagrado. Ele o é, por excelência. O entendimento deste princípio específico da racionalização, em Weber, permite o conhecimento correto dessa Sociologia. O seguinte trecho é, a nosso ver, básico para um perfeito entendimento daquilo que o autor chama de racionalização:

> A verdadeira dialética é a do racionalismo contra o tradicionalismo, a do movimento contra a inércia. Se se entende bem o princípio weberiano de racionalização ter-se-á captado, sem nenhuma sombra de dúvida, a significação verdadeira desta sociologia.
> Chamamos comunidade - diz Weber - a uma relação social quando e na medida em que a atitude na ação social - no caso particular, por termo médio ou no tipo puro - se inspira no sentimento subjetivo (afetivo ou tradicional) dos participantes de constituir um todo. Chamamos sociedade a uma relação social quando e na medida em que a atitude na ação social se inspira em uma compensação de interesses por motivos racionais (de fins ou valores) ou também em uma união de interesses com igual motivação. (RAMOS, 2014, p. 13).

Estaria essa racionalização presente nas igrejas Assembleias de Deus Ministério Madureira Campo de Carapicuíba?

O processo de empresarização das igrejas, um dos aspectos que introduzimos na pesquisa realizada em nível de Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Sociais (TCC)[6], seria um fenômeno subordinado ao campo religioso ou seria, na verdade, um processo mais amplo que representa um conjunto de transformações na sociedade?

Podemos atribuir a uma suposta degeneração mundana da ação dos dirigentes das igrejas, ou o que ocorreria seriam mudanças antropológicas que passam a moldar novos hábitos, práticas e costumes da sociedade?

Segundo André Sole (2004), pensador francês, professor da *École des Hautes Études Commerciales* (HEC-Paris), essa é uma teoria de cunho essencialmente antropológico. Diferente daqueles que acreditam que a sociedade moderna está centrada no mercado e sujeita à lógica utilitarista da racionalidade instrumental, Sole afirma:

> que a singularidade do mundo atual reside na singularidade da organização que o caracteriza. Nesse sentido, é um mundo organizado por (e para as)

[6] SILVA, Sergio Ribeiro. **A cultura organizacional da igreja Assembleia de Deus Ministério Madureira no Campo de Carapicuíba**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

> empresas. Daí propor a expressão empresarização do mundo para designar o processo antropológico (além da esfera econômica, social, política e cultural) através do qual a empresa aprende-se e organiza progressivamente as atividades humanas, de modo que por todo planeta, os humanos organizam-se cada vez mais em função da empresa. (SOLE, 2004a.)

A manifestação do mundo pode ser percebida de diversas maneiras, entre as quais sistemas de gestão e pela extensão da linguagem empresarial a todos os espaços organizacionais. Recentemente, os métodos, ferramentas e práticas comuns às empresas penetram nas organizações em geral de tal maneira que, pela primeira vez na história da humanidade, uma organização, a empresa, torna-se o modelo universal de organização de todas as atividades humanas.

Essa razão empresarial invade até mesmo os lugares sagrados, mais do que invadir, ela molda, subjuga e modifica a organização no sentido de transformá-la numa empresa. Não é diferente do que ocorre na Assembleia de Deus Ministério Madureira, segundo as palavras do seu pastor-presidente Jason Secundo Barreto.[7] Quando indagado sobre o processo de decisão e autorização para construção de novos templos, ele respondeu que:

> Diferente do que ocorria no passado, tudo é decidido com acompanhamento de técnicos e engenheiros e pela autorização expressa do pastor-presidente, diferente ocorria no passado onde as congregações tinham autonomia para decidir a forma de gerenciar o processo de edificação de um novo templo.

Este trabalho de pesquisa não visa analisar o processo de empresarização das igrejas evangélicas de uma forma geral, mas tão somente estudar a eventual ocorrência e traços característicos desse processo na Igreja Assembleia de Deus Ministério Madureira Campo de Carapicuíba.

Como estamos repetidamente usando o termo empresarização, cumpre, pois, esclarecer do que estamos falando. A melhor forma é demonstrar quais são os principais traços característicos de uma empresa; para tanto utilizaremos a definição de Solé (2004a apud GONÇALVES, 2007) a seguir[8]:

1) A empresa é uma organização salarial - A quase totalidade dos membros de uma empresa trabalha por dinheiro, por salário. Nesse sentido, a empresa emprega assalariados, que vendem seus serviços (como uma mercadoria) por dinheiro. Solé

[7] Entrevista com o pastor-presidente Jason Secundo Barreto. Entrevista integral no APÊNDICE C. Nas respostas do pastor, foram respeitadas as falas do entrevistado.

[8] Por se tratar de um texto longo e dada a sua importância para o tema de pesquisa, transcrevemos sem utilizar o modo citação.

(2004a apud GONÇALVES, 2007) deduz que a empresa implica em humanos que se vendem a outros humanos. Esses humanos (os assalariados) são juridicamente livres (não pertencem a outros humanos, não são escravos), porém, para sobreviverem, devem submeter-se a outros humanos, senão se tornam desempregados.

2) A empresa é uma propriedade privada - Os “meios de produção” de uma empresa, que permitem produzir e vender, pertencem juridicamente a um indivíduo ou a grupos de indivíduos, que não são os assalariados. Para Solé (2004a), a propriedade privada é uma relação entre aqueles que possuem e aqueles que não possuem. As privatizações podem ser entendidas como uma manifestação da empresarização, visto que transferem a interesse privados a propriedade "pública" da organização.
3) A empresa é dinheiro, capital e benefício econômico - A empresa diariamente comercializa via dinheiro seus produtos e serviços, seja com clientes, fornecedores ou fiadores. Dessa maneira, a empresa é uma organização humana que constitui uma "economia monetária", cuja existência requer essencialmente capital e lucro.
4) A empresa é uma organização com escritura e contabilidade - Para funcionamento de uma empresa, é imprescindível que se estabeleçam contratos escritos, documentos operacionais e, em particular, como o capital e o lucro são noções contábeis, que se registra através de instrumentos da contabilidade o comportamento da empresa em relação às suas contas.
5) A empresa é uma organização que concebe, produz e vende mercadorias - A empresa faz valer a “economia de intercâmbio”, na medida em que os bens e os serviços produzidos por ela tornam-se mercadorias para venda, destinadas à troca por dinheiro.
6) A empresa é um trabalho dividido e hierarquizado - Qualquer que seja o tamanho e a atividade da empresa, o trabalho sempre estará dividido e especializado por funções, tarefas, operações e processos. Devido à falta de uniformidade e equivalência na divisão e especialização do trabalho entre os membros, consolida-se, por intermédio da hierarquia, uma estratificação social dentro da empresa.
7) A empresa é uma entidade jurídica e legal - Uma empresa é uma entidade caracterizada por estatuto jurídico cuja existência é declarada e reconhecida

perante organismos públicos. Nesse sentido, a empresa é considerada como um conjunto de relações legais entre humanos.

8) A empresa é uma organização com linguagem própria - Solè (2004b) esquematiza a linguagem empresarial em: linguagem básica (cliente, fornecedor, mercado, concorrente, custo, preços de venda, lucro, competitividade etc.); linguagem especializada de ofícios ou funções na empresa (linguagem das finanças, linguagem do marketing etc.); e linguagem da moda (expressões anglo-americanas, como: *management, leadership, benchmarking, coaching, corporate governance* etc.).
9) A empresa é uma organização que supõe outra organização: o mercado - Na perspectiva de Solé (2004b), o mercado também é uma organização, ou seja, é um conjunto de relações entre vendedores e compradores de mercadorias. A empresa relaciona-se diretamente com esse tipo de organização, na medida em que bens e serviços que produz ou que são produzidos por outras organizações são comercializados em seu favor no âmbito do mercado.
10) A empresa é uma organização que supõe outra organização: o Estado - O Estado também é visto como um conjunto de relações específicas entre humanos, pois no mínimo, interage considerando-os “cidadãos" e "usuários" dos serviços públicos. Assim, sem propriedade privada, não há empresa, logo, não há empresa sem Estado. Todas as leis e regulamentações sob as quais está sujeita a empresa, inclusive as que fazem dela uma entidade legal, são decididas pelo Estado.

O quadro ora apresentado, sujeito a críticas, apresenta indícios que permitem desenvolver hipótese, pois estabelece minimamente a base para os estudos sobre o fenômeno da empresarização. O próprio Solé (2004b apud GONÇALVES, 2007) adverte que as análises derivadas dessa teoria devem considerar cada traço como uma condição necessária, mas não suficiente para se falar de uma empresa. Como se trata de uma teoria transdisciplinar, cada traço apresenta ao mesmo tempo, características das mais diversas áreas, não tendo, portanto, um caráter exclusivamente econômico, social ou político.

Ao longo do trabalho, vamos identificar os pontos de contato das características apresentadas por Solé (2004b apud GONÇALVES, 2007) e o que verificamos no cotidiano da gestão da igreja Assembleia de Deus Ministério Madureira Campo de Carapicuíba. Será essa a característica fundante?

Marca Identitária

Reconciliado com a fé e, nessa busca, com a ciência, empreendemos a realização deste trabalho.

Desde a mais tenra idade tive contato com a Assembleia de Deus, levado que fui para participar dos cultos pela dona Áurea, minha genitora, que foi por muitos anos congregada da igreja Assembleia de Deus do Ministério Madureira, Campo de Carapicuíba, na Vila Gustavo Corrêa, a qual pertence ao Município de Carapicuíba - SP. Já na fase adulta tomei conhecimento que a igreja Assembleia de Deus é a maior igreja pentecostal do planeta. De imediato surgem diversas questões: como uma igreja formada por pessoas de baixa renda e baixa escolaridade, com dirigentes em igual situação, pode se desenvolver mais do que qualquer outra? Se a membresia era tão pobre, como conseguiu edificar uma igreja tão poderosa? Como esses homens e mulheres, simples, sem escolarização, foram capazes de desenvolver uma cultura organizacional que pudesse expandir as fronteiras da igreja para além do território nacional?

Como afirma Francisco Cartaxo Rolim (1980)[9], essa firma igreja atuava principalmente entre as classes populares da sociedade brasileira. O seu corpo de fiéis era composto principalmente por pessoas simples sem qualificação profissional, analfabetas e ou com pouca instrução. Pessoas simples que, geralmente, a população geral das periferias urbanas, como: pedreiros, carpinteiros, cortadores de madeira, faxineiros, varredores de rua, eletricistas, balconistas, feirantes, empregadas domésticas, cozinheiras etc. Um segmento de mercado que as firmas protestantes, pelo seu caráter elitista, nunca quiseram atingir. Considerada gente ignorante e portadora de uma religiosidade “duvidosa”, sobretudo pela facilidade como assimilaram e incorporaram elementos de outras culturas propensas, portanto, ao sincretismo religioso.

Ainda segundo o autor, apesar de não saber ler, essa população sabia escutar, decorava a Bíblia e a recitava em seus discursos, contribuindo para o crescimento do número de fiéis por toda parte. Eles pregavam a mensagem pentecostal indiscriminadamente em toda e qualquer parte, sobretudo por leigos e no meio rural, mudando quando a migração campo-cidade se intensifica e, então, torna-se majoritariamente urbano.

---

[9] Cf. ROLIM, Francisco Cartaxo. **Religião e classes populares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

Na análise de Carreiro (2007), o pentecostalismo, na sua face democrática, abriu espaço, oportunizando a todos que tivessem interesse para se tornarem líderes, pastores, diáconos ou obreiros, pregando sua mensagem e abrindo sua firma religiosa de salvação. Outro aspecto do pentecostalismo diz respeito ao modelo administrativo e de comando das firmas, subordinado à autoridade do pastor-fundador que comandava a firma.

Diferentemente do catolicismo institucionalizado ou do protestantismo histórico, com modelo administrativo tipo congregacional, isto é, com autonomia e poder presente pertencente à comunidade de congregados, que exigiam formação teológica, no pentecostalismo assembleiano, todos tinham direito à voz e vez, por exemplo, um pedreiro, faxineiro ou carpinteiro podia assumir o cargo de pregador ou obreiro ou, ainda, assumir a posição de evangelista.

Segundo Rolim (1980), a Assembleia de Deus:

> abria em seus templos um espaço onde todos tinham suas vozes, e não apenas o pastor. Gente que nunca teve voz nos templos católicos e sempre foi mandada pelo vigário, descobriu agora uma igreja onde podia exprimir suas crenças, livremente e com espontaneidade. (ROLIM, 1980, p.184-186).

Foi diante dessas questões que decidimos empreender o estudo da cultura organizacional com foco na igreja Assembleia de Deus do Ministério Madureira Campo de Carapicuíba/SP.

Carapicuíba. História e o lugar

Você conhece ou já ouviu falar de Carapicuíba?

O lugar foi uma das doze Aldeias fundadas pelo Pe. José de Anchieta, oficializado em 12 de outubro de 1580, no século XVI. Na época, a região era habitada pelo povo indígena Guaianases (ou Guaianás), considerados como os primeiros indígenas moradores da região; ocupada em seguida, pelos povos indígenas Tupi e Guarulhos.

Imagem 1 – Aldeia de Carapicuíba - foto atual

Fonte: Elaborado pelo autor com base no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.[10]

Imagem 2 – Praça da Aldeia (sd)

Fonte: Elaborado pelo autor com base no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.[11]

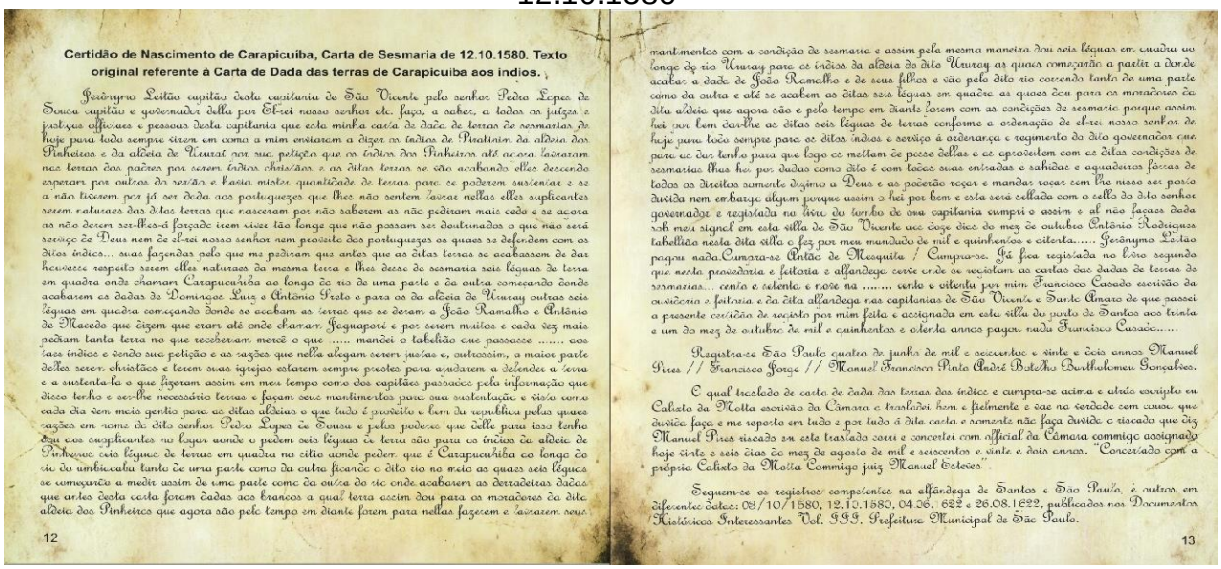
O que quer dizer Carapicuíba? Há muitas versões sobre o significado desse nome, como pau podre, aquele que se reúne em poços, cascudo, escamoso etc. Mas, segundo o professor Carlos Drumond, chefe do Departamento de Linguística e Línguas Orientais, a palavra carapicuíba vem de **cara** + **iba**, o nome de um peixe "cará comprido", ou seja: **cará** ou **acará**: peixe; **picú** ou ***pucú***: comprido; ***iba***: ruim. Ou seja, que não serve para ser comido por ser venenoso como o baiacu.

A versões sobre a história da cidade tanto quanto de seus proprietários. Entre doações das capitanias hereditárias, heranças e conflitos entre herdeiros, ocupações

[10] Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/carapicuiba/historico. Acesso em: 25 set. 2021.
[11] Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/carapicuiba/historico. Acesso em: 25 set. 2021.

sucessivas e incertezas territoriais quando ainda não havia jurisprudência ou termos de posse, as compras, vendas, transferências transcorreram de acordo com o grau de poder de seus requerentes. O registro de doação em Cartório, que data de 1961, torna controverso a origem das terras carapicuibanas, pois a Carta de Nascimento de Carapicuíba, Carta de Sesmaria, de 12.10.1580, atesta a doação das terras aos indígenas, sendo um dos raros documentos, praticamente desconhecido dos pesquisadores.

Imagem 3 – Carta de Nascimento de Carapicuíba, Carta de Sesmaria, de 12.10.1580[12]



Certidão de Nascimento de Carapicuiba, Carta de Sesmaria de 12.10.1580. Texto original referente à Carta de Dada das terras de Carapicuiba aos indios.

Jerônymo Leitão capitão desta capitania de São Vicente pelo senhor Pedro Lopes de Souza capitão e governador della por El-rei nosso senhor etc. faço, a saber, a todos os juizes e justiças officiaes e pessoas desta capitania que esta minha carta de dada de terras de sesmarias de hoje para todo sempre virem em como a mim enviaram a dizer os indios de Pirahitinin da aldeia dos Pinheiros e da aldeia de Ururay por sua petição que os indios dos Pinheiros ahi acima lavraram nas terras dos padres por serem indios christãos e as ditas terras se são acabando elles descendo esperam por outras de resão e basta mister quantidade de terras para se poderem sustentar e se a não tiverem por já ser dada aos portuguezes que lhes não sentem lavrar nellas elles supplicantes serem naturaes das ditas terras que nasceram por não saberem as não poderam mais cedo e se agora as não deram ser-lhes-á forçado irem viver tão longe que não possam ser doutrinados o que não será serviço de Deus nem de el-rei nosso senhor nem proveito dos portuguezes os quaes se defendem com os ditos indios... suas fazendas pelo que me pediram que antes que as ditas terras se acabassem de dar houvesse respeito serem elles naturaes da mesma terra e lhes desse de sesmaria seis léguas de terra em quadra onde chamam Carapucuhiba ao longo do rio da uma parte e da outra começando donde acabarem as dadas de Domingos Luiz e Antônio Preto e para os da aldeia de Ururay outras seis léguas em quadra começando donde se acabam as terras que se deram a João Ramalho e Antônio de Macedo que dizem que eram até onde chamam Jeguaporé e por serem muitos e cada dez mais pedram tanta terra no que receberam mercê o que ..... mandei o tabellião que passasse ..... aos ditos indios e sendo sua petição e as razões que nella alegam serem justas e, outrossim, a maior parte delles serem christãos e terem suas igrejas estarem sempre prestes para ajudarem a defender a terra e a sustentar-se o que fizeram assim em meu tempo como dos capitães passados pela informação que disso tenho e ser-lhe necessário terras e façam seus mantimentos para sua sustentação e visto como cada dia dem mais gentio para as ditas aldeias o que tudo é proveito e bem da republica pelas quaes razões em nome do dito senhor Pedro Lopes de Sousa e pelos poderes que delle para isso tenho hei aos supplicantes no logar onde o pedem seis léguas de terra ão para os indios da aldeia de Pinheiros seis léguas de terras em quadra no sitio onde pedem que é Carapucuhiba ao longo do rio do umbicabu tanto de uma parte como da outra ficando o dito rio no meio as quaes seis léguas se começarão a medir assim de uma parte como da outra do rio onde acabarem as derradeiras dadas que ambos ditos certos forem dadas aos brancos a qual terra assim dou para os moradores da dita aldeia dos Pinheiros que agora são pelo tempo em diante forem para nellas fazerem e lavrarem seus

12

mantimentos com a condição de sesmaria e assim pela mesma maneira dou seis léguas em quadra ao longo do rio Ururay para os indios da aldeia do dito Ururay as quaes começarão a partir a direita acabar a dada de João Ramalho e de seus filhos e vão pelo dito rio correndo tanto de uma parte como da outra e até se acabem as ditas seis léguas em quadra as quaes heu para os moradores da dita aldeia que agora são e pelo tempo em diante forem com as condições de sesmaria porque assim hei por bem e lhe ao ditos seis léguas de terras conforme a ordenação de el-rei nosso senhor de hoje para todo sempre para os ditos indios e serviço e ordenança e regimento do dito governador que para isso tenho para que logo os mettam de posse delles e os opponham com as ditas condições de sesmarias thus hei por dados como dito é com todas suas entradas e sahidas e aguadeiras forras de todos os direitos somente dizimo a Deus e as pessoas roçar e mandas roças com lhe nisso ser posto duvida nem embargo algum porque assim o hei por bem e esta seja cellada com o cello do dito senhor governador e registada no livro do tombo de sua capitania cumpri o assim e al não façaes dada sob meu signal em esta villa de São Vicente aos doze dias do mez de outubro Antônio Rodrigues tabellião desta dita villa o fez por mandado de mil e quinhentos e oitenta..... Jerônymo Leitão pagou nada.Cumpra-se Antão de Mesquita / Cumpra-se. Já fica registada no livro segundo que nesta provedoria e feitoria e alfandega serve onde se acostam as cartas das dadas de terras de sesmarias... centa e oitenta e nove na ..... certo e vitento por mim Francisco Casado escrivão da ouvidoria e feitoria e da dita alfandega nas capitanias de São Vicente e Santo Amaro de que passei a presente certidão de scripto por mim feita e assignada em esta villa do porto de Santos aos trinta e um do mez de outubro de mil e quinhentos e oitenta annos pagou nada Francisco Casado.....

Registra-se São Paulo quatro de junho de mil e seiscentos e vinte e dois annos Manuel Pires // Francisco Jorge // Manuel Francisco Pinto André Botelho Bartholomeu Gonçalves.

E qual treslado de carta de dada das terras dos indios e curupra-se acha-a e atraz escripto em Calixto da Motta escrivão da Câmara o trasladei bem e fielmente e sae na verdade com causa que duvida faço e me reporto em tudo e por tudo á dita carta e sornarte não faça duvida e riscado que diz Manuel Pires riscado em esta trasladado sarei e concertei com official da Câmara commigo assignado hoje dirte e seis dias do mez de agosto de mil e seiscentos e vinte e dois annos. "Concertado com a própria Calixto da Motta Commigo juiz Manuel Esteves"

Seguem-se os registros competentes na alfandega de Santos e São Paulo, e outros em diferentes datas: 08/10/1580, 12.10.1580, 04.06. 622 e 26.08.1622, publicados nos Documentos Históricos Interessantes Vol. XXX. Prefeitura Municipal de São Paulo.

13

Fonte: Câmara Municipal de Carapicuíba. (2014).[13]

No documento, o registro em São Paulo data de 4 de junho de 1622:

> Jerônymo Leitão, capitão desta capitania de São Vicente e Pedro Lopes de Souza, capitão e governador della por El-rei [...] aos índios dos Pinheiros [porque] lavraram nas terras dos padres por serem índios christãos, [para se sustentarem] e serem naturais da terra, [nasceram e para que] não sejam obrigados a irem tão longe e assim não poderem ser douyrinados [...] ao seis léguas de terra em quadra onde chama de"Carapuhiba" ao longo do rio, donde acabam as terras de João Ramalho e Antonio de Macedo até onde chegam a Jaguaporé. (Mantida a grafia do documento).

É um documento raro e precioso porque a titularidade das terras de Carapicuíba sempre esteve sob suspeição, de um lado porque havia a questão das doações em sesmarias nem sempre registradas ou quando o foram, ficaram perdidas

[12] Texto original referente à Carta de Dada das terras de Carapicuíba aos indígenas.

[13] CÂMARA MUNICIPAL DE CARAPICUÍBA. **540 anos de História - 1965-2015**. *In*: TENÓRIO, Pedro. 1. ed. Carapicuíba, SP: Câmara Municipal, 2014, p.12-13.

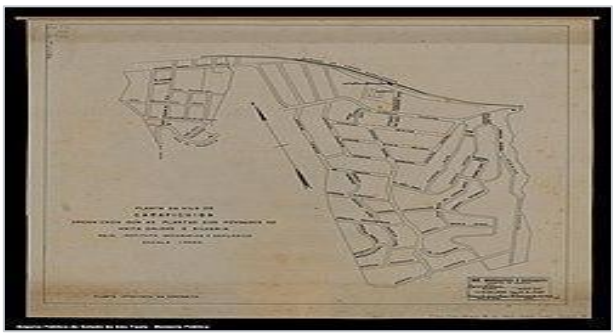
entre tantas documentações e, por outro, sempre houve grilagens no amplo território nacional e há documentos e documentos, cada qual alegando veracidade. Esta pesquisa de mestrado proporciona essa descoberta, valiosa tanto como fonte de informação quanto como documento histórico.

O perfil da cidade mudou com a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana (1928) quando se tornou Distrito Policial. De clima excelente e terras ótimas para a cultura de batatinhas, cereais, legumes e hortaliças, além de castanheiro europeu e amoreira, pertenceu ao distrito do Município de Cotia, de São Paulo (reteve parte das terras, atual COHAB) e de Barueri, conquistando autonomia em 26/03/65.

Mapa 1: Estrada Barueri-Carapicuíba

Fonte: Elaborado pelo autor com base na plataforma youtube.[14]

Mapa 2 – Núcleo urbano da Vila de Carapicuíba, 1949



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Imagem 4 – Vila de Carapicuíba

[14] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4e1B9QYMIvs. Acesso em: 12 jan. 2022.

Fonte: Por Benedito Junqueira Duarte (*government press official)* - Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo.[15]

Imagem 5 – Estação ferroviária

Fonte: Elaborado pelo autor com base na plataforma youtube.[16]

Imagem 6 - Vista Geral do centro da cidade

Fonte: Elaborado pelo autor com base no site wikipedia.[17]

A escolha do estudo no Município de Carapicuíba, cidade metropolitana da

15 Disponível em: http://www.acervosdacidade.prefeitura.sp.gov.br/PORTALACERVOS. https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=92584299.

16 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4e1B9QYMIvs. Acesso em: 12 jan. 2022.

17 Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Carapicu%C3%ADba. Acesso em: 5 ago. 2022.

região de São Paulo, foi pela constatação da relevância da igreja Assembleia de Deus (AD) no Município e a sua importância na Assembleia de Deus em todo território nacional e no exterior, tendo em vista que a Assembleia de Deus Ministério Madureira Campo de Carapicuíba chegou, no seu auge, a contar com duas mil e quatrocentos e setenta e quatro igrejas, segundo os dados fornecidos pela própria instituição e que serão aferidos ao longo da pesquisa

Além disso, há fortes indícios de que a expansão das ADs pelo território nacional teve uma grande participação do Campo de Carapicuíba/SP.

Entendemos que, para responder às questões formuladas na pesquisa, é preciso levantar hipóteses, estabelecer metas preliminares, como segue.

Partimos da leitura, da codificação dos dados da pesquisa de campo, sistematização e análise, além das observações empreendidas durante a elaboração do TCC. A partir da problematização a respeito do Campo que está sendo indagado "Qual é a cultura organizacional da igreja Assembleia de Deus do Ministério Madureira no Campo de Carapicuíba?", outras indagações surgiram, como a que se deve a rápida e singular expansão do Campo de Carapicuíba, atualmente considerado um dos maiores do país? O empoderamento se desvela na cultura organizacional? A especificidade do processo de empresarização das ADs no Campo de Carapicuíba se deve às características diferenciadoras quanto ao franqueamento? Quais são os sujeitos cujo protagonismo impõe características tão diferenciadas nesse Campo? Qual é o papel que exerce a localização das ADs em territórios considerados periféricos, como o de Carapicuíba, ocupados principalmente pelas populações pobres? Essas indagações se constituíram, inicialmente, nos eixos desta pesquisa.

Neste trabalho de pesquisa, buscamos identificar e estudar a cultura organizacional da igreja Assembleia de Deus Ministério Madureira, um Estudo de Caso com foco no Campo de Carapicuíba, mapeando a história desta instituição, desde a sua fundação até os dias atuais, a estrutura para a formação de um templo, a trajetória percorrida por um membro até ocupar um cargo ministerial, como funcionam os pleitos para escolher uma nova diretoria, os costumes e tradições culturais que a liderança tem sobre os pastores, missionários, evangelista e sobre seus membros, além da organização e funcionamento dos cultos e liturgias. Para tanto, conceituamos pentecostalismo, seus desdobramentos, as novas roupagens com que se apresenta na atualidade.

Muitas vezes, o estudo da ordem burocrática legal diz pouco a respeito de uma

instituição, especialmente quando estamos falando de uma organização descentralizada numerosa, espalhada por todo território nacional e sem a presença de uma figura centralizadora.

Não vamos estudar como as coisas são administradas e ordenadas pelos seus estatutos, mas principalmente como elas são realizadas no seu cotidiano, por isso a distinção entre estudo da estrutura organizacional e estudo da cultura organizacional, pois é esta última que nos interessa a fim de desvendar como as coisas são feitas, manifestando-se na cultura da instituição – a cultura organizacional. Assim, segundo Robbins (2002, p. 240): "Cultura organizacional se refere a um sistema de valores compartilhados pelos membros que diferem uma organização da outra."

Podemos, ainda, definir cultura organizacional como um conjunto de valores, atitudes, missão, crenças, expectativas e diretrizes existentes dentro de determinada instituição, que a difere das demais existentes. Esse conjunto de características únicas constitui a forma como a organização se relaciona com seus funcionários, público-alvo, parceiros, concorrentes, bem como o seu posicionamento diante das variáveis externas, cada vez mais presentes em nosso processo de globalização.

Por meio da cultura organizacional, há o compartilhamento dos ideais e comportamento institucional, para que os objetivos empresariais sejam alcançados com eficácia.

Segundo Curvello et al. (2012, p.14):[18]

> Através da instância da cultura organizacional é possível captar a lógica das relações internas, suas contradições, suas mediações, para melhor compreender os estágios administrativos, os sucessos e fracassos organizacionais e as facilidades ou dificuldades impostas às mudanças institucionais. (CURVELLO, 2012, p. 14).

Para Chiavenato (1999), a cultura organizacional é a reunião de hábitos e crenças, por meio de atitudes, valores e expectativas compartilhadas entre os integrantes de uma instituição, que caracteriza sua mentalidade e modo de agir dentro do ambiente interno e externo.

Embora cada um dos autores tenha sua maneira própria de expressar a definição da cultura organizacional, percebemos sua importância no sentido de conhecer a essência da instituição, analisar quais mecanismos são utilizados para o alcance da missão, multiplicando os conceitos às equipes e alinhando possíveis

---

[18] CURVELLO, J. J. A *et al.* Cultura Organizacional e comunicação interna na administração pública federal pensadas a partir da classificação de ouvir, informar, mobilizar e educar. **Revista Científica de Comunicação Social do Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH) e-Com**, Belo Horizonte, v. 14, 2021.

divergências, contribuindo, consequentemente, para a formação da imagem desejada pela empresa.

Nesta pesquisa, vamos buscar a existência de traços característicos que aproximem a visão empresarial da cultural organizacional no âmbito da administração da igreja Assembleia de Deus Ministério de Madureira Campo de Carapicuíba. Concordamos acerca do que Carreiro (2014) escreve:

> Contudo, tão importante quanto a estrutura organizacional é a cultura organizacional presente nas instituições. É ela quem dá o tom à organização. De um modo bem simples, falar de cultura organizacional é falar de um sistema de valores compartilhados pelos membros de uma dada organização em todos os níveis. Refere-se a um conjunto de características-chave que a organização desenvolve, compartilha e utiliza no interior da vida institucional, podendo ser ou não intencional. Todas as organizações, independentemente do tamanho, do segmento em que atuam e dos bens ou serviços que produzem, possuem cultura organizacional, formalmente instituída ou não. (CARREIRO, 2014, p. 11- 12).

Tanto a cultura organizacional quanto a sua viabilidade na cotidianidade são importantes para compreender como a estrutura das igrejas funciona e promove as mudanças, acolhe e mantém seus fiéis e, sobretudo, conseguiu se expandir a partir do Campo de Carapicuíba/SP. O difícil e complexo trabalho de pesquisa, com as suas limitações e exigências, não se completa porque a cada hipótese respondida, novas perguntas surgem, abrindo novas veredas.

Vamos empreender a nossa pesquisa buscando fugir dos estereótipos comuns tão bem apontados por Juliano Spyer:

> Diferente dos estereótipos comuns que compõem a imagem desses religiosos para quem os vê de fora e de longe, muitos dos evangélicos que conheci não eram pessoas que sofreram lavagem cerebral ou que não tinham senso crítico – quem convive nas igrejas sabe como existe muita contestação e que as decisões do pastor geralmente são debatidas e questionadas – e que, querendo melhorar de vida, não faziam carreira na igreja. Tinham seus empregos, abriam negócios, faziam isso às vezes em paralelo, emprego e microempresa, e ainda estudavam e cuidavam dos filhos. (SPYER, 2020, p. 205).[19]

Se o pastor não fazia “o que bem entendia”, além de “não fazer carreira” na igreja, de onde vem esse espírito de liderança para onde convergem os olhares e a atenção dos fiéis?

A coleta de dados neste trabalho baseou-se na metodologia de estudos de casos, que propicia trabalhar com dados descritivos, além de possibilitar um enfoque

[19] Cf. SPYER, J. **Povo de Deus**: Quem são os evangélicos e por que eles importam. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

da realidade complexa, trazendo à tona as memórias de participantes com histórias de vida, como o rico depoimento do pastor-presidente, que preenche lacunas no incipiente acervo das paróquias, com exceção das atas dos congressos. No caso desta pesquisa, a voz dos paroquianos desvela as condições concretas do funcionamento das ADs, na sua diversidade, singularidade e identidade. Além disso, constituem dados coletados:

- O levantamento de fontes documentais como as imagens e mapas, acrescentando dados constitutivos das atas de fundação da igreja no Brasil, que apresentavam traços característicos desse processo que a assemelhavam à empresarização, conforme Solé (2004a apud GONÇALVES, 2007), mas que apresentam singularidades na Assembleia de Deus Ministério Madureira Campo de Carapicuíba;

- As mudanças que ocorreram nos templos foram atualizadas com a coleta de fotos produzidas pelo autor, além de levantamento nos Cartórios de Registro de Imóveis sobre a regularização do prédio dos templos de ADs para a verificação da cultura organizacional;

- O levantamento da inscrição municipal e regulamentação da existência de igrejas no município;

- Foram realizados diversos diálogos com pastores e membros da igreja, de forma geral.

A partir de um quadro teórico inicial, foi possível a descoberta de novos elementos ou dimensões que enriqueceram o trabalho de pesquisa, pois a especificidade das situações estudadas ganhou relevância quando analisada em seu contexto mais amplo, como o Campo de Carapicuíba no contexto das ADs.

O foco restrito e o recorte da realidade possibilitaram aprofundar e revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação ou problema, focalizando-o como um todo: dados sobre o Município de Carapicuíba/SP (movimento populacional/composição da população); localização das igrejas/nível socioeconômico.

A variedade de fontes de informação favorece e enriquece a pesquisa, como as entrevistas, documentos históricos (atas das convenções e imagens), principalmente a Certidão de Nascimento de Carapicuíba, datada de 1580. Além disso, as imagens colocam o leitor no tempo e espaço da narrativa, como as igrejas

dos bairros, dos mais antigos aos mais recentes e as imagens das placas das igrejas que afirmam pertencer ao Campo de Carapicuíba, corroborado pelo número de suas igrejas.

O trabalho, em suas diretrizes gerais, está organizado da seguinte forma:

Na Introdução, relata-se a trajetória percorrida pelo autor desde seu ingresso no curso de Ciências Sociais na Instituição (PUC/SP), sua apresentação aos teóricos da área, suscitando conflitos com que se deparou – sua fé e o que buscar nesse curso. Ao buscar a racionalização em Max Weber, procurou superar tais conflitos no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Reconciliado com a fé e, nessa busca, com a ciência, mais estudos e pesquisas, empreendeu a realização deste trabalho de dissertação de Mestrado: A história e o lugar onde a vivência de conhecer desenvolveu o olhar sobre Carapicuíba como morador e aguçou como pesquisador.

O Capítulo 1, Pentecostalismo e a Histórica da formação de Assembleia de Deus, é dedicado a estabelecer o conceito de Pentecostalismo e seus desdobramentos, buscando evidenciar suas características que o diferenciam do protestantismo histórico. O desenvolvimento no Brasil o torna parte do movimento migrante das décadas de 1960 e 1970, a grande leva de populações que saíram do campo para os grandes centros urbanos.

No Capítulo 2, Cultura Organizacional, apresentamos a história da formação da igreja Assembleia de Deus no Brasil, contextualizando o processo desde a quebra do monopólio estatal no mercado religioso, o que propiciou a livre concorrência no mercado da fé, enfrentando forte oposição de outras esferas de poder como os católicos, protestantes históricos e até mesmo de autoridades governamentais. As dificuldades no decorrer da institucionalização, conflitos internos, a origem do nome ou as mudanças provocadas pela falta de pastores e/ou obreiros contribuíram para as adaptações necessárias que resultaram no surgimento de assembleias, diversas, sem um foco centralizador, mas mantendo a identidade na realização dos cultos, no acolhimento às populações pobres sem distinção de classe, cor ou gênero. Ao estabelecer uma rotina, teria propiciado o empoderamento de suas lideranças, os pastores-presidentes, aos quais cada localidade se reportava na busca de orientações?

O capítulo 3, Complexo organizacional, dedica-se à pesquisa sobre as características que tornam as ADs tão singulares, apesar da expansão rápida

ocupando espaços em locais onde demandou, adaptando-se às cores dessas comunidades. Daí, nos perguntamos: assembleia ou assembleias? O que as tornam singulares e o que as tornam tão plurais? A que se deve a expansão do Campo de Carapicuíba?

Nas Considerações Finais, retomamos as análises e reflexões sobre o Campo de Carapicuíba, o cenário em que as Assembleias de Deus alcançaram terras longínquas. O que os levou a tantos lugares distantes levando o nome de Campo de Carapicuíba? O que diferencia esse Campo dos demais Ministérios? Há outros fatores que contribuem para a expansão do Campo de Carapicuíba, apresentados neste trabalho como hipóteses e que necessitam de maior aprofundamento.

Para averiguações dos pesquisadores, anexamos o Histórico da formação das ADs, a expansão do Campo de Carapicuíba e a entrevista com o Pastor-presidente, Jason Secundo Barreto.

CAPÍTULO 1

PENTECOSTALISMO E A HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DE ASSEMBLEIA DE DEUS

Neste Capítulo, discute-se o conceito de Pentecostalismo e seus desdobramentos, buscando evidenciar suas características que o diferenciam do protestantismo histórico. Embora fazendo parte do movimento protestante, o pentecostalismo apresenta características absolutamente distintas do protestantismo histórico, segundo descreve James Washington.

Segundo a versão oficial da igreja, tudo se inicia com o encontro de dois jovens, Daniel Berg e Gunnar Vingren, ambos batizados com o Espírito Santo e com a convicção de que têm um chamado para serem missionários da Palavra de Deus. Eles estavam dispostos a partilhar do pentecostalismo iniciado na Rua Azusa, nos Estados Unidos (EUA), na Suécia e em outros países e, segundo a versão oficial da igreja, em um dos cultos foi revelado que eles iriam para o Pará.

Sem questionar a versão oficial da igreja, não podemos nos furtar de indicar que a atividade de extração da borracha no norte do país, nas primeiras décadas do século XX, atraiu muitos imigrantes norte-americanos, além de trabalhadores, segundo Silva (2014). Belém do Pará era uma cidade pujante economicamente e dotada de uma intensa vida cultural.

Chegados a uma terra estranha, os missionários conheceram Adriano Nobre, membro da Igreja Presbiteriana de Belém, que tinha conhecimento com o idioma dos missionários. Estabelecendo um diálogo, Nobre descobriu que os recém-chegados eram da Igreja Batista, logo foram levados até o templo e apresentados ao pastor Erick Nilson.

Quando começaram a pronunciar palavras no idioma local, falaram sobre o Espírito Santo, pois, mesmo sendo batistas, acreditam no poder de Deus e adotaram o pentecostalismo como direção para suas pregações.

Para Santos (2019), o capital cultural acabou por ser um atrativo de distinção entre as igrejas protestantes, evidenciando a ruptura entre as protestantes históricas e pentecostais. Nas primeiras, o primado é pela formação de uma comunidade ética que entendesse em primeiro lugar a Bíblia, e estivesse disposta a estudá-la e a se colocar como ouvinte atenta a pregações de cunho mais expositivo. Tese corroborada

por Antonio Gouvêa Mendonça (1984)[20]:

> Mas, apesar de encontrar brechas no campo religioso e de sua teodicéiaapresentar aspectos positivos para a camada social que a recebeu, o protestantismo não triunfou. Forças negativas internas, como seu excesso de institucionalização e seu intelectualismo, assim como externas, representadas pela contracultura que representava, limitaram os protestantes a pequenos e esparsos grupos fechados. (MENDONÇA, 1984. p.162).

Sua formação bíblica requer a leitura da base doutrinária, que era feita mediante estudos – isso também dificultava às classes mais pobres a ascensão de seus membros aos postos de liderança dessas igrejas.

> O pentecostalismo, por sua vez, formou-se em torno de uma concepção geral de que a leitura bíblica deveria ser para a observância de preceitos religiosos fundamentais, como a rejeição a outras religiões; a manutenção de uma pureza institucional; e o domínio dos dons espirituais – este último, fundamento verdadeiro de uma prática cristã ativa. Por isso, o seu maior engajamento em uma parcela mais pobre e iletrada. (SANTOS, 2019, p. 126).

As características do pentecostalismo estão mais próximas da tradição da igreja Batista descrita por Antonio Gouvêa Mendonça (1984):

> Mas como essa experiência religiosa é alimentada principalmente pela leitura e interpretação pessoal da Bíblia, eles são levados a desvalorizar um clero academicamente preparado. [...] e os sacramentos como meios exclusivos de graça, realizando-os só no sentido de ordenanças, assim como os credos e confissões de fé que só servem para tirar a liberdade de interpretação pessoal da Bíblia. O único credo batista é o Novo Testamento interpretado diretamente pelo fiel. É uma vigorosa recusa de qualquer autoridade, seja pessoal ou escrita. (MENDONÇA, 1984, p. 205).

Para Almeida e Lobo:

> São chamados de pentecostais porque assumem o batismo nas ‘águas’ e no ‘Espírito Santo’, o que capacita seus membros a exercerem a glossolalia, o que quer dizer ‘falar em língua estranha’. Além do mais, seus cultos assumem maior expressão de emotividade, distante da liturgia racionalizada das tradicionais. A base bíblica e teológica para esse procedimento religioso se encontra no Novo Testamento da Bíblia Sagrada, mais precisamente no livro de Atos, capítulo 2, versículo 3 e 4. (ALMEIDA; LÔBO, 2014, p. 113).

O que é considerado pentecostal para esses autores é aquele que passou pelo batismo nas águas, consequentemente, o batismo no Espírito Santo. As falas e expressões que acontecem nos cultos pentecostais têm como pano de fundo a emoção, distanciando-se da liturgia tradicional. Todavia, o que faz os cultos pentecostais serem conhecidos pelo barulho e gritarias nada mais é, segundo seus membros, que o livre agir do Espírito Santo.

De acordo com Oliveira, Arruda e Costa Júnior (2014):

---

[20] MENDONÇA, A. G. **O celeste porvi**r: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984.

> De onde vem todo este fervor? Diria Durkheim (1996:228) de uma força moral que desperta um sentimento que liga o fiel ao seu culto, pois este participa do culto cantando, pregando, 'glorificando'. É uma ocasião para falar com Deus de suas dificuldades com a roça, com os animais, de pedir proteção ao navegar pelos rios durante o período da cheia; de estar em comunhão com Deus e com os demais fiéis. (OLIVEIRA; ARRUDA; COSTA JÚNIOR, 2014, p. 132).

Para esses autores, a manifestação de adoração a Deus para os membros da igreja os faz se sentirem com liberdade para pedir proteção, contar suas angústias e manter sua comunhão com os demais irmãos do grupo ao qual eles pertencem, sentem-se entre iguais, o que lhes dá conforto.

Segundo Oliveira (2014):

> Adriana Valle-Höllinger e Franz Höllinger (2003) indicam três principais elementos nos quais se manifesta essa continuidade: 1) a experiência do transe espiritual através de rituais fortemente emocionais, 2) a ênfase na cura espiritual e na solução dos problemas essenciais dos fiéis, e 3) o carisma das lideranças religiosas. Eles explicariam boa parte do sucesso dos grupos pentecostais. (OLIVEIRA, 2014, p. 30).

Abordar o movimento pentecostal é, na verdade, uma tentativa de descrever um campo bastante amplo no mercado religioso, mas, em linhas gerais, podemos tomar a seguinte informação como uma base comum ao que é denominado pentecostal, como afirma Oliveira (2014):

> Os pentecostais formam um movimento diversificado e em constante evolução. Ainda assim, resumidamente, podemos caracterizá-lo 1) doutrinariamente: ligado ao passado apostólico bíblico, ligado ao futuro apocalíptico, leitura bíblica literal, ênfase em profecias e revelações, batalha espiritual, aberto aos dons sobrenaturais atribuídos ao Espírito Santo. As principais características 2) sociológicas seriam: proselitista, senso de coesão e dignidade pessoal, ênfase na experiência e nas emoções, liderança personalista, pouca participação dos fiéis na esfera decisória e na administração das finanças [...]. (OLIVEIRA 2014, p. 30).

No Brasil, quais características do movimento pentecostal prevaleceram? Quais delas as identificam como movimento brasileiro?

1.1 Pentecostalismo no Brasil

O pentecostalismo brasileiro tem sua origem nos Estados Unidos, dialogando com a tradição inaugurada na famosa e conhecida rua Azusa. Embora tenha adquirido características peculiares no caso brasileiro, o pentecostalismo surge em terra pátria influenciado diretamente pela sua matriz americana.

De acordo com Alencar (2014):

> O pentecostalismo vem dos EUA trazido por europeus brancos, mas nasce

> entre negros com ampla participação de mulheres inclusive na liderança, isso também ocasionou muitos preconceitos contra o pentecostalismo. Sexismos e racismos foram fortes elementos neste caso, mas exacerbado proselitismo pentecostal também contribui para sua inadequação entre os protestantes tradicionais. (ALENCAR, 2014, p. 53).
> O movimento pentecostal moderno é herdeiro da Azusa Street? Mito fundante como muitos outros, mas com uma razoável viabilidade, pois, diversos outros grupos e movimentos são caudatários deste, mas existem muitos outros movimentos e fenômenos anteriores à Azusa. Há inúmeros fenômenos ao longo da história cristã que poderiam ter esse carimbo: as manifestações do 'movimento do Espírito' Joaquim Fiore, a leitura bíblica do pietismo alemão, as reuniões de oração do metodismo inglês e o 'papel dos leigos, inclusive das mulheres' (Gerest, 1977:19) nos reavivamento nos EUA, desde o século XIX, bem antes da Azusa, bem como manifestações de glossolalia, curas e outros dons na Europa. (ALENCAR, 2014, p. 47-48).

Para o autor, o mito fundante do pentecostalismo originário da rua Azusa não impede que se enfatizem os muitos outros movimentos e fenômenos que antecederam à Azusa. Ao invés de se opor às experiências anteriores, reforçam a experiência da rua Azuza, pois nela estão sintetizados os aspectos do período anterior

O pesquisador Juliano Spyer (2020) aponta a similaridade entre o solo histórico e social do desenvolvimento do pentecostalismo norte-americano e brasileiro:

> O pentecostalismo nasceu em uma igreja abandonada em Los Angeles em um contexto de grande migração de trabalhadores rurais de outras partes dos Estados Unidos e de outros países para a Califórnia. Similarmente, no Brasil, a popularização das igrejas pentecostais nos anos 1970 e 1980 aconteceu em paralelo com um fenômeno migratório sem precedentes no país, no qual trabalhadores rurais do Norte e Nordeste buscavam oportunidades nas cidades do Sul e do Sudeste. Partindo de dados semelhantes a estes, o historiador americano Mike Davis escreveu que o pentecostalismo é 'a resposta cultural mais importante para a urbanização explosiva e traumática' na América Latina. Este livro se propôs, desde o início, a não explicar a adesão ao pentecostalismo apenas por motivações instrumentais. Pesquisadores que presenciaram cultos pentecostais reconhecem que a conversão envolve mais do que a busca racional por melhora de condições materiais; ao mesmo tempo vemos como o pentecostalismo (e mais recentemente o chamado neopentecostalismo), brota e se desenvolve em ambientes de 'urbanização explosiva e traumática'. Nesse sentido, o crescimento desta tradição do protestantismo no Brasil também será condicionado pelo sucesso ou fracasso de ações de combate à desigualdade social. (SPYER, 2020, p. 219).

João Sette Witaker Ferreira (2022), no seu artigo "A forma urbana patrimonialista: limites da ação estatal na produção do espaço urbano", afirma que:

> Se entendermos o Estado como forma-política derivada de determinada sociabilidade, na mesma lógica proposta pelo debate da derivação do Estado, podemos assumir que o Estado que deriva do capitalismo keynesiano não é o mesmo daquele que deriva do capitalismo periférico dependente, um outro capitalismo dentro do capitalismo. Da mesma maneira, podemos dizer que a forma-urbana também deriva de determinada sociabilidade e que, assim, as cidades no capitalismo desenvolvido são a

> forma urbana que deriva de uma sociabilidade completamente diferente da nossa, não podendo ser transferida para o Brasil. A compreensão do urbano depende, portanto, do estudo das dinâmicas que caracterizam o 'capitalismo particular' brasileiro e sua derivação política (o Estado), algo que os intérpretes da formação nacional já vêm fazendo há muito tempo. Somente a partir desse exercício, torna-se possível explicar as peculiaridades e vicissitudes da produção do espaço urbano no nosso país. (FERREIRA, 2022, p. 14-24).

Como pontua Deák (2016, p. 168 apud FERREIRA, 2022, op. cit.), "descrever, entender ou interpretar o processo de urbanização do Brasil implica na verdade, descrever, entender e interpretar a natureza da sua própria sociedade."

Seguindo a mesma trilha, acreditamos que o pentecostalismo brasileiro deva ser estudado, como afirmou o historiador e urbanista norte-americano Mike Davis: a resposta mais importante para a urbanização explosiva e traumática na América Latina. A nosso ver, tal afirmação se aplica plenamente ao Brasil.

O movimento pentecostal iniciado na rua Azusa tem pouco mais de um século e, embora represente um fenômeno que se espraiou pelo planeta, ele finca as suas bases nos territórios urbanos onde a segregação socioespacial foi legitimada e naturalizada, colocando em xeque a viabilidade da sua superação.

O quadro dramático e difícil de ser enfrentado é muito bem descrito por João Setter Witaker Ferreira (2022), quando se refere ao atraso brasileiro que alimenta o moderno e também indica que as elites apresentam um padrão de dominação urbana alimentada pela segregação urbana estrutural:

> Essa dinâmica se estrutura em dois aspectos: o da produção em si do espaço desigual e o da manutenção da desigualdade funcional, por meios permanentes e institucionalizados de coação. Não podemos arguir que seja pontual ou mesmo decorrente de 'erros'. Não, a produção patrimonialista do espaço é desejada, eficazmente funcional e permanente. Quanto ao primeiro aspecto, a produção do espaço urbano se dá por uma lógica segregadora, comandada não por 'interesses públicos', mas pelos interesses das elites, que conduzem seu crescimento segundo suas decisões, utilizando-se do aparato estatal, como mostra Flávio Villaça (1998). Dentro do aparato estatal, há um direcionamento às avessas da 'ação 'pública', promovendo-se exatamente o oposto do que a lógica do Estado regulador ensejaria. Quem nele atua, por mais que queira trabalhar pelo 'bem público', enfrenta uma máquina azeitada durante séculos para funcionar justamente no sentido oposto, dificultando qualquer iniciativa, tornando os procedimentos nebulosos, burocratizados e marcados pelo clientelismo, pela corrupção e pelo favor, marcas indeléveis do patrimonialismo. Assim, as cidades já nascem excludentes pela lógica proposital de distribuição heterogênea das infraestruturas, excluindo a população pobre das áreas urbanizadas, crescendo por lógicas opostas à racionalidade de adensamento populacional, usando a segregação como instrumento permanente de dominação. (FERREIRA, 2022, p. 18-19).

Na perspectiva das análises feitas até o momento, o movimento pentecostal

representa uma resposta pela via da religião a este permanente processo de exclusão, deixando absolutamente claro que a exclusão não é a única força a impulsionar o seu desenvolvimento, o pentecostalismo é um movimento baseado nas camadas mais pobres da sociedade e sem uma teologia fortemente estruturada, elementos que constituem um verdadeiro traço distintivo do pentecostalismo.

Almeida e Lôbo (2014) afirmam:

> Em todos os lugares onde aparece, o pentecostalismo apresenta-se como a forma 'proletária' do protestantismo. Ao lado de comunidades e denominações mais antigas, aburguesadas ou em vias de aburguesamento, ele espanta por seu caráter muito mais popular. Esse caráter é mantido pela persistência e o crescimento de suas conquistas entre classes menos afortunadas. No Brasil, o fato [é] que as Congregações têm seu centro. Mais poderoso no grande pólo operário de Sorocaba tenderia a dar, ao observador, uma aparência de denominação obreira. (ALMEIDA; LÔBO, 2014, p.115).

Essa ausência de uma teologia detalhadamente elaborada não significa a expressão da fraqueza deste movimento, ao contrário, é justamente este fato que permite que o pentecostalismo seja tão permeável às mudanças. Pommerening (2014)[21] escreve:

> O pentecostalismo, embora consiga atrair adeptos no Brasil, tem sérias deficiências em sua formulação teológica formal. Sua teologia é basicamente de tradição oral e, portanto, volúvel e adaptável às exigências sociais, mercadológicas e religiosas. Esta tendência é sua maneira de se manter no meio religioso e continuar atrativo [...]. (POMMERENING, 2014, p.102).

Essa característica do pentecostalismo também é verificada na Igreja Assembleia de Deus. Assim, segundo Santos (2019):

> Por outro lado, quando práticas religiosas são percebidas como oportunidades de crescimento e fortalecimento institucional, estas são absorvidas. Foi assim que as Assembleias de Deus se tornaram extremamente polissêmicas. Com congregações mais rígidas nos costumes e outras mais liberais; algumas mais afeitas ao ecumenismo, outras nem tanto; umas prontamente arminianas, outras, pelo menos no discurso, mais calvinistas do que poderiam ser. Todas elas foram inseridas em um grande 'guarda-chuva' e colocadas dentro de um imaginário religioso de uma matriz doutrinária forte, que não se rompe. Esta é a doce ilusão de um movimento que nasceu partindo denominações e se reproduz a partir de suas próprias fissuras. (SANTOS, 2019, p. 56).

Essa flexibilidade permitiu o desenvolvimento de uma cultura organizacional que se molda de acordo com as demandas do mercado religioso. Nesse sentido, o que poderia ser visto como falta de aptidão para desenvolvimentos posteriores

---

[21] POMMERENING, C. I. Uma Proposta de Teologia do Espírito para o Pentecostalismo Clássico a partir de Jürgem Moltmann". In: VII Congresso Internacional em Ciências da Religião: a religião entre o espetáculo e a intimidade, 2014

representa, na verdade, uma característica que permitiu perenidade e o desenvolvimento do movimento. Como ensina Carreiro (2007):

> É evidente que as organizações encontram-se inseridas em atmosferas sociais maiores que lhes apresentam alterações e exigências; é evidente também que elas precisam ajustar-se continuamente de forma a atender às novas demandas sociais que se apresentam. Esse ajustamento não acontece quando o modelo organizacional tornou-se sacralizado e o sistema é fechado. As firmas religiosas que possuem um sistema fechado procuram resguardar-se das influências ambientais, o que acentua ainda mais sua crise em relação às demandas do mercado. Como não existe um isolamento total em relação ao meio social, elas procuram neutralizar as influências externas de várias maneiras tais como: 1) colocam em torno de seu núcleo de comando administradores religiosos tradicionalistas que não induzem a instituição a modificações bruscas; 2) Demonizam os sistemas estruturais das firmas concorrentes e sacralizam os seus. Esse caráter de tipo conservador da dogmática organizacional religiosa imobiliza a instituição. Geralmente, elas temem a mudança. Evitam mudar e preferem desaparecer aos poucos no mercado, mas não avançam um centímetro em direção à modernização e à inovação de seus modelos organizacionais. Na visão de alguns líderes pentecostais, se a AD vier a mudar um pouco, seria para ela o fim. Assim, ela, quando sente sua integridade ameaçada pelo meio exterior, reage fechando-se ainda mais, assumindo contornos de religiões fundamentalistas. (CARREIRO, 2007, p. 305-306).

De acordo com Correa (2014):

> Cem anos de presença em território brasileiro, o pentecostalismo se reinventa constantemente, e mostra a nova maneira como se organiza e dialoga com a cultura, e as respostas que dá aos problemas oriundos das grandes cidades. Muito já foi dito e estudado acerca das transformações e das mudanças sociais trazidas pelo pentecostalismo, suas origens, seu crescimento e características. As igrejas Assembleias de Deus (ADs), fundada pelos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Hogberg (Berg) no início do século XX, no ano de 1911 na cidade de Belém do Pará, PA, nas décadas de 1950 a 1970, tiveram que se adaptar para enfrentar a concorrência das novas denominações pentecostais entrantes, algumas com perfis muito diferentes do seu. Assim, tiveram que desenhar novos modelos, aceitando de certa forma as novas tendências da sociedade e se adaptando mais rapidamente aos valores que vinham chegando. (CORREA, 2014, p. 73).

Para efeito da datação histórica, o movimento foi definido sociologicamente em três fases, segundo Mariano (2005:28): (1) Pentecostalismo Clássico, que se deu nas quatro primeiras décadas do século XX, no qual se incluía Assembleia de Deus; (2) Pentecostalismo de segunda onda, que ocorreu nas décadas de 1940 a 1980; e (3) o Pentecostalismo de terceira onda, também denominada de neopentecostalismo, que ocorreu a partir dos anos 1980.

O perfil do movimento pentecostal formado por pessoas pobres e de baixo nível de educação formal não é uma característica tão somente dos dias atuais. De acordo com Lopes (2014):

> A escassez cultural, social e intelectual sempre fez parte do contexto

> pentecostal. Segundo Oliveira (2004), esse foi o motivo pelo qual existiu uma facilidade muito grande para a pregação pentecostal ser facilmente aceita, isso porque quando uma denominação religiosa não corresponde uma necessidade, ou causa que precisa ser atendida, o mais provável é outras denominações venham a atender e preencher essa falta, que até então não foi preenchida, ou até mesmo enxergada. (LOPES, 2014, p. 142).

Populações desassistidas ou assistidas precariamente pelo Estado e por serviços religiosos são um campo fértil para o desenvolvimento da pregação, agravado pelo espaço deixado pelo catolicismo, que deu margem para o crescimento do pentecostalismo. Lopes (2014) escreve:

> Deve-se notar que esta parte norte do Brasil estava de muitas maneiras, particularmente preparada para o advento do pentecostalismo pela escassez de padres e pelo desenvolvimento da religião popular católica, dirigida por leigos, em que a superstição e as curas milagrosas por líderes carismáticos e santos desempenhavam papel proeminente. (LOPES, 2014, p. 142).

Se podemos concordar que as populações desassistidas são um território propício para o desenvolvimento do movimento pentecostal, concordamos com as afirmações de Mariano (2005, p. 81 apud Carreiro, 2007, p. 121-122):

> A adesão religiosa sempre resulta da atividade proselitista do grupo religioso, uma vez que, são seus agentes leigos e clericais que, por diferentes meios e artifícios evangélicos, como a intensificação da oferta de bens de salvação mágicos, aproveitam as ocasiões propícias para abordar, cativar, persuadir e recrutar os descrentes [...]. Ninguém adere ao Pentecostalismo simplesmente porque se encontra doente, por exemplo. Não se trata disso. É a promessa pentecostal de cura divina que chama a atenção do enfermo, atrai seu interesse e pode levá-lo a optar pela filiação. É a propaganda dessa mensagem ou da oferta desse serviço mágico-religioso que atrai os indivíduos às igrejas pentecostais e, eventualmente, desencadeia seu processo de conversão, não o contrário.

O pensamento acima é importante para compreender a análise do crescimento pentecostal, atribuindo os esforços dos próprios fiéis na atividade proselitista, entretanto, isso não anula o pensamento sociológico clássico de que, também, ele constitui uma resposta às demandas de uma categoria social constituída por desfavorecidos.

Embora considerando as várias interpretações sociológicas plausíveis, nossa investigação é complementar e enriquecedora, uma vez que o foco de estudos é o crescimento dos grupos religiosos por meio da análise organizacional das firmas. Nossa pesquisa sobre estruturas organizacionais indica outros fatores que corroboram essa hipótese.

O crescimento pentecostal deve também ser compreendido não somente em termos de retorno às demandas ou restritas às atividades proselitistas. Há que se

considerar que os grupos religiosos pentecostais crescem porque são capazes de produzir respostas em curtos períodos de tempo, atendendo tanto às demandas quanto modificando suas estruturas institucionais, e adaptando-se aos novos padrões sociais exigidos. Pouco se tem estudado sobre a lógica existente dentro das instituições religiosas e qual a relação entre elas e a sociedade.

O campo evangélico, que teria crescido muito nas décadas de 1960 e 1970, reestruturou-se internamente, adaptando-se a uma nova realidade na década de 1980, com crescimento contínuo. Em muito, isso se deve às próprias transformações sociais, econômicas e políticas que o país passou.

Para Siepierski, teólogo batista e professor de História na Universidade Rural de Pernambuco:

> Em meados da década de 1970 já existe uma geração urbana de pentecostais. Essa geração não conhece nem o Catolicismo popular, nem o trauma da migração. Esses pentecostais são alfabetizados, e em geral vivem melhor do que seus pais. Eles forçarão algumas mudanças no Pentecostalismo que conheceram quando crianças. A conversão para eles não é uma ruptura radical com o passado. Por outro lado, o público-alvo da pregação pentecostal não é mais os imigrantes desenraizados, mas uma população urbana totalmente inserida na economia capitalista. Essa população não almeja apenas sobreviver no meio urbano, como seus pais, mas desfrutar da sociedade de consumo na qual nasceram. (SIEPIERSKI, 2004, p. 71-88).

Sobre o tema, Spyer (2022) acrescenta:

> Partindo de dados semelhantes a estes, o historiador americano Mike Davis escreveu que o pentecostalismo é 'a resposta cultural mais importante para a urbanização explosiva e traumática' na América Latina. Este livro se propôs, desde o início, a não explicar a adesão ao pentecostalismo apenas por motivações instrumentais. Pesquisadores que presenciaram cultos pentecostais reconhecem que a conversão envolve mais do que a busca racional por melhora de condições materiais; ao mesmo tempo vemos como o pentecostalismo (e mais recentemente o chamado neopentecostalismo) brota e se desenvolve em ambientes de 'urbanização explosiva e traumática'. Nesse sentido, o crescimento desta tradição do protestantismo no Brasil também será condicionado pelo sucesso ou fracasso de ações de combate à desigualdade social. (SPYER, 2022, p. 219).

Justamente por ter surgido entre os pobres e sem um corpo teológico, muitos acreditavam que o movimento pentecostal seria marcado pela efemeridade, no entanto, não foi o que aconteceu.

Nas palavras de Oliveira (2014):

> No começo a desconfiança era tal que o fenômeno era tratado como transitório, uma resistência das religiosidades mágicas frente à secularização

> inevitável. A tese de Procópio Camargo (1973) era de que o pentecostalismo estaria fadado a desaparecer com a modernização em curso no Brasil. Com o passar dos anos, no entanto, o pentecostalismo galgou números mais expressivos e alcançou várias camadas sociais e diferentes faixas etárias. (OLIVEIRA, 2014, p. 30).

Se o novo movimento sofreu forte oposição, ele também despertou curiosidade e a novidade acabou por atrair novos adeptos e igrejas tradicionais. Lopes (2014, p. 141) afirma que:

> Os missionários pentecostais foram muito beneficiados pela evangelização, realizada pelos missionários evangélicos nos anos anteriores ao seu trabalho (1855-1910). Em alguns poucos casos, o trabalho das Assembleias de Deus começava com a pentecostalização de uma igreja evangélica já existente. Em outros casos, começavam com alguns crentes que deixavam suas congregações de origem para abraçar a 'novidade pentecostal'. Foi o que aconteceu em Belém do Pará e em muitos lugares.

De acordo com Fajardo (2015):

> No entanto, mais do que simplesmente um degrau de apoio na transição de uma sociedade tradicional para uma sociedade moderna, os pentecostalismos desenvolvidos nas metrópoles revelaram uma dinâmica interna capaz de dialogar com as novas circunstâncias impostas pelo estilo de vida urbana. Se no período de explosão industrial as igrejas eram vistas como refúgios para as massas, nas décadas seguintes a parcela já 'refugiada' dessas mesmas massas busca ascensão e reconhecimento social e o pentecostalismo de então procura se adequar a esta demanda. Tal reconfiguração, ainda prevista nos primeiros estudos acadêmicos, revela o dinamismo que marca esta alta do campo religioso brasileiro. (FAJARDO, 2015, p. 18).

A citação de Fajardo (2015) nos revela o papel do pentecostalismo, no momento em que a sociedade adota um novo modelo de desenvolvimento. Antes, a igreja era vista como acalento para os recém-chegados a uma organização urbana, mas com o passar das décadas, ela se vê em um papel de apoiadora no processo de ascensão de uma população que demonstra o desejo de ser aceita no meio social; para isso, o pentecostalismo procura responder aos anseios desta população. Ressalta o autor que as pesquisas científicas revelam que o objetivo de atender à crescente demanda desse mercado religioso justifica esse aumento.

Religião é, então, apenas uma alienação ou uma mera resposta à anomia? Para tanto, Novaes (1985, p. 9) diz que é necessário:

> Relativizar a ideia do migrante perdido na grande cidade e que encontra na associação pentecostal uma forma de substituir as redes de relações primárias deixadas no local de origem. Relativizar porque escolhi dados que indicavam outra possibilidade, ou seja, a filiação religiosa ser um canal para facilitar a migração na medida em que o 'convertido', levando consigo – a 'Carta dos apóstolos', abre uma gama de possibilidades de apoio através da identidade religiosa.

Portanto, reduzir a conversão a uma resposta à anomia do migrante nos grandes centros urbanos, ou uma demonstração de sua alienação social, é uma das respostas, mas não a única. O cardápio de alternativas é muito amplo, como bem observa Novaes (1985), porque as migrações, além da grande leva dos anos 1960-1970, também acontecem posteriormente à conversão, e esta se realiza influenciada pelas redes de solidariedade que essa religião produz. Nesse contexto, o chavão marxista da capacidade opiácea da religião ou o funcionalismo da coesão social de Durkheim, como respostas únicas, são reducionismos. Os fenômenos sociais pedem explicações mais complexas.

No mundo urbano, há opções tão díspares quanto umbanda e pentecostalismo como resposta à aflição (FRY, 1975). Ademais, esse escatologismo pentecostal não produz uma ascese extramundana em forma de um messianismo ausente do mundo, como, por exemplo, dos menonitas.[22] Ele é portador de uma conduta de vida, e é por causa destas questões – macro e mundiais & micro e pessoais – que é necessário ter este modelo de vida disciplinada.

Nas palavras de Spyer (2022, p. 23), as causas materiais que transformam a vida dos fiéis são simples:

> Elas incluem, entre outras: fim do alcoolismo e consequentemente da violência doméstica, fortalecimento da autoestima, da disciplina para o trabalho e aumento do investimento familiar em educação e nos cuidados com a saúde. Esse conjunto de mudanças geralmente conduz à ascensão socioeconômica.

Uma questão largamente aceita por esses sociólogos e antropólogos que estudam o cristianismo no Brasil é que as famílias que adotam a fé evangélica melhoram suas condições socioeconômicas e seu reconhecimento no âmbito da cidadania. A expectativa de ter uma vida materialmente melhor ajuda a explicar por que pentecostais, que emergem principalmente de setores de baixa renda, são predominantemente urbanos, jovens, negros ou pardos, do sexo feminino, ficam menos anos na escola e têm salários menores do que a média da população. Conforme vimos na parte anterior, é essa a população que encontra no cristianismo

[22] Menonita - subdivisão relativamente pequena entre as igrejas, segue fielmente os ensinamentos de Jesus Cristo e de Seus apóstolos na fé e na prática. A fé histórica dos anabatistas/me-nonitas representa o nosso conceito ou interpretação do Evangelho. Disponível em: https://menonita.org.br/quem-somos/. Acesso em: 15 abr. 2023.

evangélico as certezas para sobreviver em um mundo com muitas incertezas, conforme Spyer (2022, p. 78).

Retomando Weber (2005), seus apontamentos sugerem que cada religião possui características únicas de seu tempo, além das particularidades que moldam o homem de diversas maneiras, que as fazem únicas, pois criam e recriam a sociedade de acordo com as necessidades e possibilidades da sua época. Portanto, são históricas . “Cada época produz a sua religião”, conforme Antonio Gouveia Mendonça (1984), e a título de exemplo:

> A ‘era metodista’, como foi chamado o extenso período que marca a expansão territorial dos Estados Unidos, parece ter contribuído para cunhar o espírito do protestantismo americano, que afastou-se dos modelos europeus ao ajustar-se de modo perfeito à cultura ‘sui-generis’ que surgiu no médio oeste, fundada sobre o valor do homem e sua capacidade de realizar coisas, em suma o individualismo e o desempenho. (MENDONÇA, 1984, p. 51).

Os migrantes que saíram do campo para os grandes centros urbanos na fase do desenvolvimento industrial, sobretudo no sudeste, buscavam melhores condições de vida, romperam laços familiares, sociais, culturais e religiosos, deixando para trás uma história de vida cujas cicatrizes marcaram profundamente suas existências.

Estavam à procura de muito mais do que acolhimento, até porque se este fosse o principal motivo, teriam ficado no campo, fugindo da pobreza, buscando trabalho e condições educacionais e culturais que permitissem a mudança das suas vidas. Nessa busca, encontraram uma religião que poderia fornecer uma visão de mundo absolutamente de acordo com os seus objetivos e que os libertasse das amarras do passado.

Spyer (2022), em “**O povo de Deus”,** define a diferença entre o catolicismo e o pentecostalismo no que diz respeito ao comportamento exigido do cristão para enfrentar as dificuldades da vida:

> No Brasil, mesmo quem rejeita o catolicismo e suas práticas pode manter a visão de mundo hierárquica que existe dentro da lógica dessa religião. Segundo a perspectiva católica, o pobre entra no reino do Céu após aguentar, se manter submisso e dar a outra face para as injustiças que vier a sofrer durante a vida. Essa postura rejeita a ousadia pentecostal de não se perceber menor ou menos valioso como ser humano do que as outras pessoas; na verdade, ele se percebe como alguém excepcional que, com a ajuda de Deus, está atravessando grandes provações e leva uma vida digna. A mesma lógica hierárquica do catolicismo repudia neopentecostais que abraçaram a teologia da prosperidade, querem mobilidade social, acesso ao mesmo tipo de consumo e às mesmas experiências que as camadas abastadas já têm. E agora pentecostais e neopentecostais são criticados e atacados por terem ambições políticas, apesar de esses projetos não serem os mesmos

> defendidos pelos representantes bem formados, com cursos universitários e pós-graduação na França. (SPYER, 2022, p. 89).

Para Alencar (2007), às perguntas lançadas pelos pesquisadores "por causa da renovação do fenômeno continuam", algumas respostas já foram superadas, e outras novas surgiram:

> O protestantismo tem alguma contribuição concreta e visível ao país? Alguma marca, como a religião católica, indígena ou cultos afro? Basta pensar em duas áreas: música clássica e alfabetização [...]. Em todos eles existem personagens evangélicos. Coadjuvantes, mas presentes. Repetindo um chavão: cinema é metáfora. Então, o que significa esta metáfora sobre o protestantismo? [...] no Brasil ninguém escreve, fala, pesquisa ou filma sobre pobres, favelados e marginais sem tropeçar com evangélicos. Isto é bom ou ruim? Talvez as duas coisas. No primeiro momento fomos totalmente marginalizados, agora estamos nos tornando coadjuvantes. (ALENCAR, 2007, p. 53).

Não se trata apenas de acolher no sentido de dar afeto para suprir os laços comunitários perdidos, mas um acolhimento das novas expectativas e fornecimento de estímulos permanentes para alcançar os objetivos colocados desde a decisão da migração.

Entrar na "lei dos crentes", por fim, era sinônimo de honradez, compromisso com a família, fidelidade nos relacionamentos, rigorismo moral e crédito na praça. Foi essa postura que entusiasmou o líder comunista, Francisco Julião, das Ligas Camponesas, a incentivar os Assembleianos a participar, transferindo "capital simbólico" de confiabilidade dos crentes aos sindicatos.[23] Mesmo tendo uma origem nos EUA, é lícito afirmar que existem pentecostalismos brasileiros, frutos das suas experiências em solo brasileiro. A esse respeito, Alencar (2007):

> Nunca o protestantismo foi tão 'antenado' com o mundo; Nada mais de isolamento ou negação da cultura, entrou. É nacionalismo à parte, não se pode dizer que isto é mera influência norte americana no protestantismo, pois o american way of life, de agora em diante - após a II Guerra Mundial - passa a ser dominante em todas as áreas do país e do mundo (Sodré, 1976). E das tendas na década de 1940 chegou-se ao gospel hoje. Tudo é gospel: música, griffes, camisetas, bonés, sites, grupos de dança, rock, funk, pagode, há de tudo para todos os gostos. É o máximo de aculturação. Há algo mais brasileiro que isto? (ALENCAR, 2007, p. 50).

Os autores Oliveira, Arruda e Costa Junior (2014) concordam, mas frisam que:

> O Pentecostalismo, proveniente dos Estados Unidos, não pode ser igualado ao Pentecostalismo Brasileiro, pois este foi direcionado para atender a uma nova e diferente demanda de pessoas. É a partir destas informações que afirmamos que a cultura americana tem sua parcela de contribuição na

[23] Rolim (1985) [**Pasquim,** ano X, n. 497, 1979] apud ALENCAR, Gedeon Freire de. **Matriz pentecostal brasileira**: Assembleias de Deus 1911-2011. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013. p. 165.

> formação do campo religioso brasileiro. (OLIVEIRA; ARRUDA; COSTA JÚNIOR, 2014, p. 127).

O que seriam então as particularidades dos pentecostalismos brasileiros? Seria justamente a sua capacidade de sintetizar criativamente a formação social e cultural brasileira?

Segundo Pommerening (2014):

> O Pentecostalismo no Brasil consegue ser extremamente líquido (BAUMAN, 2003), porque consegue se adaptar ao calor de uma religiosidade 'bricolagem' (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p. 349) herdada da assimilação indígena, africana e europeia, potencializada por um tempo presente de desconfiança nas instituições, impermanência de convenções sociais e mudanças culturais em velocidade quase impossível de assimilar. Dessa forma, a mercantilização da fé impõe que os produtos religiosos devem ser modificados a cada instante, de acordo com as novas, constantes crescentes necessidades de um 'mercado consumidor' da fé exigente, com suas demandas por produtos inovadores que atendam à voracidade consumista. (POMMERENING, 2014, p. 102).

O autor ressalta que o pentecostalismo brasileiro se torna inconsistente, pois tem uma característica herdada por povos que foram difusos na formação da sociedade desta nação, fato histórico que trouxe uma insegurança das igrejas no acompanhar as mudanças sociais e culturais. Estas ficam atrasadas em relação à velocidade com que as relações sociais se modificam. Pommerening (2014) ainda afirma que para atender a um mercado da fé, deve-se transformá-lo, convertendo-o e alinhando-o ao consumismo da fé.

Vale ressaltar que, segundo Mariano (2001), esse contexto se deve em parte à separação jurídica entre a Igreja Católica e o Estado, a progressiva secularização do Estado e a liberdade religiosa dela decorrente, que são fenômenos de extrema relevância na configuração atual do campo religioso brasileiro.

Cada esfera da vida propicia ao indivíduo uma pluralização das formas de ver o mundo. Mundo esse que vai se tornando cada vez mais diversificado, com possibilidades variadas de interpretações da realidade da vida.

Assim, o homem moderno, principalmente o homem citadino, é um sujeito autônomo, liberto de amarras tradicionais e livre para fazer escolhas na sociedade.

A oferta de um cardápio variado de possibilidades atende a uma demanda desse indivíduo livre para fazer as suas escolhas.

> Diferentemente do homem do campo, que ainda guarda a raiz da cultura, valores, usos e costumes de mudanças lentas, regrada por laços afetivos e sentimentos familiares, a vida do homem moderno é uma vida intelectualizada, racionalizada, composta de pessoas sem raízes e, portanto, livres para agir sem 'qualquer' constrangimento de ordem tradicional ou

> familiar. O tipo citadino é, portanto, mais racional-pragmático e menos guiado por sentimentos e tradições.
> Do ponto de vista institucional, vale ressaltar que a modernidade provoca não apenas a diferenciação das esferas sociais, mas também a diferenciação no interior de cada esfera. [...] inaugura o pluralismo ideológico e religioso. É o Estado moderno, laico e desvencilhado de amarras religiosas que vai garantir, de um lado, a liberdade de pensamento e de escolhas e, de outro, a liberdade religiosa. (CARREIRO, 2007, p. 157).

Para o autor, em sua pesquisa de doutorado "**Análise sócio-desenvolvimental do crescimento evangélico no Brasil"** (2007, p. 157), a liberdade religiosa assume, então, duas dimensões: (1) liberdade das firmas para atuarem no mercado, competindo com as demais firmas, por fiéis; e (2) liberdade dos fiéis para escolherem a firma religiosa que mais lhes agrada. A diferença está na forma como os indivíduos se relacionam na situação de liberdade de escolha. De um lado, as instituições se organizam para atender às demandas do mercado, de outro, contrariamente, os indivíduos, na condição de autônomos, estabelecem novas relações com as instituições religiosas baseadas na liberdade pessoal e na racionalidade das escolhas.

Se é verdadeiro que existem distinções fundamentais entre o pentecostalismo e o protestantismo histórico, é mais verdadeiro ainda que existem pontos fundamentais que inscrevem as similaridades dos dois movimentos dentro de um quadro mais amplo inaugurado com a própria reforma protestante e que, na verdade, vai traçar um distintivo com a igreja católica: o igualitarismo da pregação protestante que afirma que todos são iguais perante Deus na medida em que o pecado atinge a todos, indistintamente.

Diante de tal pensamento, seria essa pregação o estopim para um questionamento da ordem social estabelecida e chamamento para uma ação mais radical no sentido da organização dos adeptos de tais ideias para agir de forma a transformar a sociedade?

Antônio Gouvêa Mendonça, no seu estudo "**O celeste Porvir"** (1984), que trata da inserção do protestantismo no Brasil, nos oferece a resposta:

> Outro ponto a considerar é o igualitarismo da pregação protestante que afirma serem todos os homens iguais perante Deus em virtude da universalidade do pecado.
> Embora os protestantes apresentaram esta mensagem, é bem possível que não estivessem pensando em mudar a ordem social no sentido de qualquer forma de nivelamento, mas na aceitação do 'status quo' com a consolação de que na vida futura todos seriam iguais e, ainda que as posições atuais de nada adiantariam na hora do julgamento final.

> A doutrina da salvação pela fé e pela graça, ponto fundamental da Reforma, é básica na mensagem protestante. Ao contrário da Igreja Católica, que ensina serem as obras pias fundamentais para a salvação, cuja intermediária é a Igreja, a pregação protestante afirma que a salvação é uma decisão individual oriunda da responsabilidade exclusiva do indivíduo perante Deus e não depende de nenhum ato moral e nem de ofertas votivas ou filantrópicas (MENDONÇA, 1984, p. 92-94)

acrescentando que "A salvação é gratuita pela fé no ato expiatório de Jesus Cristo. O voluntarismo individualista, presente na teologia dos missionários, foi um produto relativamente tardio da Reforma Calvinista." (MENDONÇA, 1984, p. 143).

Muito do que conhecemos do pentecostalismo no Brasil está ligado ao desenvolvimento posterior de tais ideias e às tensões derivadas da permanente disputa entre as várias correntes do protestantismo. A tensão entre conformismo e inconformismo é resolvida da seguinte forma:

> Há um amplo conformismo e um inconformismo particular interno. Se o crente está na luta ao lado de Deus, tem de agir segundo os seus mandamentos: guardar o domingo, não matar, não roubar, não adulterar, não mentir, não beber, fugir dos prazeres, não ser ocioso. Enquanto ele se esforça por viver em conformidade com essas regras que colidem, na prática, com a sociedade abrangente, ele é inconformista; mas como está interessado num mundo que ainda está por vir, desinteressa-se pelo presente e nada intenta para modificá-lo e, neste sentido, é conformista. Assim, é inconformista e conformista, ao mesmo tempo. (MENDONÇA, 1984, p.145-146).

Ainda, segundo o filósofo e teólogo Antonio Gouvêa Mendonça (1984):

> A primeira ideia a que se pode chegar é a da índole fundamentalmente conservadora da 'nova religião'. Realmente, o protestantismo no Brasil, apesar de aqui chegar como portador do liberalismo e da modernidade, mostrou-se incapaz de acompanhar as transformações da sociedade brasileira. Ao mesmo tempo, fechou suas portas às aragens inovadoras que, de tempos em tempos, têm chegado vindo do lado de suas próprias origens. (MENDONÇA, 1984, p. 256).

A apresentação das ideias dos autores nos oportunizou o acesso ao conceito de pentecostalismo e pentecostalismo nacional, bem como suas particularidades. Nesse sentido, considerando-se que o Brasil é um país de carências financeiras, o seu povo fica mais propenso a aceitar o movimento pentecostal como uma forma de se adequar ao seu estilo de vida e às aspirações permanentemente reelaboradas. Há, também, uma cultura social que é respaldada no consumo, desta forma, o interior das religiões, mesmo de maneira demorada, se compara à velocidade do mercado, pois há mudanças que atendem às exigências de um mercado da fé.

1.2 Assembleia de Deus no Brasil - Ministério Madureira Campo de Carapicuíba/SP

Nesta seção, apresentamos um breve histórico da formação da igreja Assembleia de Deus no Brasil com enfoque no Ministério Madureira - Campo de Carapicuíba/SP.

Em comemoração ao Centenário da igreja Assembleia de Deus, foi realizado um trabalho que findou num livro com os primórdios da história que sucedeu a magnitude da igreja Assembleia de Deus em todo o Brasil e sua expansão para outros países.

Segundo a versão oficial da igreja, tudo se inicia com o encontro de dois jovens, Daniel Berg e Gunnar Vingren, ambos batizados com o Espírito Santo e com a convicção de que têm um chamado para serem missionários da Palavra de Deus. Eles estavam dispostos a partilhar do pentecostalismo iniciado na Rua Azusa, nos Estados Unidos (EUA), na Suécia e em outros países. Ainda, segundo a versão oficial da igreja, em um dos cultos foi revelado que eles iriam para o Pará.

Sem questionar a respectiva versão, não podemos nos furtar de indicar que a atividade de extração da borracha no norte do país, nas primeiras décadas do século XX, atraiu muitos imigrantes norte-americanos, além de trabalhadores, segundo Silva (2014). Belém do Pará era uma cidade pujante economicamente e dotada de uma intensa vida cultural.

Chegados a uma terra estranha, os missionários conheceram Adriano Nobre, membro da Igreja Presbiteriana de Belém que tinha conhecimento do idioma dos missionários. Assim, estabelecido um diálogo, Nobre descobriu que os recém-chegados eram da igreja Batista, logo foram levados até o templo e apresentados ao pastor Erik Nilson.

Quando começaram a pronunciar palavras no idioma local, falaram sobre o Espírito Santo, pois, mesmo sendo batistas, acreditam no poder de Deus e adotaram o pentecostalismo como direção para suas pregações.

Ressaltamos que os membros da Assembleia de Deus são de classes menos favorecidas. Para compreender este fenômeno, faremos agora um parêntese com a contribuição de um pesquisador para a temática aqui apresentada.

Segundo Mariano (2004):

> No início, composta majoritariamente por pessoas pobres e de pouca escolaridade, discriminadas por protestantes históricos perseguidas pela Igreja Católica, ambas caracterizavam-se por um ferrenho anticatolicismo,

> por enfatizar o dom de línguas, a crença na volta iminente de Cristo e na salvação paradisíaca e pelo comportamento de radical sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo exterior. Hoje, seu perfil social mudou parcialmente. Embora continuem a abrigar sobretudo as camadas pobres e pouco escolarizadas, também contam com setores de classe média, profissionais liberais e empresários. (MARIANO, 2004, p. 29).

O autor escreve que a grande parte dos que frequentam a igreja são de categorias menos favorecidas e pouco desenvolvimento intelectual e, ainda, atualmente percebe-se a confirmação deste perfil, embora tenham sido inseridos outros segmentos sociais na igreja.

Lopes (2014, p. 139) afirma que, de fato, não houve nenhuma declaração de opção pelos pobres na implantação da igreja, mas seu desenvolvimento não foi a partir de pessoas cultas e intelectuais como nas igrejas protestantes.

A pregação dá-se através de cultos realizados em residências e, segundo seus participantes, os milagres e prodígios começam a acontecer. Mediante os acontecimentos, os membros e os missionários são convidados a se retirar da Igreja Batista, já que não vinham obedecendo à doutrina da igreja.

Sem templo para adorar a Deus, começaram a fazer cultos nas casas dos que tinham sido excluídos da congregação, mas não demorou muito e foi fundada em 18 de junho de 1911 uma nova igreja Missão de Fé Apostólica, que mais tarde virará Assembleia de Deus, no ano de 1918.

As igrejas tradicionais perseguiam os considerados pentecostais, mas isso não impedia o crescimento deste segmento religioso no Norte do país. Além disso, ressaltamos que a Assembleia de Deus não tem relações com países externos, o que a mantém com sua essência brasileira.

Lopes (2014) esclarece que o fato de o idioma das demais igrejas não fazer parte do cotidiano dos nascidos no país levou a facilitar o número expressivo de brasileiros de baixa renda se tornarem membros desta denominação religiosa. Mesmo sofrendo forte oposição, o crescimento da nova igreja não deixou de expandir, isso se deu também pelo trabalho realizado por Berg, que saiu a evangelizar no eixo Belém-Bragança, e Vingren partilhava o conhecimento de sua base teológica com os membros.

Como é que a Assembleia de Deus do Pará chega no Rio de Janeiro e mais tarde será o Ministério Madureira?

Em 1923, alguns membros da igreja foram para o Rio de Janeiro à procura de trabalho ou transferidos para instituições públicas. Heráclio Menezes fica a convite na

residência da família Brito e ali inicia um trabalho no qual ensinava a bíblia e, também, realizava um culto semanal.

E o que havia ocorrido no Pará começa a acontecer no Rio de Janeiro: pessoas começam a ser batizadas com o Espírito Santo e logo Menezes pede que Vingren venha auxiliá-lo.

Vingren até procura o pastor da igreja para se achegar, mas o pastor não quer se aproximar do pentecostalismo, então ele encontra acolhimento na família Brito, iniciando os cultos nas dependências da residência da família Brito e cresce o número dos que procuravam as reuniões.

Paulo Macalão é um jovem militar que mudou o curso de sua vida e com o conhecimento acadêmico não demorou para ele se tornar o ajudante de Vingren, largou sua carreira militar e se dedicou a obra como um dos fundadores da Assembleia de Deus no Rio de Janeiro e São Cristóvão. Foi batizado na praia do Caju por Vingren.

> Paulo Leivas Macalão (1903-1982) é uma figura ímpar nas ADs. Tornou-se um ícone, portanto, maior do que realmente era; um nativo que não se deslumbrou com os suecos, mas os desafiou. No RJ, preferiu iniciar um trabalho autônomo na periferia de Bangu e depois em Madureira, a ser um simples auxiliar de Vingren em São Cristóvão. Segundo versão oficial Assembleiana, era filho do General Macalão, portanto, oriundo de uma família gaúcha rica. Idiossincrático, implantou um modelo no Ministério de Madureira (oficializado com personalidade jurídica em 1941) onde reinou absoluto e soberano por mais de 50 anos. Rigoroso, conservador e polêmico. Pelas atas das convenções e registros no MP, ele não tem medo de expressar sua opinião e se posicionar contra qualquer pessoa ou tema. Como toda figura polêmica, os registros contra ou a favor são sempre passionais. A sua grande marca é de 'invasor de campo'. Em qualquer lugar em que um grupo Assembleiano estava insatisfeito com a 'modernidade' de seu Ministério, esse grupo aderia à Madureira e abria um novo Ministério na cidade. Essa 'fabricação' de Ministérios se tornou uma marca, inclusive, porque, em diversas cidades do Brasil, há mais de um Ministério ligado à Madureira. Atualmente, o nome CONAMAD 'esconde' isso. Evidentemente que a autonomização desses grupos não se reduziu apenas a isso. A questão é que esse modelo foi incorporado no Brasil inteiro. (ALENCAR, 2013, p. 171).

Não demora e Paulo Macalão faz parte da expansão da igreja para o subúrbio do Estado. Em agosto de 1930, o missionário Gunnar Vingren toma a decisão e consagra Paulo Leiva Macalão, por sua obediência, a pastor em Bangu; em 1933, foi inaugurada a primeira Assembleia de Deus no Rio de Janeiro com templo próprio.

Em 1934, Macalão se casa com Zélia Brito, desta união se fortalece o trabalho desenvolvido por ele, pois a esposa se torna a ajudadora ao lado do seu ministério, e ressalta-se a história pela comunidade que nem uma única vez o pastor foi visto sem a companhia de sua esposa, e é citada como exemplo de dedicação ao ministério e

ao seu companheiro. Esses laços têm um valor extraordinário no sentido de moldar um modelo de família que está em absoluto acordo com os valores defendidos pela igreja.

Como surgiu o Ministério Madureira? A transferência da base evangelística de Bangu para Madureira resultou no crescimento do Ministério Madureira para outros Estados, entre eles São Paulo. Ao lado do pastor Macalão, destacou-se o pastor Alípio da Silva, que se converteu na Assembleia de Deus Madureira e, em 1972, chegou a ser vice-presidente da Convenção Nacional de Ministros Evangélicos da Assembleia de Deus, em Madureira.

E foi através de Paulo Leiva Macalão e Zélia Brito Macalão que o Ministério Madureira chega à sua expansão, e inaugura no ano de 1953, em Madureira, um grande templo. Em 1941, a Assembleia de Deus Madureira tem sua identidade no âmbito jurídico, tornando-se sede das Assembleias de Deus pertencentes ao Ministério.

1.2.1 Ministério Madureira Campo de Carapicuíba

Até o presente momento, escrevemos sobre o surgimento da igreja Assembleia de Deus no Brasil e seus desdobramentos para os demais Estados desta nação. Como temos por objetivo nos debruçar no Ministério Madureira Campo Carapicuíba, vamos escrever como se originou este ministério na cidade referida anteriormente. Para tanto, recorri ao pastor Joel Perigo que, segundo contatos anteriores, é o historiador da igreja na sede do Ministério Madureira Campo de Carapicuíba.

O levantamento a seguir foi realizado através de consulta aos livros de contabilidade da igreja, atas, escrituras e registro de imóveis e diálogos com o pastor Joel. A exemplo dos primórdios da igreja ADs do Ministério Madureira no Rio de Janeiro, em Carapicuíba não foi diferente.

Em junho de 1948, a igreja Evangélica Assembleia de Deus - Ministério Madureira de Carapicuíba começou suas atividades com a primeira reunião de culto na residência do Diácono Alcides Amado Alvarenga e Ludovina Maria de Jesus Alvarenga (esposa), à Av. Vitório Fornazaro (Vila Lourdes, Carapicuíba/SP), com a participação dos primeiros crentes (Eufrosino Domingues de Almeida e sua família, Maximiano Ribeiro e sua família).

Por um período de tempo, o trabalho fluiu normalmente na casa destes irmãos, depois resolveram mudar de endereço por limitações do espaço, que já não

comportava o número de pessoas atraídas pela pregação do evangelho. Então, alugaram um salão na Rua da Reserva, esquina com a Av. Vitório Fornazaro, a poucos metros da casa onde aconteceu o primeiro culto, e pelos mesmos motivos, o espaço se tornou inviável, ocasião em que Deus providenciou pelas mãos do corretor Ulisses Ribeiro Ferraz, que doou um excelente e bem situado terreno, conforme contrato de doação datada de 23.10.1954, e assinado pelo pastor-presidente Álvaro Motta, como representante da Igreja Sede (Brás - São Paulo), para construção do primeiro templo, na Rua Americana, 300 (Vila Lourdes – Carapicuíba/ SP), onde até os dias de hoje está em funcionamento; no início, a filha do fundador, Luisa Maria Ludovina da Silva, com 15 anos, evangelizava com seu pai no bairro, ficando viúva aos 16 anos e com um filho, que hoje pastoreia esta Subsede Regional 1, Pr. Sebastião Silva (neto do fundador). Posteriormente, foi adquirida mais uma propriedade no município, um terreno na Vila Terezinha, em 22.04.1964.

Em 13 de março de 1966, em reunião no Jd. Belval (Barueri/SP), presidida pelo pastor-presidente José Eduardo Modesto e secretariada pelo então Evangelista Lupércio Vergniano, da Igreja Matriz no Brás, ficava decidido que a igreja em Jd. Belval teria autonomia própria, e assim sendo, as igrejas no município de Carapicuíba administradas pelo Campo do Brás - SP passaram a ser pelo Campo do Jd. Belval. Havia igrejas nos municípios de Barueri, Jandira e Itapevi, todas no Estado de São Paulo. Com seu 1º Presidente, Alexandre Alegria, transferido da Igreja Matriz (Brás) em 13 de março de 1966 até 12 de fevereiro de 1971, abriam-se novas igreja em São Roque, Itu, Barra Bonita, Mineiros do Tietê, Jaú, Santos, Vicente de Carvalho, no Estado de São Paulo, e Ivaiporã, no Estado do Paraná.

Em 12 de fevereiro de 1971, assumiu para presidir o Campo o Pastor Ataíde Rodrigues Lima, transferido da Igreja Matriz (Brás), local em que abriu a Igreja na Capital/SP, presidindo até 26 de julho de 1975.

Em 26 de julho de 1975 assumiu a presidência do Campo do Jd. Belval o Pastor Luiz Gonzaga Medeiros. Em 17 de novembro de 1975, para atender à necessidade organizacional, houve uma reunião extraordinária em que o Presidente Luiz Gonzaga Medeiros resolveu que a Sede do Campo seria em Carapicuíba, em conformidade, aprovou-se a transferência, conforme escrito em ata que *"fica estabelecido que esta funcionará provisoriamente à Av. Gal Teixeira Lott, 819 – Vila Martins – Carapicuíba – SP* 'Cumprindo-se uma Profecia realizada em 1949, no salão da Vila Lourdes, que

nesta Cidade seria Sede de um Grande Campo" *(propriedade adquirida em 29 de agosto de 1966 pelo pastor-presidente Alexandre Alegria), até que fosse construído o grande templo."* Tornando-se personalidade jurídica com aquiescência do Presidente do Ministério Pastor Paulo Leivas Macalão, sendo esta denominada "IGREJA SEDE DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS EM CARAPICUÍBA" (ISAD). E a 1ª Diretoria de Carapicuíba foi composta por: Presidente - Pr. Luiz Gonzaga Medeiros, Vice-Presidente - Pr. Jacomo Perego, 1º Secretário - Pb. Alcir Florentino dos Santos, 2º Secretário - Joel Perego, Tesoureiro - Pb. Deiró Felicio de Andrade. A Igreja em Jd. Belval e todas aquelas que pertenciam ao Campo foram transferidas para a Sede Jurídica em Carapicuíba/SP, que funcionou provisoriamente "*até 21 de abril de 1983, adquirindo mais propriedades na Cidade de Carapicuíba, São Paulo, Jandira, Barueri. Itapevi, no estado de São Paulo; e Recife/PE".* As fontes documentais examinadas indicam que: Em 21 de abril de 1983, foi inaugurado o Templo "*na propriedade adquirida"* em 17.02.1976 (quatro lotes) na Rua Adolfo Gebauer, 110 – Centro – Carapicuíba/SP, atualmente se encontra na Rua Rev. Luiz Gonzaga Medeiros, 85.

Para efeito de facilitar a visualização da expansão da igreja, o Quadro abaixo demonstra os principais períodos históricos que marcaram a trajetória e o desenvolvimento institucional do Ministério Madureira Campo de Carapicuíba.

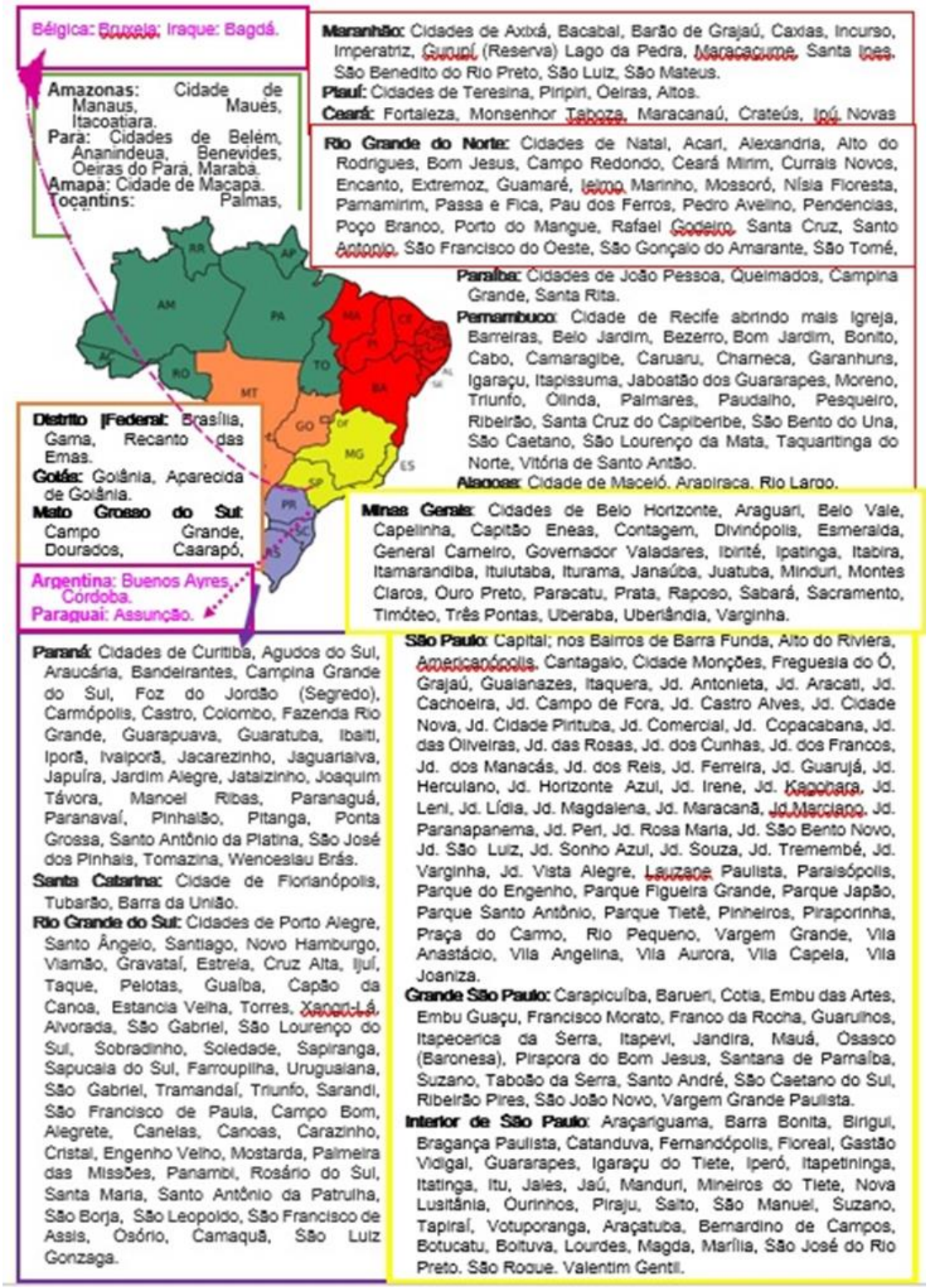
Quadro 1 – HISTÓRICO: AD - Ministério de Madureira de Carapicuíba/SP

ASSEMBLEIA DE DEUS - Ministério de Madureira de Carapicuíba - HISTÓRICO

data	atividade	quem	onde	observação
jun/48	inicio de atividades igreja Evangélica Assembleia de Deus -Ministério de Madureira de Carapicuíba	Diácono Alcides A. Alvarenga e esposa Ludovina Mª de Jesus Alvarenga	V. Lourdes (residência) Carapicuíba/ SP	1ºs crentes: Eufrosino D. de Almeida/família, Maximiano Ribeiro/ família
23/10/54			M[64]:R. da Reserva, esquina Av. Vitório Fornazaro	
23/10/54	Construção do primeiro templo: terreno doado	Pr Presidente Álvaro Motta	V. Lourdes – Carapicuíba/SP	
22/abr/64	Adquisição + uma propriedade	Luisa Maria Ludovina da Silva (filha do fundador)	V. Terezinha	
13/3/66	Autonomia da Jd. Belval, passando a administrar as Igreja no Município de Carapicuíba: Eduardo Modesto e secretariado Evangelista L. Verguiano	1º Presidente o Pr. Alexandre Alegria Pastor Presidente José	Jd. Belval, passando a administrar as Igreja no Município de Carapicuíba:	
1966 a 2/02/1971	Abre novas Igreja no Estado de são Paulo (São Roque, Itu, Barra Bonita, Mineiros do Tiete, Jaú, Santos, Vicente de Carvalho) e Paraná (Ivaiporã)	1º Presidente o Pr. Alexandre Alegria	Estado de São e Paraná	
12/2/71	Assume presidencia	Pr Ataide Rodrigues Lima		
26/7/75	Assume presidencia, transferido Igreja de Campinas – SP	Pr Luiz Gonzaga Medeiros	Jd. Belval	
17/11/75	Mudança da sede do Campo	Presidente Pr. Luiz Gonzaga Medeiros	Av. Gal Teixeira Lott, 819. Vila Martins	**Igreja Sede das Assembleias de Deus - Carapicuiba/SP**
até 21/04/1983	Sede provisória: abertura de mais propriedades		Jandira, Barueri. Itapevi (SP), Recife (PE)	
	inaugurado o Templo		Rua Adolfo Gebauer, 110 – Centro – Carapicuíba	Atual: Rua: Rev. Luiz Gonzaga Medeiros, 85.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 2 – Distribuição das Igrejas



Fonte: Elaborado pelo autor.

O Campo de Carapicuíba atualmente conta com uma Obra Social ativa (Federação das Irmãs Beneficente Nacional – FIBEN) fundada em 24 de agosto de 1987, tendo como Presidente a Missionária Wilma de Campos Medeiros, e

administrada pela Vanda Ferraz Rodrigues, onde possui atendimento médico, fazendo campanha da boa visão, cursos de alfabetização com 160 alunos, artesanato em couro, pedraria em chinelos; distribuições de 600 cestas básicas/ano; cobertores, roupas, sapatos, enxovais de bebês, entre outras doações de empresários, particulares e membros/obreiros do Campo. Distribui também 36.000 (trinta e seis mil) litros de leite por ano doados pelo Governo do Estado de São Paulo; fornece em caráter de empréstimo pelo tempo que a pessoa necessitar: andadores, cadeira de rodas, cadeira de banho, bengalas, muletas de madeira ou de alumínio, colchão d'água, colchão casca de ovo, cama hospitalar, comadre, fraldas geriátricas, contando com um bazar beneficente e com 2 veículos (um caminhão baú e uma *Pick Up*).

Além disso, possui um Instituto Teológico denominado "Rev. Luiz Gonzaga Medeiros", fundado em 1º de outubro de 2010, tendo como Presidente a Missionária Elizete Aparecida de Oliveira Gonçalves, mantendo os seguintes Cursos: Básico, Médio e Bacharel em Teologia, Curso para formação de Professores da Escola Dominical, Seminários, Curso de Capelania, filiado às Associações de Capelães das Guardas Municipais Evangélicas do Brasil (ACGMEB), sendo estes: hospitalar, social, educacional/estudantil, prisional, militar, infantil, 3ª idade e com estágio social, prisional e hospitalar (reconhecidos pela ACGMEB).

Na área de dependentes químicos, a Igreja possui uma parceria com o Centro de Recuperação em Votorantim/SP, local em que são mantidos pelo Campo 50 internos, e já possuímos um Sítio com 16.000 m², onde está sendo construído um centro de recuperação com alojamento, refeitório, galpão para cursos básicos profissionalizantes, horta, galinheiro, pomar, consultório médico, casa do coordenador, enfermaria, campo de futebol *society*.

1.2.2 Campo de Carapicuíba/SP

Quando nos referimos ao "Campo" de Carapicuíba, no Estudo de Caso, não se trata do espaço geográfico e territorial da cidade, mas da abrangência que o Campo alcança extrapolando os limites espaciais, como observamos no Mapa 5, seção 3.2.

Segundo Correa (2014):

> Campo é uma expressão de uso interno das Igrejas Assembleianas. Campo não é empregado no sentido camponês ou geográfico, que diz respeito à posse de Terra, mas no sentido político de poder, isto é, posse de espaço religioso. O campo tratado no texto não está relacionado com o conceito de campo de Pierre Bourdieu. As Igrejas ADs criaram as Igrejas-sede e/ou Ministérios, e os batizaram com a nomenclatura interna de campo.

> Essas congregações e os pontos de pregação pertencentes a um Ministério são desterritorializados, construídos em bairros, cidades em um ou mais estados. Constituem uma rede de 'congregações-satélite', dependentes de um Ministério, liderado por um pastor-presidente que conta com um forte vínculo administrativo, doutrinário e litúrgico, entre ele, as congregações e os pontos de pregação. (CORREA, 2014, p. 75).

A autora supracitada explica que o Campo dentro da Igreja Assembleia de Deus não é um território terreno, mas, sim, uma divisão estrutural da organização administrativa.

De acordo com Almeida e Lôbo (2014):

> Como nos informa Silva (2006), a organização administrativa AD é um misto entre o sistema episcopal (administrado por um bispo, ou pastor), e o sistema congregacional (onde cada congregação local é independente e que possui autonomia para sua própria reflexão teológica e expansão missionária), havendo desavenças entre membros que preferiam um outro sistema [...]. (ALMEIDA; LÔBO, 2014, p. 121).

Como é a dinâmica organizacional das Igrejas Assembleias de Deus? Quais são as orientações e de onde elas vêm nas igrejas ADs que se instalam nos diversos locais, comunidades e com diferentes lideranças?

CAPÍTULO 2

CULTURA ORGANIZACIONAL

2.1. Assembleia ou Assembleias

Com a abertura do mercado, a Igreja Assembleia de Deus nasce brasileira! Qual o significado dessa afirmação? E quais são os traços característicos dessa brasilidade? Podemos afirmar que a principal característica que distingue a Igreja Assembleia de Deus das demais Igrejas do protestantismo histórico é a utilização da língua pátria na celebração dos cultos, tal como apresentado por Alencar (2000):

> Em 1910, a Igreja Católica celebrava missas em latim, a Igreja Luterana, cultos em alemão, a Igreja Anglicana em inglês e as demais igrejas protestantes num 'teologês' anglo-saxônico. Até mesmo a única igreja pentecostal da época, a Congregação Cristã do Brasil, celebrava seus cultos em italiano. O espiritismo ainda era caso de polícia e religiões afro, como religião, nem sequer eram nomeadas. Qual, então, o espaço para a expressão de religiosidade popular da época? Oficialmente, nenhum. (ALENCAR, 2000, p. 10).

O contexto que permitiu a quebra do monopólio estatal do mercado religioso permitiu também a livre concorrência no mercado da fé, ressaltando que esta liberdade jurídica enfrentava forte oposição de católicos, protestantes históricos e mesmo autoridades governamentais.

Importante a inserção, apesar de longa, da citação de Carreiro (2007):

> O Estado instaurado pela burguesia agrária após a Proclamação da República é um Estado laico. A Constituição de 1891 ratifica esses decretos e acrescenta outros dispositivos laicizantes, como o ensino laico nas escolas públicas, a proibição de subvenções governamentais aos cultos religiosos, o casamento civil e a secularização dos cemitérios.
>
> A separação entre Igreja e Estado, e a consequente consolidação da liberdade de culto, aos olhos do catolicismo, era extremamente prejudicial ao seu domínio. Essa firma, que passara quatro séculos sem se preocupar com concorrência, nessa nova conjuntura precisaria, rapidamente, reestruturar-se para restabelecer a articulação entre o aparelho eclesiástico e a grande massa. Tal necessidade de rearticulação não aconteceu devido ao distanciamento do povo das práticas da Igreja e, principalmente, dos posicionamentos sempre conservadores e reacionários que esta manteve nos quatro séculos de união com o Estado. A massa pobre terminou por recriar a esfera religiosa ao seu modo e produzir seus próprios bens religiosos.
>
> O povo dizia que era católico, recebia os sacramentos, mas não conhecia a doutrina da Igreja e não estava interessado nela [...]. Frente a essa nova situação da Igreja, essa firma passa a mobilizar seu aparelho e seus funcionários a saírem do ócio e se prepararem para uma nova conjuntura religiosa no Brasil, onde o pluralismo religioso é a regra [...].
>
> Paulatinamente, a empresa religiosa católica vai perdendo espaço para as concorrentes, sobretudo, as pentecostais que surgem no início do século XX e iriam atingir os negativamente privilegiados que já dispunham de uma certa predisposição a aderirem a essas firmas e consumirem os bens religiosos por elas produzidos. A argumentação do Clero católico, a respeito do avanço

> pentecostal entre as classes populares, era a ignorância religiosa do povo e a de padres.
> Contudo, a resposta ao relativo enfraquecimento da firma católica estava, entre outras razões, no fato de ela não ter se preparado organizacionalmente para a nova realidade de pluralismo religioso e ter esquecido a massa pobre em suas demandas. (CARREIRO, 2007, p.121-121).

Para James Washington Alves dos Santos:

> Não bastava a igreja católica perder o seu monopólio por meio da derrubada da Lei do Padroado, era preciso uma justificativa mais que plausível, para a abertura sempre crescente de novas ofertas religiosas. Isso ocorreu graças ao declínio da atividade sacerdotal católica, via rotinização e engessamento litúrgico e a proliferação de uma série de profetas, que reivindicavam serem escolhidos por Deus para restaurar a fé cristã. O surgimento desses profetas – Luigi Francescon, Gunnar Vingren ,Daniel Berg, entre outros – foi suficiente para a eclosão de uma série de outros, que a partir de então se diziam herdeiros de um chamado legítimo: a restauração cristã. (SANTOS, 2019, p.59).

Na definição de Alencar (2013):

> A Assembleia de Deus no Brasil é brasileira? Brasileiríssima. Ela pode não ser 'a cara' do Brasil, mas é um retrato fiel. E um dos principais.
> É uma das sínteses mais próximas da realidade brasileira. Como o Brasil, é moderna, mas conservadora; presente, mas invisível; imensa, mas significante; única, mas diversificada; plural, mas sectária; rica, mas injusta; passiva, mas festiva; feminina; mas machistas; urbana, mas periférica; mística, mas secular; carismática, mas racionalizada; fenomenológica, mas burocrática; comunitária, mas hierarquizada; barulhenta, mas calada; omissa, mas vibrante; sofredora, mas feliz. É brasileira. (ALENCAR, 2013, p. 17).

O autor nos apresenta as contradições existentes no interior da Assembleia de Deus, ora a Igreja acolhe, ora exclui, contradições presentes na sociedade, que se diz moderna, mas que mantém os traços do conservadorismo. É isto que faz a Igreja Assembleia de Deus ser notada como "brasileiríssima".

A Igreja Assembleia de Deus se lança no mercado da fé com as condições que ela dispunha, como narrado por Santos (2019):

> As nuances de cunho moral/doutrinário e econômico precisaram ser realçadas a título de fortalecimento. Partia-se, então, para um populismo religioso que buscava atrair as pessoas não pelas benesses da terra, mas pelos bens de salvação oriundos dos 'céus'. A dinâmica urbana necessitava de um 'produto religioso' que abarcasse a sua urgência de conformação à posição social e, ao mesmo tempo, lançasse mão de possibilidades de projeção e ascensão futuras.
> De olho nas camadas emergentes e nas ofertas de serviços, bens religiosos e de salvação, que se transformavam em reforço financeiro a cada membro que se convertia, as AD's perceberam que, na qualidade de comunidade sectária e de evangelismo pessoal, não teriam como concorrer com variantes pentecostais que se lançavam ao 'evangelismo de massa'. Por isso, se permitiram sair às ruas para propagar a sua teologia, ao mesmo tempo que defendiam o repúdio à cultura brasileira em geral, sendo ortodoxas em seus usos e costumes. (SANTOS, 2019 apud FRESTON, 1999, p. 69).

A seguir, o autor ressalta que o segundo traço característico da Igreja Assembleia de Deus foi o enfrentamento dos primórdios da Igreja no sentido da sua institucionalização. Para Alencar (2022), a primeira onda do pentecostalismo, denominada sociologicamente como pentecostalismo clássico, detém boa parte dos evangélicos, durante quarenta anos, sendo marcada de 1910 até 1950. Nesse período, a hegemonia católica se manteve, demonstrando hostilidade aos integrantes do novo movimento.

Existem organizações que para alcançar seus objetivos acabam por promover a discussão sob novas perspectivas ao criar um novo sentido, ou seja, uma missão que se propõe a executar, em outros casos, é a própria estrutura organizacional que se transforma.

Segundo Alencar (2000), há uma intensa discussão sobre a origem do nome, as mudanças provocadas pela falta de pastores e/ou obre9iros credenciados para ministrar a Santa Ceia, além de missionários que chegavam ao país sem definição de Igrejas ou locais de trabalho. Mesmo durante essa precariedade, chegam pastores e missionários para realizar batismos e oficializar a Igreja. Mas, "quem a iniciou? Quando e como a mensagem pentecostal chegou a esse município? Quem reuniu o grupo e ensinou-lhe, inclusive, a necessidade do batismo? Gente anônima - a militância Assembleiana." (ALENCAR, 2000, p. 58).

As mudanças ocorreram mais por necessidades de adaptação às demandas locais do que por uma oposição aos fundamentos iniciais (doutrina), pois, segundo Alencar, em sua dissertação de Mestrado (2000),

> 'Doutrina' na concepção Assembleiana não é, como se espera desta palavra, uma teoria bíblicateológica sobre os conceitos fundamentais, tais como: salvação, batismo, Deus, etc. 'Doutrina' implica meros costumes que viraram padrão ético/dogmático, como, por exemplo, mulher não cortar cabelo, depilar as pernas, etc.; homens não jogar futebol, não beber nem refrigerante nas primeiras décadas, etc. Evidentemente que não há apenas esta circunscrição folclórica, mas dentro da 'doutrina' também cabem os conceitos teológicos fundamentais. No entanto, quando expressos principalmente pelos mais velhos, os 'costumes das Assembleias' são mais importantes. (ALENCAR, 2000, p.119).

Tal posicionamento também não representa uma opção estratégica, mas significou uma adaptação às condições sociais no meio em que agia, assim, foi o desenvolvimento do trabalho entre os pobres.

Alencar (2007) escreve que "De fato, não houve nenhuma declaração de opção pelos pobres na implantação da Igreja, mas seu desenvolvimento não foi a partir de pessoas cultas e intelectuais como as igrejas protestantes." (ALENCAR, 2007, p. 38).

Reafirma em sua tese de doutoramento (2012) que não houve uma alienação natural, como algumas análises simplistas apressadamente afirmaram. Desde seu início, o pentecostalismo tem atuação social.

Para Rolim (1985), “A religião dos pobres tanto se move no sentido de acomodação e submissão, como para questionamentos e protestos.” (ROLIM, 1985, p. 10). Se foi adequada, ideal, revolucionária, alienante, espiritualizada, conservadora, transformadora ou qualquer outra designação, talvez a adjetivação diga mais sobre a concepção dos analistas do que sobre ela mesma.

Num país de pobres, uma ideologia que torne aceitável aos indivíduos a pobreza em que se vive tem um campo fértil para seu desenvolvimento, não se trata neste momento de buscar a riqueza com a ajuda de Deus, mas, ao contrário, aceitar a pobreza como uma marca em sofrimento em vida pela dedicação ao amor de Cristo e a recompensa vindoura por meio da vida eterna.[24]

Para Alencar (2000):

> A teodicéia do sofrimento transforma o escárnio em privilégio e a marginalização social em participação do sofrimento por amor de Cristo. Isto é uma tremenda reviravolta na lógica do sofrimento.
> A ideia de perseguição como legitimação da verdade foi excepcional para a AD naquele momento. De fora, a leitura é de um bando alienado de fanáticos, mas a leitura interna é de ‘privilegiados por sofrerem pela causa de Cristo’. (ALENCAR, 2000, p. 77-78).

Oportuno lembrar que há uma Bíblia comemorativa publicada pela editora Betel por ocasião do Centenário das Assembleias de Deus no Brasil, e cujas páginas finais foram apresentadas em um longo texto sob o título “História do Centenário das Assembleias de Deus no Brasil (Goiânia, 2009). Apresenta as razões que, segundo a versão oficial da Igreja, formaram a base da decisão para se criar a Assembleia de Deus: (1) operação do Espírito Santo nas vidas dos muitos crentes em todo país; (2) crescimento desestruturado e sem unidade das Igrejas novas; (3) dificuldades que apareceram entre as muitas Igrejas; (4) vontade de servir a deus de forma bíblica; (5) necessidade de estabelecer uma linha ideológica capaz de nortear a Igreja com base na bíblia; (6) visão de que unidos poderiam fazer um trabalho mais forte; (7) necessidade de representação jurídica para facilitar o funcionamento, edificação espiritual, a formação de obreiros e a evangelização dos pecadores (Goiânia, 2009, p. 136).

---

[24] Alencar desenvolve essa noção em sua publicação **Protestantismo Tupiniquim**, São Paulo: Arte, 2007. Esse foco de pesquisa já está presente em sua dissertação de Mestrado (2000).

A afirmação dos autores Oliveira, Arruda e Costa Júnior (2014) é fortalecida quando aceitamos a ideia de que uma Igreja é muito mais do que a sua estrutura institucional. A organização burocrática legal constitui uma ferramenta para se alcançar os objetivos, mas não significa que ela própria seja a única responsável pelo desenvolvimento da Igreja.

> Nas ADs pode-se encontrar desde o mais pleno modelo anárquico até a mais refinada burocracia administrativa. Isso se evidencia muito na diferenciação entre congregações de periferias e zonas rurais, em relação à profissionalização ministerial das grandes Igrejas urbanas. Enquanto as congregações ainda são visceralmente marcadas pelo voluntarismo carismático, desde a função pastoral passando pelos músicos e obreiros, até os zeladores que cuidam do patrimônio (pouco e pobre), as grandes igrejas são dirigidas como empresas capitalistas, com alto grau de racionalidade econômica. (ALENCAR, 2012, p. 129).

Alencar (2000, p. 11) é citado por Oliveira, Arruda e Costa Júnior (2014, p. 214) nos seguintes termos:

> Nunca teve um órgão nacional de estratégia, mas alcançou o país em vinte anos; nunca teve organização, mas é a maior igreja evangélica do país; nunca teve teólogos e/ou eruditos, mas foi a que mais cresceu; neste período, não havia nenhuma escola de formação de obreiros, mas proliferou mais que qualquer outra; sempre foi periférica e marginal, mas alcançou os pobres e simples como nenhuma outra. Ela incorpora como 'bênção' todas as críticas (alienação política, conservadorismo, atraso etc.) que lhe são dirigidas.

Para eles cumprirem esse papel de dominação sem que as pessoas percebam, é preciso que elas se envolvam com a Igreja para gerar um sentimento de pertencimento. Segundo Oliveira, Arruda e Costa Júnior (2014):

> Espremida entre ser uma igreja moderna ou conservadora, urbana ou rural, nacional ou estrangeira, com afinidades com suecos ou americanos, essa igreja se esfacela, assumindo, em diferentes locais e tempos, por razões diversas, múltiplas vertentes. Acompanha, sim, o desenvolvimento do país, suas alterações, seus acidentes ditatoriais, suas ambiguidades, e vai incorporando o sistema patrimonialista na direção dos Ministérios, bem como o voluntarismo ímpar de uma membresia militante; comunitária e acolhedora, abre espaços para todos e todas nas manifestações democráticas e paritárias da glossolalia, dos testemunhos, dos cânticos, da musicalidade, das oportunidades; conquanto hierarquizada legaliza um modelo estamental excludente das mulheres e também discriminador dos 'negativamente privilegiados', por esses não fazerem parte dos grupos de status próximos aos centros de poder. Presente nas extremas brenhas do interior marginal - do mais pobre e esquecido sertão - e nas favelas, ao lado de espaços ricos e urbanos, mas igualmente não alcançado pelo Poder Público; entranhadas e assimiladas nas comunidades pobres e também já dando o ar de sua graça nas classes mais favorecidas; aparecendo nos mais altos cargos políticos e também ascendendo economicamente, portanto, impossível de não serem notadas nas paisagens urbanas e rurais, pois presente de norte a sul, lá estão as ADs. Nelas se reconhece o Brasil, e este também, não se pode negar, é muito presente nas mesmas.

No entanto, para Alencar (2007):

> Mas isto não resolve uma das questões centrais: por que cresce? Foi exatamente esta 'mensagem libertária popular' de receber todos indistintamente, e da mesma forma lhes dá a oportunidade de falar de sua 'experiência', que encantou/converteu as pessoas. Todos – e todas – têm acesso a este "poder" (em se tratando de pentecostalismo, esta palavra adquire uma conotação muito mais abrangente, de contato com o divino), sem a mediação da classe produtora de bens sagrados; e não é um erudito/instituição quem/que delimita, instrui ou permite sua experiência. Mas, no pentecostalismo acontece, exatamente, o contrário: sua experiência – pessoal, intransferível, com seu linguajar, sua realidade sem ninguém criticar ou moldá-la – é que define a teologia/instituição. É muito significativo para quem nunca teve acesso ao sagrado, identidade autônoma ou independência pessoal. (ALENCAR, 2007, p. 41).

Afinal, Assembleia de Deus ou Assembleias de Deus? Para Alencar (2007),

> Usam-se os dois nomes exatamente por não se saber o que é. É uma igreja ou várias com o mesmo nome? São várias com o mesmo nome. A única unanimidade doutrinária desta igreja é a crença na contemporaneidade da doutrina do Espírito Santo. Já que os sistemas eclesiásticos diversos e os estilos de liderança são contraditórios entre si. (ALENCAR, 2007, p. 124).

Para Carreiro (2014), mesmo que se possa afirmar que existem diversas Assembleias de Deus, o fato é que a marca se consolidou e hoje ela se expande cada vez mais por todo país e o mundo, pois:

> 'Assembleia de Deus' parece ser um ótimo nome no mercado de bens religioso de salvação, e parece ser capaz de atrair uma clientela considerável. Nestes termos, o nome AD vende e é um bom marketing no concorrido mercado religioso brasileiro. Por outro lado, embora desligadas das convenções as práticas pentecostais, as formas litúrgicas, usos e costumes, as crenças de um modo geral são mantidas e isso parece importante para o fiel que procura os serviços destas instituições do que saber se a instituição está ou não ligada à convenção. (CARREIRO, 2014, p. 7).

Quanto aos aspectos teológicos, embora a teologia da prosperidade não seja adotada oficialmente pela Igreja Assembleia de Deus, o fato é que ela exerce forte influência em muitas congregações, um fenômeno que atinge até mesmo protestantes históricos, como bem observa Juliano Spyer:

> Dito isso, há evidências de que a teologia da prosperidade esteja influenciando as práticas de neocarismáticos (protestantes históricos influenciados pelo pentecostalismo) e que pentecostais estejam dando mais importância para a prosperidade material e que dentro DE SUAS IGREJAS a promoção de valores modernos tenha se tornado uma motivação para os setores vulneráveis buscarem o progresso financeiro pelo empreendedorismo. Em síntese, a rejeição da teologia da prosperidade, vinda principalmente de setores médios e altos da sociedade, tem um elemento de hipocrisia associado a uma cultura originalmente católica. O incômodo em relação à teologia da prosperidade seria uma desaprovação a que o pobre ambicione para si aquilo que faz parte da vida dos brasileiros

> mais ricos, como viajar de avião, fazer turismo para o exterior e consumir produtos caros. (SPYER, 2020, p.135-136).

O capítulo 1 propiciou espaço para a exploração do conceito de pentecostalismo, situando-o no Brasil e o que ele representa para os participantes das Igrejas evangélicas pentecostais, mantendo o enfoque na temática aqui indagada. Ao mesmo tempo, no Capítulo 2, vamos explorar sobre a história da formação da Igreja Assembleia de Deus no âmbito nacional a fim de uma melhor compreensão acerca desta instituição, a força desta marca como chamariz de pessoas e o que as leva a fazerem esta escolha neste concorrido e diversificado mercado religioso.

2.2 Formação da Igreja Assembleia de Deus no Brasil: Madureira Campo de Carapicuíba/SP

Carapicuíba, município da Região Metropolitana de São Paulo, no estado de São Paulo/Brasil, localiza-se a 21 km da capital São Paulo. São seus vizinhos Barueri, ao norte, Jandira, ao oeste, Cotia ao leste, e Osasco, ao sul. É a segunda cidade mais populosa da Microrregião de Osasco.

Imagem 7 – Vista Geral, com moradias populares

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do Wikipedia.[25]

Com uma área de 34,97 km^2, em 2011 abrigava 372.053 mil pessoas (estimativa para 2021 é 405.375 habitantes, resultando em alta densidade demográfica 11 465,9 hab./km^2[26]), com áreas densamente ocupadas no sentido centro-norte

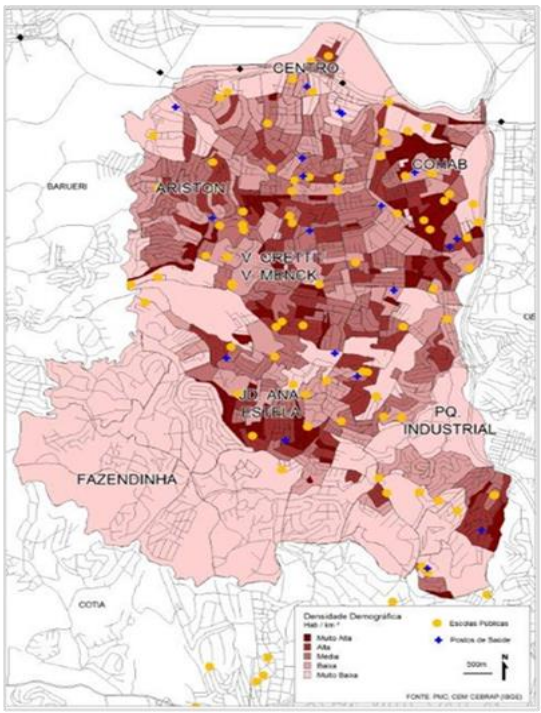
[25] Disponível em: https://www.skyscrapercity.com/threads/carapicuiba-sp-cidade-bem-mal-vista-na-rmsp. Acesso em: 15 jan. 2023.

[26] Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Carapicu%C3%ADba. Acesso em: 2 fev.2023.

Mapa 3 – Municípios da Região Metropolitana de São Paulo

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do Wikipedia. [27]

Mapa 4 – Densidade Demográfica. Carapicuíba/SP[28]



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do Wikipedia.

O município é 100% urbano, com população jovem predominante, taxa de crescimento 0,72% (2000 a 2010), 10% de população ocupada (2020), 35% da população com rendimento nominal mensal per capita de até 1/2 salário-mínimo em 2010; a previsão para 2020 eram de 2.1 salários-mínimos.

[27] Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Metropolitana_de_S%C3%A3o_Paulo. Acesso em: 8 mar. 2023.

[28] Conforme Mapeamento realizado no processo de elaboração do Orçamento Participativo, 2009

O Índice de Desenvolvimento Humano indica:[29]

IDH-M Renda: 0.721 (Alto)
IDH-M Longevidade: 0.842 (Muito Alto)
IDH-M Educação: 0.693 (Médio)

Com altos índices de renda/IDH, como se explica a existência de tantas pessoas em condições de vulnerabilidade social (moradias precárias, segurança alimentar, desemprego)?

Essa realidade, visível nas várzeas e no alto dos morros, criou uma imagem desfavorável da cidade conhecida por ser uma das cidades mais pobres do estado de São Paulo, com infraestrutura precária, além do baixo desenvolvimento social e econômico da população.

Observe as imagens a seguir:

Imagem 8 – Favela à beira de córrego

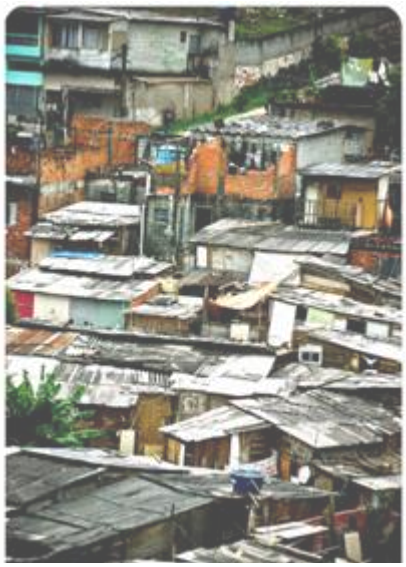
Fonte: Elaborado pelo autor com base em site específico.[30]

Imagem 9 – Favela em Carapicuíba

Fonte: Elaborado pelo autor com base em site específico.[31]

[29] Fonte: IPEA/DATA, dados do Censo 2010. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Carapicu%C3%ADba. Acesso em: 5 ago. 2022.
[30] Disponível em: https://erraticviajes.files.wordpress.com/2010/10/7dedf-p9188939.jpg. Acesso em: 5 ago. 2022.
[31] Disponível em: https://www.flickr.com/photos/karinacarvalhofotografia/430818471. Acesso em: 5 ago. 2022.

Imagem 10 – Visão geral da favela do Murão, em Carapicuíba-SP



Fonte: Elaborado pelo autor.

Imagem 11 – Conjuntos habitacionais da CDHU à esquerda, bairro do Jd. Tonato.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Imagem 12 – Porto de Areia, em Carapicuíba, na Grande SP[32]

Fonte: Elaborado pelo autor.

[32] Favelas invisíveis: como está a vida em pequenas comunidades na Grande SP (agenciamural.org.br). Disponível em: https://www.agenciamural.org.br/especiais/favelas-invisiveis-sao-paulo-covid-19/. Acesso em: 3 ago. 2022.

Imagem 13 - Reintegração de posse na Vila municipal (400 famílias)

Fonte: Gazeta de São Paulo,[33]

Afinal, em uma cidade com bons índices (IDH), quantas favelas existem? Atualmente, segundo a Prefeitura de Carapicuíba (PLHIS, 2011), a cidade contém aproximadamente 160 favelas, as quais abrigam 24,4% dos domicílios carapicuibanos.

2.2.1 Histórico

Neste momento, o trabalho tem como foco a pesquisa sobre a Igreja Assembleia de Deus do Ministério Madureira Campo de Carapicuíba e a Cidade, por considerarmos relevante especificar o que vamos estudar, especialmente situando a Igreja Assembleia de Deus nesse contexto.

Fajardo (2015) escreve que:

> A complexidade não se restringe aos fatores corporativos-institucionais. É possível encontrar ADs cujas práticas litúrgicas lembram igrejas pentecostais ligadas à teologia da prosperidade, como a Universal do Reino de Deus. Por outro lado, também é possível assistir cultos em igrejas onde tais práticas são severamente questionadas. Há ADs onde danças e palmas fazem parte de todo o momento do cântico comunitário, em outras, tais elementos não são permitidos em nenhuma hipótese. Existem ADs em que é proibido aos membros o uso de maquiagem, brincos e outros adereços, enquanto em outras, tais costumes são incentivados. Em alguns casos o estudo teologia é reprimido, enquanto em outros são organizados cursos que pleiteiam o reconhecimento do MEC. (FAJARDO, 2015, p. 37).

Este trabalho resgata parte da história administrativa da Igreja, descrevendo o que entendemos ser uma Igreja Assembleia de Deus no Brasil, porque este nome tem sido utilizado por uma enorme variedade de Igrejas que reivindicam esta marca.

Segundo Carreiro (2014):

> Uma primeira constatação neste sentido diz respeito à falta de trabalhos que

[33] Disponível em: https://www.gazetasp.com.br/estado/reintegracao-mais-de-1200-familias-serao-removidas-de-area-em/1110154/ Acesso em: 3 ago. 2022.

> foquem o modelo organizacional das instituições religiosas e que atribuam a ele um papel que, julgo ser importante na interpretação do crescimento dos grupos religiosos. Diferentemente do que ocorre em outros campos de pesquisa que tratam do crescimento de outras organizações, em que uma sociologia das organizações ou uma sociologia da administração é convocada a dar sua parcela de contribuição, no Brasil há pouca relação entre sociologia da religião e sociologia das organizações. (CARREIRO, 2014, p. 3).

Para Carreiro (2014), é necessário estabelecer a relação entre o crescimento de números de adeptos da Igreja e a cultura organizacional que impulsionou este crescimento. Muitas Igrejas tinham o mesmo apelo pentecostal aos fiéis e por que aquela Igreja fundada por dois missionários suecos em Belém do Pará conheceu um tão prodigioso crescimento?

De acordo com Oliveira (2014):

> Eficácia é o que não falta aos ministérios das ADs que trabalham com um modelo parecido com o sistema de franquias, norteados por uma única logomarca, uniformidade dos discursos, na filosofia de trabalho e no Espírito de equipe, mesmo que essas equipes se mantenham bem afastadas, como o caso dos pastores-presidentes José Wellington Bezerra da Costa e Samuel Câmara. Somente uma instituição moderna é capaz de perceber que, mesmo dentro de centenas de ministérios ADs independentes e administrados por líderes de perfis bem diferentes, ainda é válido o uso de um sistema como a colocação de metas para expansão empresarial de suas Igrejas. É fundamental verificarmos que a denominação possui um "segredo de negócio", ou seja, um know-how diferenciado de sua concorrência, que já representa uma significativa garantia de sucesso. (OLIVEIRA, 2014, p. 89).

A esse respeito, Carreiro (2014) escreve que:

> Para Freston (1994: 86), o sistema de governo das Assembleias de Deus pode ser caracterizado como oligárquico e caudilhesco. Surgiu em determinado momento histórico e foi útil no controle dos missionários das comunidades que iam surgindo. Um traço cultural importante que foi muito bem absorvido como *modus operandi* na administração pastoral das comunidades religiosas foi o coronelismo. (CARREIRO, 2014, p. 13-14).

Como é possível compatibilizar essas afirmações? Pois a princípio, quando pensamos em coronelismo, nos remetemos à ideia de algo arcaico que remonta ao período do Império no Brasil.

Carone (1971) escreve que:

> A partir do Império, o mandonismo local é denominado indistintamente de **coronelismo** (maior parte do Brasil), **caudilhismo** (Rio Grande do Sul), **chefismo** (vale do São Francisco), etc. A regionalização de nomes mostra a expansão e unidade do problema, que se traduz também em fatores extrínsecos comuns. Como diz um publicista uruguaio, 'caudilho quer dizer força própria, autoridade própria e, portanto, autonomia'. (CARONE, 1971, p. 86). Grifos nossos.

As mudanças no contexto geral, tanto internacional quanto no país, alterando

a forma de atuação das ADs nas regiões abrem espaço para novas hipóteses.

Durante muito tempo, as ADs permanecem mais carismáticas, de perfil mais libertário, com o carisma pessoal mais apurado, de tradição mais familiar e um sistema menos burocrático do que as Igrejas atuais. As ADs levaram muito tempo para compor os requisitos necessários de ordem de expansão nas questões teológicas, éticas, dos costumes, nas questões administrativas, entre outros, em suas Igrejas. Com a finalidade de atender às demandas desta nova etapa, desenvolveu-se outra forma de carisma bem definida por James Washington Alves dos Santos:

> Existe também outra forma de carisma que não emana do agente religioso, este seria próprio da instituição, que por meio de sua tradição na gerência do sagrado, se coloca perante o social como um grupo potencial dentro do campo religioso. Sua construção e desenvolvimento estão atrelados às respostas que dá às demandas sociais e as formas como criou e potencializou seus símbolos, tratando, assim, de ampliar sua influência e atividades nos campos material e simbólico. Por essa mesma razão, não são poucos os casos em que, na falta de carisma pessoal no exercício do trabalho religioso, muitos agentes se valem do carisma institucional como reforço à sua posição eclesial, tentando apelar para as conveniências da rotina e para a obediência dos membros do grupo. (SANTOS, 2019, p. 54)

Portanto, pretende-se traçar algumas aproximações compreensíveis, das ADs, em suas diferentes formas de atuação: Pastores-presidentes e as Igrejas sedes/Ministérios; a filiação de seus pastores a uma Convenção Estadual; a associação dos mesmos à Convenção Nacional e Ministérios independentes desassociados das antigas Convenções Nacionais e a abertura de Convenções próprias com o modelo de franquia.

É correto observar que essas comparações estão voltadas para as Igrejas das ADs metropolitanas, mais modernas, não servindo, porém, para todas as igrejas e nem se aplicando às igrejas mais distantes dos grandes centros urbanos, as mais periféricas. Essas comparações também não abrangem as igrejas dos recônditos nordestinos, que ainda permanecem mais familiares.

Na cultura organizacional da Assembleia de Deus, o arcaico e o moderno não são antagônicos, na verdade, o moderno se alimenta do arcaico. Assim como Francisco Oliveira publicou, primeiramente como um ensaio, em 1972, com o título "A economia brasileira: crítica à razão dualista", clássico da reflexão sobre o Brasil, três anos mais tarde resultando em livro, também acreditamos que no estudo da cultura organizacional ADs, não devemos opor o moderno como inimigo do arcaico, tradição e renovação dialogam a todo tempo.

Segundo Corrêa (2012), a constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva dos que dele são excluídos e que, assim, se transformam em leigos ou profanos, no duplo sentido do termo; destituídos do capital religioso considerando-se trabalho simbólico acumulado e, ao mesmo tempo, reconhecendo a legitimidade desta desapropriação pelo simples fato de que a desconhecem enquanto tal. Esse processo resulta da monopolização da gestão dos bens de salvação por religiosos reconhecidos socialmente como os detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou à reprodução de um "corpus" deliberadamente organizado de conhecimentos secretos, dada a sua raridade.

2.2.2 Gestão de bens de salvação: liturgia do culto

Para melhor compreensão do funcionamento e a importância do culto, recorremos à Bíblia publicada por ocasião da comemoração do Centenário das Assembleias de Deus (p. 157).

Na liturgia do culto das ADs, as orações, os cânticos (hinos evangélicos clássicos e avulsos), testemunhos e a entrega das contribuições e pregações, geralmente há manifestações dos dons espirituais. Esses cultos têm horários e datas específicas, tais como, (1) a Escola dominical, aos domingos, com divisão em classes por idade; (2) aos domingos, por volta das 19h, realiza-se o culto de evangelização e louvor; (3) às terças-feiras, às 19h30, o ensino da Bíblia, sob a responsabilidade de um pastor local ou obreiro por ele convidado –, neste caso, as pequenas ou as subcongregações realizam este culto por volta das 19h; (4) mensalmente, aos sábados, por volta das 19h, o culto da Ceia do Senhor, aberto a todos os membros em comunhão, com duração de 1h30 a 2h (nos movimentos festivos).

A ritualização dos cultos naturaliza sua realização sem questionamento, tornando-os conhecidos e aceitos, por isso, confortável aos Assembleianos. Dessa maneira, são institucionalizados sem que haja determinação oficial, sendo apropriada, incorporada e praticada. São 7 áreas principais, que descrevemos a seguir:

1. Início com oração e louvores congregacionais, pelo dirigente do culto (ou outro obreiro convidado pelo pastor ou responsável pelo culto), pedindo a bênção de Deus. Cânticos iniciais são entoados, utilizando-se da Harpa Cristã (hinário oficial da Igreja contendo 640 Hinos Evangélicos Clássicos, divididos em quatro vozes com partituras para soprano, contralto, tenor e baixo); cantam-se, em média, três

hinos.

2. Leitura bíblica, oficial ou devocional para chamar a atenção de todos para a Palavra de Deus, base doutrinária do culto e da vida do cristão na oportunidade.
3. Oportunidades de cânticos para grupos de crianças, adolescentes, jovens, senhoras, homens, ministério de louvor, bandas, solistas, duplas, trios, quartetos, corais etc. Nesse momento, oportunizam-se para testemunhos de membros da Igreja quando contam milagres que Deus tenha realizado em suas vidas ou feito através deles. Às vezes, alguns membros ou obreiros são convidados para trazer um rápido sermão (até cinco minutos para edificação da Igreja).
4. Contribuições são consideradas dízimos e ofertas usadas por Deus para manter materialmente os trabalhos pastorais, evangelísticos, de edificação espiritual, supervisão geral, construções, viagens a serviço da Igreja, manutenção dos templos etc.
5. Pregação feita geralmente por um pastor, evangelista, presbítero ou outro obreiro da Igreja local ou convidado, faz uma leitura bíblica e entrega um sermão de aproximadamente 40 minutos, explicando a passagem bíblica lida para toda a Igreja em tom de discurso inflamado, pentecostal e conativo.
6. Apelo e oração final em forma de convite aos não evangélicos a receberem Jesus como seu único e suficiente Salvador; às vezes, se estende aos membros da Igreja local visando, principalmente, incentivá-los a irem à frente receber oração e, pela fé, tomarem posse das bênçãos de Deus. Nesses momentos, acredita-se que muitos milagres, além da possibilidade de explicação, têm acontecido no Brasil e no mundo.
7. Bênção apostólica é uma prática restrita, pela maioria dos ministérios, ao pastor da Igreja ou obreiro autorizado por ele, porém, nem todos os ministérios da Assembleia de Deus seguem esta liturgia "*ipsis litteri*s".

Há indícios de mudanças nos cultos, mas as práticas cotidianas mostram mudanças mais profundas, acompanhando demandas das novas comunidades. Como exemplo, o uso de palmas, louvores de mídia, pregações interativas com a comunidade além do ministério de dança. Tais mudanças não são aceitas em muitas Igrejas, onde são vistas como negativas e inconvenientes “em vez de influenciar (sal da terra) muitas igrejas locais passam a ser influenciadas, Mt 5.13-16; Fp 2.15, há, porém, exceções.

2.3 Rotinização: processo de empoderamento?

A rotinização não se realiza, em regra, sem lutas. De um lado, as exigências pessoais em relação ao carisma do senhor; de outro, o carisma de cargo ou o hereditário e pessoal, indícios de um processo típico na história da instituição. Além disso, a delimitação explícita dos domínios de competência e hierarquização regulamentada das funções, com a racionalização correlativa das remunerações, das "nomeações".

Houve, nesse processo, muito investimento das lideranças das ADs com foco em projetos caros e arrojados, buscando visibilidade organizacional, e no poder religioso, o que eliminaria a concorrência em seu meio. Contou para tal, o apoio de assessores competentes e administradores dinâmicos com poder de articulação em todos os setores. O fortalecimento desse processo deu-se com a rotinização, ou seja, a associação de dominação carismática efetiva-se nas formas da dominação cotidiana, a patrimonial, especialmente a estamental ou burocrática. O antigo caráter particular manifesta-se na honra estamental carismática – hereditária ou de cargo dos ocupantes, tanto do senhor quanto do quadro administrativo, isto é, na natureza do prestígio da liderança. Frequentemente, repetem-se as ações estejam estas nos registros das atas ou determinações dos Congressos ou interpretações.

Nesse contexto de dominação, foi importante o processo de institucionalização iniciada pelas ADs, como visto neste estudo, com as características mais burocráticas, com uma das "promoções" e das "carreiras", com codificação das regras, regendo a atividade profissional e a vida extraprofissional, racionalizando os instrumentos de trabalho, como o dogma e a liturgia, além da formação profissional, ou seja, "o poder disciplinar não destrói o indivíduo; ao contrário o fabrica."

Segundo James Washington Alves dos Santos:

> Da mesma forma, as denominações evangélicas pentecostais traçaram uma linha de demarcação na qual a escolha dos especialistas se daria não pela formação acadêmica, mas pela apresentação de 'ferramentas' necessárias ao exercício pastoral. A primeira delas é o chamado batismo com o Espírito Santo. Sem esse 'revestimento', não há carisma pastoral e não pode haver exercício dos dons de que um pastor necessita. Outro fator importante seria o domínio da Bíblia como código de conduta e normativa de vida. Esse aspecto não só responde fortemente ao pentecostalismo, mas também ao protestantismo histórico de cunho ético. (SANTOS, 2019, p. 59).

A entrevista com o pastor-presidente do Ministério Madureira Campo de Carapicuíba demonstra como a necessidade de um longo processo de experimentação e treinamento é exigida para consagração de um pastor nos dias

atuais e que a concorrência externa tem levado a uma demanda por formação teológica:

> P: O que é preciso para chegar a pastor da Assembleia de Deus?
> R: É um processo tão difícil para ser um pastor na igreja Assembleia de Deus que não é brincadeira, precisa atestado de antecedentes, precisa de atestado de que não é caloteiro que não deve nada, verifica como convive com a família se trata a esposa bem, se trata os filhos bem, como é que convive na sociedade é complicado mesmo assim às vezes surge de obreiro que faz coisa errada, mas é um pente fino que não é brincadeira tem que ter um curso teológico.

Além dos documentos de idoneidade, há os valores morais em jogo, conforme o pastor-presidente. Mas o treinamento ou a formação exige escolarização, como segue:

> P: E como é esta formação Teológica, é realizada na própria igreja ou é ratificado ou validado em um instituto? A igreja tem este curso no nível superior?
> R: Então acontece o seguinte o básico e o médio é feito pela própria igreja aqui se ela tive um instituto teológico, o caso nosso aqui nós temos instituto teológico o bacharel ele é feito por uma faculdade por mais que temo EETAD e o Instituto BETEL Brasileiro, só que depois que ele, se para, ele pode se um bacharel, ele precisa ter o segundo grau completo, precisa ter segundo grau completo, e aí o que acontece, ele precisa fazer a convalidação em bacharelado, normalmente nós faz ou na Metodista ou no Mackenzie, não, tem em Brasília.

Cumpridas as exigências formais, há ainda a "validação" que inclui todo o processo anterior, mais o engajamento se "ele é esforçado tem chamado, é dedicado, é fiel, cumpri todos os requisitos necessários para ser um obreiro", como explicita o pastor-presidente:

> P: Qual o caminho para se chegar à indicação do Campo para ser pastor?
> R: Primeiro você vai ver se a pessoa é vocacional daquilo, depois ele vai fazer um curso lá no teu Campo, no Campo tem um jovem aí que ele é dinâmico, ele é esforçado tem chamado, é dedicado, é fiel, cumpri todos os requisitos necessários para ser um obreiro, então ele vai frequenta um ano escola de formação de obreiro, ou seja, o camarada fica um ano aprendendo como deve ser um obreiro depois de um ano que ele tá ele pode se separado, para ele pode se obreiro ele precisa se batizado com o Espírito Santo, depois disso ele vai frequenta dois anos do curso básico, três anos do curso médio e quatro do bacharel e aí ele é consagrado o mesmo do Campo é consagra se tiver o curso básico que é de dois anos ele é separado ou o curso médio que depois do básico vem o médio e por último o bacharel então ele precisa ter estes cursos, batizado com o Espírito Santo, e preencher esses requisitos, atestado de antecedentes para ver se não tem nenhum processo contra ele nem nada, e depois atestado negativo de protesto para ver se tem a vida limpa, depois vai verifica a família, verifica família como é a esposa como que ele vive em família com os filhos se ele trata bem a esposa se é uma pessoa integra para se consagrada, então evangelista, missionário e pastor, só na convenção nacional ou a estadual Campo não tem autonomia para consagra. Começa como auxiliar interno, depois auxiliar de escala, diácono, presbítero, aí daí para frente é ministro aí é só a convenção, então os critérios para escolha são esses, no próprio Campo, **até presbítero é no**

> **próprio Campo** e depois **evangelista, missionário e pastor é na convenção nacional.** (grifo nosso).

A explicação do processo revela a relação de poder de quem manda e quem obedece, baseada na fala dos pastores-presidentes aos demais pastores. Segundo Corrêa (2012), usa-se uma linguagem tradicional, técnica e burocratizada aliada às estratégias nacionais e, apesar de serem assuntos religiosos tratados sob a ótica administrativa, fazem parte de temas financeiros, políticos e econômicos. Conforme os procedimentos rotinizados, a dominação viabiliza-se por meio das ações dos grupos de pastores dominantes que administram suas instituições, segundo Correa (2012, p.230), "alimentados com dinâmicas racionais, de captação religiosa, percebendo os mecanismos emergentes de estruturação nas redes de igrejas filiadas." No gerenciamento eclesiástico rigoroso no mundo dos negócios, exercido pelos grupos de poder/status, conjugam-se as esferas religiosas e econômicas, o que propicia a consolidação desses ministérios em organizações religiosas.

Vista na perspectiva assembleiana do grupo de pastores das igrejas locais constituído por evangelistas, presbíteros ou diáconos, esses homens são "remadores, cujos olhos estão fixos no timoneiro; portanto, homens que não vivem para si mesmos ou segundo sua própria vontade, mas para os outros" (CORRÊA, 2012, p. 256).

Para Santos (2019):

> Cabe salientar que, as formas de acesso para tais postos envolvem questões como: barganha institucional, capacidade de investimento de tempo e recursos e disposição de capitais (habilidades específicas). Quanto aos postos chave, dentro da questão das possibilidades de acesso, eles estão disponíveis para candidatos que, para além das relações institucionais internas, sabem lidar também com questões de outros campos – como o político e o econômico, em termos de representação. (SANTOS, 2019, p. 18).

E lugar das mulheres nas ADs?

2.4 Mulheres nas ADs

Quanto à questão feminina, ainda passa por enormes desigualdades sociais firmadas por uma sociedade machista que insiste em manter os padrões antigos, principalmente dentro da realidade religiosa, pautada em falsas afirmações proféticas obrigando-as a silenciar-se e obedecer aos interesses de uma minoria masculina. Na dissertação de mestrado da Profa. Dra. Eliane Hojaij Gouveia, em meados da década de 80, já consta a inserção da mulher no mundo pentecostal, que tudo indica o silêncio

continua necessitando ser ouvido e, embora tenham ocorrido profundas transformações na sociedade brasileira de lá para cá, é inegável que a mulher ainda ocupa um lugar subalterno no mundo pentecostal.

Na entrevista feita com o pastor-presidente, ele afirma que só as esposas dos presidentes são consagradas pastoras:

> P: As mulheres foram antes missionárias do que pastoras?
> R: É pastora no Ministério Madureira só autorizada para esposa de presidente, só mais ninguém, só esposa de presidente, missionária tem bastante, diaconisa é trabalho interno, missionária desenvolve trabalho social tudo isso esse negócio aí são as missionárias.

Segundo Santos (2019):

> Muito se fala em relação ao século XX (ALENCAR, 2009; CORRÊA, 2018), sobre a emergência da liderança pastoral feminina em termos de Assembleias de Deus no Brasil.
> Como no exemplo citado anteriormente, há duas questões a serem consideradas: primeiro, que a abertura de espaço no Ministério nunca foi efetivada plenamente, fora o caso de Frida Vingren, quando as AD's ainda estavam em consolidação. Em segundo lugar, as consagrações de mulheres que hoje são feitas, tem um efeito eminentemente simbólico e não institucional. Na ausência da afirmação do cargo via prática, seu efeito oficioso se esvazia. [...] de líder e ter um título simbólico para apresentação social. (SANTOS, 2019, p. 106).

Ainda enveredando-se pela argumentação de Santos (2019, p. 107), a estratégia nessas representações – consagrar pastoras esposas de pastores – refere-se ao status social, o que mantém a base simbólica de liderança, sem alterar os estatutos, como acontece na Convenção Evangélica das Assembleias de Deus do Distrito Federal – CEADDIF, e na Convenção de Igrejas Evangélicas e Pastores das Assembleias de Deus no Rio Grande do Sul – CIEPADERGS.

O Círculo de Oração é considerado um dos ministérios mais importantes dentro das ADs e é adotado por todas, inclusive no exterior.

É difícil imaginar que mesmo com o trabalho realizado pela missionária Frida Vingren, dona de grandes talentos como ser escritora de lições bíblicas, pioneira na produção de jornais, compositora de hinos e sua determinação a favor da obra das ADs, as mulheres assembleianas atuais ainda não dispõem de um discurso mais visível. Elas são as primeiras a chegarem às igrejas e as últimas a saírem, também são as responsáveis pela limpeza dos templos, organização do culto, elaboração de corais e grupos de orações, além dos Círculos de Oração. Uma delas, como a "Tarde de Benção", se mantém até os dias de hoje, promovida pelas mulheres, como mostra a Imagem 14.

Imagem 14 – Convite para a Tarde de Benção

Fonte: Elaborado pelo autor.

Juliano Spyer (2020) esclarece que mesmo a igreja vivendo um ambiente predominantemente machista, a mulher que adere à igreja pentecostal percebe uma profunda alteração das relações familiares. Essa conclusão também aparece nas pesquisas da antropóloga Maria Thereza Couto (2001).[34]

A explicação da antropóloga é que a mulher que adere a igrejas pentecostais ganha maior autonomia ao se tornar a mediadora em relação ao sagrado dentro de casa. E esse poder cresce à medida que ela consegue, como uma estratégia de proteção da família, motivar a conversão de seu parceiro. A conversão masculina aumenta indiretamente o poder feminino na relação, na medida em que o homem abre mão de ficar na rua, que é seu espaço de liberdade, anonimato, farra, bares, relacionamentos paralelos etc., transferindo essa sociabilidade para o ambiente mais controlado da igreja. Esse tipo de consequência explica por que existem mais mulheres do que homens identificados como evangélicos, e porque parece ser mais comum a conversão do homem ter a participação da mulher do que o contrário.

O sociólogo britânico David Lehmann (apud SPYER, 2020, p. 124)[35], da Universidade de Cambridge, explica que apesar de poucas mulheres atuarem como pastoras, elas atuam dentro de suas igrejas e desempenham papéis importantes na organização de atividades em suas comunidades. Essa é uma pesquisa a ser realizada, dada a importância da atuação das assembleianas no funcionamento e na organização das ADs.

---

[34] Cf. FALCÃO, Maria Thereza Couto. **Pluralismo religioso em famílias populares**: poder, gênero e reprodução. 2001. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

[35] David Lehmann - Cientista Social britânico, especializado em estudos de América Latina, pesquisas em temas de fenômenos religiosos, multiculturalismo e a interculturalidade. A partir da década de 1980, tem trabalhado com movimentos religiosos, católicos e evangélicos, especialmente no Brasil.

2.5 Igrejas: campo de batalha na estrutura de comando

Na verdade, os conflitos, sejam internos ou externos, estão presentes em cada uma delas. No âmbito da gestão assembleiana, o poder continua formatando um fenômeno interessante, complexo e camuflado. Muitas vezes, o olhar religioso nos impede de observar as tensões existentes já há muito tempo entre os sistemas organizacionais administrativos relativos aos pastores assembleianos. Assim, esses pastores, em nome do religioso, transformam a paisagem de suas igrejas em um campo de batalha na sua estrutura de comando. Todavia, segundo Bourdieu, o maior mérito de Weber foi o de haver salientado o fato de que a urbanização com as transformações que provoca contribui para a "racionalização" e para a "moralização" da religião, apenas na medida em que a religião favorece o desenvolvimento de um corpo de especialistas incumbidos da gestão dos bens de salvação, conforme Bourdieu (2009, p. 35) em seus estudos “Economia das trocas simbólicas”. Daí a necessidade de um corpo de especialistas com competência exclusiva ser constituído no campo religioso com intuito de desapropriar os leigos do capital religioso.

Para compreender o que se entende por campo, imagina-se uma disputa onde cada agente busca concentrar consigo certos capitais. Considere ainda que existe uma diversidade de tipos de capitais – como o financeiro, cultural, tecnológico, jurídico, organizacional, comercial ou simbólico, como vimos nas organizações ADs.

Somente uma instituição moderna é capaz de perceber que mesmo dentro de centenas de Ministérios ADs independentes e administrados por pastores-presidentes de perfis bem diferentes, para usar um sistema como meta, a expansão empresarial de suas igrejas possui o *know-how*. E sobre isso é fundamental verificar que, segundo Corrêa (2012, p. 203), a denominação possui um “segredo de negócio”, ou seja, um *know-how* diferenciado de sua concorrência que já representa uma significativa garantia de sucesso.

Quando não se conhece o funcionamento das ADs, pode-se incorrer no erro de pensá-las como um sistema centralizado, mas as administrações das suas redes funcionam isoladamente, como demonstra a realidade – cada lugar adapta seu funcionamento conforme as demandas e os recursos dessa comunidade. Não existe um plano previamente definido, foi nos embates das questões cotidianas e na busca de alternativas que o modelo se firmou. O poder, na verdade, está localizado no Campo, que teria funções semelhantes a uma diocese católica com o grande

diferencial de não conhecer limites geográficos e territoriais de atuação rigidamente impostos.

Os autores escrevem que a administração das igrejas Assembleia de Deus é realizada através de bispo e pastores, a congregacional tem seu cunho de liberdade de escolha sobre os seus pensamentos teológicos e seu crescimento de missão, mas eles ressaltam também que acontecem conflitos entre membros por terem preferência em outros modelos. É nessa permanente tensão que se desenvolve o crescimento da Assembleia de Deus. O caráter episcopal é demonstrado no exercício das atribuições do presidente do campo.

Neste momento da nossa indagação, iremos nos debruçar na fala do entrevistado pastor-presidente do Campo Carapicuíba, Jason Secundo Barreto, e faremos uma análise a partir da base teórica apresentada ao longo desta pesquisa. Diz o pastor Jason Secundo Barreto quando perguntado sobre a organização da igreja Assembleia de Deus:

> Dentro do ministério vem as convenções estaduais dentro do ministério convenção do Estado de São Paulo quem preside é o pastor Samuel Castro Ferreira, que é o presidente da convenção do Estado a convenção do estado divide é por campos por exemplo o Belém eles chamam de setores, mas eles não têm uma certa autonomia, o ministério Madureira é por campos por exemplo a cidade de Carapicuíba é um campo.

O pastor ainda relata que:

> Setores, porque o setor ele não tem total autonomia ele é subordinado lá, Ministério Madureira não, aqui tem autonomia eu aqui como presidente de Carapicuíba eu tenho autonomia eu abro trabalho na onde eu quero eu aqui tenho instituto Teológico aberto pelo Campo eu tenho obra social aqui que você conhece bem trabalho fantástico a obra social então aqui eu vou abrindo; e estamos iniciando abrir uma escola então eu tenho autonomia para fazer isso, lá o Belém os setores não tem é limitado recebe ordem direto do presidente da convenção. (PASTOR BARRETO).

Jason Secundo Barreto indica a diferença entre Setor e Campo. Setor é uma divisão administrativa da igreja Assembleia de Deus Ministério do Belém e o Campo é uma divisão administrativa do Ministério Madureira, no Ministério do Belém. O Setor não tem autonomia, fica subordinado à CGADB, já no Ministério Madureira o Campo tem total liberdade de decidir por quais caminhos percorrem na expansão do trabalho. Barreto ainda ressalta que o Ministério Madureira Campo Carapicuíba se enquadra na plena autonomia que é dada ao pastor-presidente.

Na verdade, a comparação entre o Ministério Madureira e o Ministério Belém realizada pelo pastor Jason Secundo reflete a permanente disputa dentro do Campo pentecostal, especificamente assembleiano, pela hegemonia do mercado da fé.

Constatamos que o principal traço característico do Ministério Madureira, a total autonomia para o Campo decidir onde abrir novos trabalhos tendo como limite um acordo entre os pastores-presidentes em relação à área de atuação de cada um, muitas vezes é desrespeitado. Não há um registro formal delimitando a área de atuação geográfica de cada Campo, é a sua capacidade financeira em patrocinar o trabalho missionário que determina o êxito de sua expansão, inclusive os limites do território nacional, alcançando os mais longínquos cantos do planeta.

São os templos, espaços de convivência que podem ser uma garagem, corredor, quintal, uma venda, uma sala, espaços que à noite se transformam em locais de culto ou edificações para os cultos.

Imagem 15 – Igreja no Ariston. Em cima do porão

Fonte: Elaborado pelo autor.

As Igrejas são instaladas nos espaços existentes na comunidade, de acordo com os recursos disponíveis, gerando sentimento de pertença.

Observem as fachadas. O que elas têm em comum? Em que são diferentes? Locais, edificações e públicos diversos. E as placas identificadoras?

Imagem 16 – Igreja no Jardim Itália

Fonte: Elaborado pelo autor.

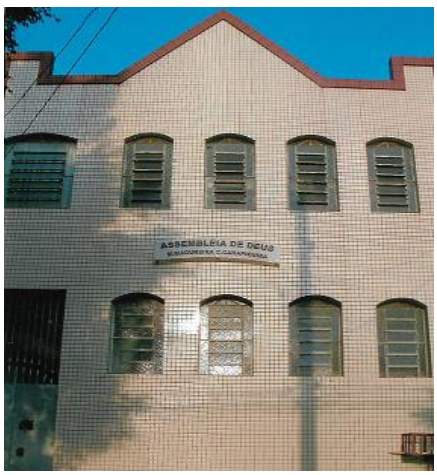
Imagem 17 – Sede, centro da cidade

Fonte: Elaborado pelo autor.

Imagem 18 – COHAB 2

Fonte: Elaborado pelo autor.

Imagem 19 – Igreja na Vila Helena



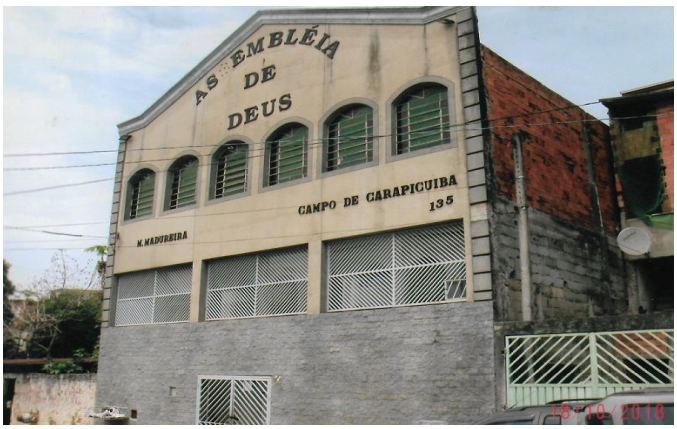
Fonte: Elaborado pelo autor.

Imagem 20 – Igreja em Palmares (PE).[36]

Fonte: Elaborado pelo autor.

Uma igrejinha aqui, outra acolá, e de repente, dezenas delas que ninguém se deu conta porque não há uma autoridade centralizadora que exerça controle. Não há determinação escrita proibindo abrir um lugar de culto, mas também não há autorização. Observem as placas:

Imagem 21 – Igreja do Jd. Veloso



Fonte: Elaborado pelo autor.

[36] Apesar de estar em outro Estado, traços gerais lembram a fachada simples, as janelas semelhantes ao do Parque Roseira e a de Nova Carapicuíba).

Imagem 22 – Igreja da Roseira

Fonte: Elaborado pelo autor.

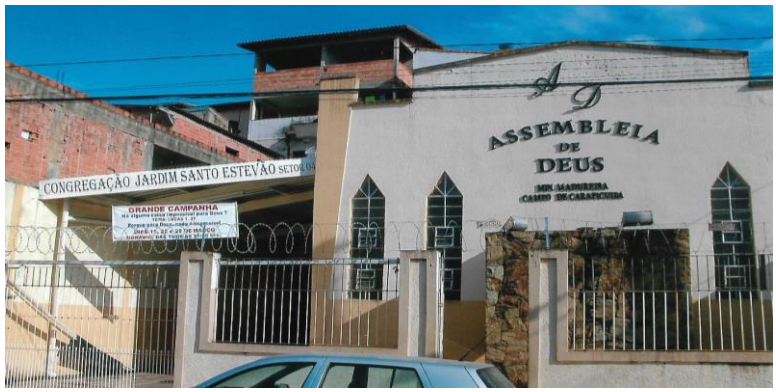
Algumas Igrejas possuem estilo de construção moderna, como na Imagem 17 (Sede), 18 (COHAB), 19 (Igreja na Vila Helena) ou ainda a Imagem 21 (Igreja do Jd. Veloso). Portanto, são diversos, não há uma marca que os identifique como nas franquias empresariais modernas: fachadas, atendimento, produtos, uniformes etc. respeitam rigorosamente o modelo da empresa matriz, mas em algumas delas, como na Imagem 21 (Igreja do Jd. Veloso) e 22 (Igreja da Roseira), claramente se identificam como Campo de Carapicuíba.

No Campo de Carapicuíba/SP, é “do jeito que dá”, respeitando apenas o básico das liturgias, o resto é de conformidade com o lugar, seus recursos, necessidades e criatividade, como na Imagem 15 – Ariston. Em cima do porão, Imagem 23 – Vila Cristina. Espremida entre as lojas), Imagem 24 – Jardim Santo Estevão, com um “puxadinho” ou em meio às obras, como na Imagem 25 – Parque João Batista:

Imagem 23 – Igreja na Vila Cristina, espremida entre as lojas.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Imagem 24 – Igreja no Jardim Santo Estevão. Com um puxadinho”



Fonte: Elaborado pelo autor.

Imagem 25 – Igreja no Parque João Batista, em meio a obras

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nesses espaços, percebe-se que as igrejas se sobressaem, isto é, elas se destacam entre as demais construções locais. Por quê? É a casa de todos, lugar onde “as famílias" se encontram e se confraternizam.

Ali, pedreiro, faxineira, professor, morador de rua e/ou marginal têm seus

nomes apresentados e os recém-chegados são recebidos com palmas, abraços e palavras de boas-vindas. Ali, eles são chamados de irmãos, não há discriminação, são todos pecadores esperando receber as graças porque têm fé nas orações.

Se não souberem ler, não tem importância porque sabem ouvir e decorar frases que fazem sentido para eles; se souberem ler e/ou conseguirem decorar muito da Bíblia, podem se tornar pastor e levar a palavra de Deus aos irmãos de outros lugares. Não precisam de muito, sentem-se acolhidos e amparados, sentem-se entre os seus – chamam-no de irmão, o que lhes dá a grata sensação de estarem em família –, lembrança longínqua do que um dia foi seu lar.

As afirmações do pastor Jason Secundo Barreto se confirmam no trabalho de pesquisa de Carreiro (2014):

> A iniciativa individual talvez seja o traço mais marcante da cultura organizacional Assembleiana. O pastor como agente individual é o principal elemento no nascimento de uma igreja. Uma consequência disso é que o poder está nas mãos dos pastores-presidentes das igrejas-mães locais. São eles os verdadeiros donos do poder na AD.
> Comandam sozinhos seus campos e searas com poderes quase ilimitados. Segundo Hoffnagel (1978:78): 'Embora aconselhado pelo ministério, o pastor-Presidente permanece a fonte última de autoridade em tudo, assim como o patrão da sociedade tradicional, que mesmo cercado de conselheiros, maneja sozinho o poder'. (CARREIRO, 2014, p. 16).

É notório a coincidência da afirmação do pastor-presidente do Campo Carapicuíba com o que carreiro (2014) escreve, pois na fala o entrevistado, o pastor-presidente de um Campo, tem poder decisório, ou seja, ele tem o máximo poder do local onde ele preside. Jason Secundo Barreto faz questão de mostrar sobre seu poder dentro da igreja Assembleia de Deus Ministério Madureira Campo Carapicuíba. Vejamos a seguir o que ele diz:

> Engenharia vai lá e faz o projeto tudo isso, aí se teve autorização do presidente, então eles tocam a obra, do contrário não. Antigamente não era assim, cada um fazia o que queria, mas, até um tempo atrás cada dirigente fazia a maneira dele. A partir de 2004 vou falar, a partir de 2004 quando eu cheguei aqui, agora não, agora tem que ter engenheiro e diretor de construção acompanhando tudo. (PASTOR BARRETO).

Segundo Carreiro:

> Contudo, tão importante quanto a estrutura organizacional é a cultura organizacional presente nas instituições. É ela quem dá o tom da organização. De um modo bem simples, falar de cultura organizacional é falar de um sistema de valores compartilhados pelos membros de uma dada organização em todos os níveis. Refere-se a um conjunto de características-chave que a organização desenvolve, compartilha e utiliza no interior da vida institucional. Todas as organizações, independentemente do tamanho, do segmento em que atuam e dos bens ou serviços que produzem, possuem cultura organizacional, formalmente instituída ou não. (CARREIRO, 2014, p.

> 11-12).

A pesquisa demonstra a flexibilidade e a presença de uma cultura organizacional mesmo que não instituída formalmente e que, muitas vezes, embora não questionada institucionalmente, é desrespeitada na prática. Veja o que afirma o pastor Jason Secundo Barreto:

> É a determinação da convenção, infelizmente nem todos obedecem; eu aqui quando cheguei em 2004 eu coloquei isso aqui ninguém mexe em construção sem acompanhamento de engenheiro e departamento de construção. (PASTOR BARRETO).

De acordo com a análise da entrevista, corroboramos com Carreiro (2014), pois o que dá o tom da cultura organizacional de uma instituição especificamente da Assembleia de Deus é o pastor-presidente, que tem um poder quase ilimitado dispondo de uma ampla margem de manobra para fazer concessões para sua membresia e pastores subordinados, como fica patente ao longo de sua entrevista. Embora existam determinações da convenção, muitas vezes elas não são obedecidas, o grande guardião do poder emanado da convenção é o presidente do campo, todavia, é relevante frisar que a intervenção da convenção é extremamente reduzida.

Para se entender o caráter misto do exercício do governo eclesiástico da igreja AD Ministério Madureira, é relevante compreendermos a definição de governo eclesiástico ao utilizarmos as diferentes tipologias apresentadas por Carreiro (2014). Segundo ele, são quatro os tipos de governo eclesiástico:

> Em termos típicos ideais existem pelo menos quatro grandes modelos administrativos de gerenciar igrejas cristãs, a partir dos quais se desdobram muitas formas mistas. O congregacionalismo; o presbiterianismo; o episcopal e o representativo. Em função do espaço que temos, não faremos uma digressão sobre eles, mas cumpre pontuar que, as ADs, em tese, são regidas por um modelo congregacional, mas na prática suas raízes estão mais próximas de um episcopado coronelista, tese esta, já defendida por outros pesquisadores e que parece se sustentar até hoje. (CARREIRO, 2014, p. 12).

A tese da existência de um episcopado ao estilo “coronelista” é fortemente defendida por demais autores. Conforme Carreiro (2014):

> Não por acaso, Jean-Pierre-Bastian, (1994, p. 126) afirma que ‘a maior parte das igrejas pentecostais têm dirigentes que são chefes, proprietários, caciques e caudilhos de um movimento religioso criado por eles mesmos e transmitido de pai para filho de acordo com o modelo patrimonial e ou por nepotismo de reprodução.’
> Para Freston, (1994: 86), o sistema de governo das Assembleias de Deus pode ser caracterizado como oligárquico e caudilhesco. Surgiu em determinado momento histórico e foi muito útil no controle dos missionários das comunidades que iam surgindo. Um traço cultural importante que foi muito bem absorvido como *modus operandi* na administração pastoral das

> comunidades religiosas foi o coronelismo nordestino. (CARREIRO, 2014, p. 13-14).

As posições do pastor Jason em entrevista contrariam tais afirmações, pois por ser extremamente flexível, a cultura organizacional Assembleia de Deus se molda de acordo as circunstâncias, por isso a necessidade de aprofundar o estudo da cultura organizacional da Assembleia de Deus nos dias atuais, a fim de compreender o atual estágio da sua organização e em que medida a relação entre o presidente do campo e seus subordinados democratizou ou reforçou aquilo que é visto como traço "coronelista" das relações de poder no interior da igreja. A entrevista dá pistas que algo se modificou e podemos notar que o poder do pastor-presidente já não é tão ilimitado assim.

As palavras de Jason Secundo Barreto, abaixo, registram tal situação:

> Então existe um conselho no Campo que é a diretoria que o presidente ele é presidente ele tem total liberdade mas com essas coisa ele precisa tem que ter é essa diretoria aí eu sou presidente aí vou ali comprar uma coisa compro uma coisa não é assim não, primeiro, para compra, tem que ser homologado pela diretoria e o presidente juntamente com o tesoureiro o primeiro tesoureiro é que assina porque quem assina cheque compra esses negócios é o presidente com o primeiro tesoureiro apoiado pela diretoria eu não posso chegar aqui como presidente, existe sim um conselho fiscal com três membros que todo mês examina todos os livros tudo, nota fiscal porque despesa daquela congregação gastou lá, porque gastou chama o camarada lá porque gastou quem autorizou você gasta, então você é presidente mas você não pode fazer o que você quer não. (PASTOR BARRETO).

A afirmação de Carreiro (2014) tem sua validade se fizermos a distinção sobre o que significa ampliar o poder do Campo e o que significa ampliar o poder na convenção. Ser poderoso na convenção representa ter votos nela, tendo em vista que o presidente é eleito com os votos dos evangelistas, missionários e pastores.

Coronelismo, clientelismo e mandonismo, embora sejam parentes próximos, guardam uma relativa diferença; o coronelismo é entendido como poder absoluto do coronel, e não é o que se verifica nas relações dentro da AD, tão pouco na definição clássica de coronelismo de Victor Nunes Leal (1975).

O mandonismo não é um sistema, é uma característica da política tradicional, enquanto o coronelismo seria um momento particular do mandonismo quando os "mandões" começam a perder forças e têm que recorrer ao governo; o mandonismo, segundo Victor Nunes Leal (1975), sempre existiu.

As relações entre o pastor-presidente e os demais pastores, evangelistas e missionários estão mais para uma relação clientelista do que ao estilo coronelista, entendendo como clientelismos uma troca recíproca nas relações de poder. Nas

palavras de José Murilo de Carvalho (1997):

> De algum modo, como o mandonismo, o clientelismo perpassa toda a história política do país. Sua trajetória, no entanto, é diferente da do primeiro. Na medida em que o clientelismo pode mudar de parceiros, ele pode aumentar e diminuir ao longo da história, em vez de percorrer uma trajetória sistematicamente decrescente como o mandonismo. Os autores que veem coronelismo no meio urbano e em fases recentes da história do país estão falando simplesmente de clientelismo. As relações clientelísticas, nesse caso, dispensam a presença do coronel, pois ela se dá entre o governo, ou políticos, e setores pobres da população. Deputados trocam votos por empregos e serviços públicos que conseguem graças à capacidade de influir sobre o poder Executivo. Nesse sentido, é possível mesmo dizer que o clientelismo se ampliou com o fim do coronelismo e que ele aumenta com o decréscimo do mandonismo. À medida que os chefes políticos locais perdem a capacidade de controlar os votos da população, eles deixam de ser parceiros interessantes para o governo, que passa a tratar com os eleitores, transferindo para estes a relação clientelística. (CARVALHO, 1997, s/p).

Visando a um maior esclarecimento, reproduzimos um trecho do prefácio à 7ª edição do livro ¨**Coronelismo, Enxada e Voto**¨, de Victor Nunes Leal, realizado por José Murilo de Carvalho:

> De fato, a maioria dos autores que empregaram o conceito usado por ele, sem distinção entre críticos e admiradores, identificava coronelismo com mandonismo local. Era o caso do crítico Eul-Soo Pang, mas também do admirador Barbosa Lima Sobrinho, que por insistência do autor escreveu o prefácio à segunda edição do livro feita pela Alpha Omega em 1975 (a primeira saíra em 1949, já com o título atual, sugerido por Emil Farhat, pela Forense), que vem nessa edição também reproduzido. Contra a incompreensão, reafirmou, na resposta mencionada, que para ele o conceito de coronelismo incorporava, sim, traços de mandonismo local, mas era mais que isso, fazia parte de um sistema, de uma trama que ligava coronéis (mandões), governadores e presidente da República. Insistiu no ponto: era a ideia de sistema que distinguia seu conceito e lhe conferia originalidade. Em suas palavras: 'O coronel entrou na análise por ser parte do sistema, mas o que mais me preocupava era o sistema, a estrutura e a maneira pela qual as relações de poder se desenvolviam na Primeira República, a partir do município.' (CARVALHO, 1975, p. 5-6).

Podemos perceber que a relação clientelista suscitada na entrevista realizada com o pastor Jason Secundo Barreto se explicita do seguinte modo:

> Os pastores dirigentes de congregação, o pastor-presidente tem uma prebenda autorizada pela convenção nacional, os dirigentes de congregação têm ajuda de custo para combustível tudo isso aí quando é um obreiro que ele foi enviado para a missão a igreja sustenta através da secretaria de missões. (PASTOR BARRETO).

A não existência de um valor fixo de remuneração dos pastores dirigentes deixa margem para negociações que vão depender exclusivamente da decisão do pastor-presidente, e este fato acaba reforçando o seu poder. É justamente nesta relação que o pastor-presidente estabelece um processo de negociação cujo domínio na igreja fica absolutamente claro.

> Estudar o campo religioso é entender que, dentro da dinâmica desse campo, o seu movimento terá como base a busca do domínio do trabalho religioso por um conjunto de agentes. Cabe lembrar que, para isso, é necessário estabelecer o combate à produção religiosa fora dos padrões institucionalizados e manter em equilíbrio as tensões internas entre os agentes especializados. O curioso é que tal tensão interna repousa no fato de que nem todos os agentes especializados no sagrado têm direito à remuneração. Isso acaba por mostrar que dentro do campo religioso existem elites e frações de elites, assim como classes e frações de classes. (SANTOS, 2019, p. 22).

Quanto maior o número de votos do pastor-presidente do Campo para eleger o presidente da convenção nacional, maior será a garantia para exercer livremente a sua autonomia. Nesse aspecto, não há dúvida que os meios pelos quais se conquistam e se mantêm o poder na convenção nacional são absolutamente semelhantes às relações de poder do “coronelismo”.

De acordo com Carreiro (2014):

> A concentração de poder por parte dos líderes das organizações locais é um dos elementos mais importantes da cultura organizacional Assembleiana. Quanto maior o número de congregações que uma igreja possui, mais poder ela tem dentro da instituição, o que é extremamente prejudicial à organização nacional, pois fragiliza, mais muito importante para administração local. (CARREIRO, 2014, p. 17).

Para o autor supracitado, a autonomia que o pastor-presidente do campo dispõe significa a fragilização da organização nacional, o que discordamos. Pois é justamente essa autonomia que atenua as dissidências para fora da igreja Assembleia de Deus, ou seja, é a autonomia que permite que mesmo tendo discordâncias, elas permaneçam debaixo deste grande guarda-chuva chamado Assembleia de Deus.

Ao se permitir esse modelo à convenção nacional, conquista-se o fortalecimento da “marca” e quanto mais forte o nome Assembleia de Deus, maior é sua capacidade de conquistar novos fiéis no mercado da fé. O tamanho e a capilaridade da igreja em todo território nacional acabam sendo uma fonte de alimentação da sua permanente expansão e conquista de espaço no campo religioso.

Quem opera e financia o crescimento da igreja AD Ministério Madureira é o Campo através do seu presidente. Veja a afirmação feita pelo pastor Jason Secundo Barreto:

> É um costume que tem que ser respeitado sempre é daqui para estes países que é ajudar financeiramente com investimento, para montar no outro país, manter obreiro no país, construção de templo tudo isso aí sai daqui, que sair daqui. (PASTOR BARRETO).

Vejamos o conflito em relação ao que afirma o pastor-presidente e a escrita do autor. Segundo Carreiro (2014):

> No caso das Assembleias de Deus, a sede fornece um apoio institucional, um nome; raras vezes há recursos financeiros destinados às congregações que estão em processo de desenvolvimento. Contudo, este sujeito se submete à liderança de um pastor-presidente que terá poder sobre ele e sobre o novo. (CARREIRO, 2014, p. 16).

Embora Carreiro (2014) tenha indicado a existência de "várias Assembleias de Deus" em seus estudos, é importante que não se generalize o modelo de financiamento da expansão de novas igrejas Assembleias de Deus, que, na verdade, varia de acordo com seus Ministérios.

Carreiro (2014) escreve que "Cada pastor-presidente tenta ampliar o quanto pode seu rebanho e isso não possui limites demográficos." (CARREIRO, 2014, p. 16). No entanto, o pastor Jason Secundo Barreto faz a seguinte afirmação: "Onde, só existe uma ética você não pode abrir igreja, onde tem uma igreja Madureira você não pode abrir, mas se não tem, você pode abrir em qualquer lugar do mundo." (PASTOR BARRETO).

Cada igreja Assembleia de Deus desenvolve sua própria cultura organizacional. O que ocorre em um Ministério não pode ser generalizado para o outro, nem tampouco o que ocorre num Campo ou setor pode ser generalizado para os demais.

A autonomia que o Campo dispõe não leva à desfragmentação da igreja, porque o poder é baseado na obediência e no respeito aos líderes. A obediência é construída ideologicamente com uma aceitação da autoridade manifesta pelo Espírito Santo, os laços fraternos entre os irmãos acabam por sufocar as latentes disputas, já que se insurgir contra as autoridades eclesiásticas é um desrespeito a Deus e aos irmãos que, na verdade, são vistas como "pessoas maravilhosas". Segundo Correa (2014):

> A obediência na visão weberiana é algo que acontece em decorrência da dignidade pessoal entre senhores e servidores, atribuída pela tradição, pois o senhor não é um simples senhor, mas senhor pessoal; é o caso dos pastores das ADs. Esse arbítrio tradicional é originado na ausência de limitações que, por princípio, são caracterizadas pela obediência em virtude do dever de piedade. A ação do senhor existe como 'um duplo reino vinculada à tradição, e pela ação do senhor materialmente, independente da tradição' [...]. (CORREA, 2014, p. 76).

As palavras do pastor Jason Secundo Barreto confirmam a interpretação da autora:

> Ministério Madureira não tem Ministério [...] a gente sempre respeita os nossos superiores então a gente, eu jamais vou entrar falar com o Bispo pastor Ferreira, Samuel Ferreira, nós não questionamos não, nós somos obedientes até porque são pessoas maravilhosas. (PASTOR BARRETO).

Como toda instituição, existe uma disputa por poder no seu interior e como no caso da Assembleia de Deus, os pastores, evangelistas e missionários são os que elegem o presidente da convenção nacional, como anteriormente citado. O processo de escolha e consagração dos pastores segue um ritual que garante a manutenção do poder dos mais bens situados hierarquicamente e os opositores não têm qualquer chance de vitória em uma eventual disputa.

Aqui se revelam os mecanismos pelos quais ocorre a perpetuação do poder. As palavras do pastor chegam para mostrar a real disputa no interior do campo:

> Só a convenção nacional e a convenção estadual é que tem o poder de consagrar evangelista, missionário e pastor só a convenção nacional nem o Campo está autorizado consagra pastor, evangelista, missionário ou pastora só a convenção nacional e a estadual, quem indica é o pastor-presidente do Campo quem indica é o Campo. (PASTOR BARRETO).

Podemos, ainda, notar como a cultura organizacional da AD se transforma permanentemente ao longo do tempo, a partir da resposta do pastor Jason Secundo Barreto à nossa pergunta: "Quem participava do processo de eleger o presidente da convenção e como se dava este processo e quem pode votar?"

> Evangelistas, missionários e pastores, isso, tem direito a voto o Ministério do Madureira era feito por votação, em urna isso, em 1990, pra cá começou a fazer por aclamação o Bispo Manoel Ferreira com a diretoria das convenções determina os pastores que passe pelo critério mudo se é unido, se é fiel, se é unido, tudo servo bem casado tudo isso aí para ser escolhido a diretoria da convenção, quem aclama o Bispo escolhe aqueles o Ministério Madureira, o Ministério Madureira faz isso chega lá olha irmãos nós oramos escolhemos e aqui é o pastor, evangelista e missionário todo mundo aprova um plenário de seis sete mil pessoa. (PASTOR BARRETO).

Esse discurso de unidade apresentado pelo pastor Jason Secundo Barreto já foi encontrado nos estudos realizados por Corrêa (2014), que assim escreve:

> Não como a historiografia oficial registra em absoluta harmonia, em uma igreja ideal feita por pessoas perfeitas, mas que, apesar das discordâncias, eram capazes de resolverem suas questões sem a necessidade de intervenção jurídica extra-igreja, como a única instância merecedora de algum crédito. (CORREA, 2014, p. 86).

Essa aparente paz e harmonia cumpre uma função ideológica e política de buscar consenso para o exercício do poder, a autoridade eclesiástica é construída de forma sutil recorrendo ao sagrado para impor o poder. Quando a tensão está no seu limite e a situação caminha para o conflito definitivo, a autoridade recorre ao "Espírito

Santo" para impor a sua vontade pessoal, fato que observamos no interior das igrejas. Se esse discurso de unidade se aplica ao interior do Campo em que se atua para o seu fortalecimento, contudo, quando se olha para o outro, a disputa é explicitada. A seguinte afirmação à nossa pergunta "O senhor teve conhecimento se no passado houve algum questionamento sobre a direção?" deve ser analisada:

> O Ministério do Madureira não tem, agora o Ministério do Belém e na Missão é uma guerra agora mesmo teve eleição e o pastor ganhou mais aí fizeram uma guerra o Ministério Público entrou lá não sei se vai homologar ou o que vai fazer. O Ipiranga também a gente nunca viu um caso de ter problema foi o pastor Frederic Henrique Dalto a vida inteira faleceu entrou o pastor Alcides tá lá e não teve isso e não tem isso, mas lá no Belém é complicado. (PASTOR BARRETO).

Fajardo (2015) escreve que:

> De modo semelhante ao que acontece no campo católico (estudo por Miceli), é possível observar na historiografia Assembleiana e tentativa de 'apagar' informações a respeito de conflitos e lutas internas que só conseguem vir a público por conta de revides levados a cabo por outros grupos de interesse do clero ou por força do confronto sistemático (ou casual) entre fontes eclesiásticas e leigas. (FAJARDO, 2015, p. 26).

Observamos que em trechos da entrevista, o pastor Jason Secundo Barreto relata que no Ministério Madureira não tem conflito, porém, tinha conhecimento de que outros dois ministérios das ADs tinham muitos conflitos e desavenças.

Vejamos que Fajardo (2015) revela que na igreja católica e na igreja Assembleia de Deus, pode se verificar o esforço de não revelar tais conflitos internos, mas os conflitos alheios são expostos e isso se confirma com o relato do pastor Jason Secundo Barreto.

Para Correa (2014):

> O discurso religioso é indubitavelmente um interessante produto de interações verbais, no qual o processo de manipulação pode ser ferramenta importante. Fundamentado nesse princípio, se objetiva aqui discutir especialmente a ideologia dos pastores-presidente Assembleianos, através de seus discursos permeados pelo 'véu religioso', mas que, na realidade, são extremamente ideológicos e políticos, inseridos em uma estrutura bem sólida. Afinal, com cem anos de existência uma instituição já possui um domínio de linguagem bem convincente no seu campo de atuação. Dessa forma, esses discursos, na verdade, são manipuladores; estão envoltos por 'soluções' apaziguadoras para conflitos, internos e externos (sociais), usados como estudo de fortalecimento de suas próprias imagens. Assim, os discursos são consensuais entre as ADs, já que elas estão ligadas pelos chamados 'laços fraternos' – um suposto remédio curador, para todas as desavenças – como forma de disfarçar os conflitos internos de concorrência pelo monopólio político do poder religioso entre os ministérios. (CORREA, 2014, p. 81-82).

Essa disputa pela hegemonia do campo religioso fica latente no que podemos

observar no trecho a seguir da entrevista. Perguntado sobre o funcionamento da convenção até 1987 e quem era o presidente, o pastor respondeu:

> Era uma convenção só, era Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB). Mas teve muito pastor Bispo Manoel Ferreira presidente, pastor José Hercules Vieira da Costa foi presidente até 1987 é teve um presidente, ih esqueci o nome dele agora, que era o presidente geral da Assembleia de Deus, aí quando houve a divisão porque que houve a divisão porque a Missão não queria que o Ministério de Madureira abrisse trabalhos no norte no nordeste tudo isso aí e o Ministério Madureira abria trabalho ninguém pode proibir ninguém abrir trabalho e por causa disso eles se dividiram de nós aí ficou Ministério Madureira e o Ministério do Belém que é a Missão tudo uma coisa só e o Ipiranga que é ligado com convencionalmente com eles, Madureira é Madureira em qualquer parte do mundo é Ministério Madureira só que o pessoal da Missão não pessoal da Missão tem o Belém, tem o Ipiranga, outras Assembleias de Deus que faz convenções paralelas Madureira tem uma convenção só que é a convenção nacional. (PASTOR BARRETO).

É importante observar o que afirma o pastor Jason Secundo Barreto em relação ao financiamento da igreja quando questionado se “essas igrejas do Campo, depois que conseguem estabilidade financeira, os Estados retornam algum recurso para sede? “Não, nos Estados não, no Estado fica no próprio Estado, que, para nós, abrir mais trabalhos comprar mais terreno e construir não manda.”

Perguntamos como a sede se mantém financeiramente:

> Pelos membros e dízimos e ofertas, aqui é o Estado de São Paulo as igrejas do Campo Carapicuíba, Guarulhos, Bragança Paulista, Guaimbê, Marília, Pompéia reverter uma parte para a sede, mas normalmente o que mesmo é aqui em Carapicuíba é a arrecadação de Carapicuíba é que mantém todas as igrejas do Brasil. (PASTOR BARRETO).

Ainda sobre o tema, o pastor-presidente Secundo explica que da arrecadação, 10% ficam em Carapicuíba para pagar as despesas das 58 congregações e o resto vai para a sede que administra. A igreja sede do Brás é também a sede da congregação do Estado e de vez em quando recebe os 10% para as obras sociais. Quando perguntado sobre os recursos para a convenção estadual e nacional, o pastor responde que:

> Carapicuíba não, a igreja não, ela é autônoma, o que acontece uma vez no ano, uma vez no ano é a convenção nacional e você é vinte por cento, do obreiro do ministro é feito a inscrição para participar da convenção que você envia a isso aí para a convenção, não dá vinte por cento do salário mínimo, não é para ser membro da convenção para participar da convenção, isso, inscrição, que depois este dinheiro da inscrição é investido que em obra social, nós temos faculdade em Brasília para manter isso aí. A convenção ela se mantém com dez por cento do ministro, do ministro, do pastor, o evangelista e o missionário então eles dão dez por cento uma vez no ano do salário-mínimo na convenção estadual e nacional também é dez por centos e este dez por cento é para investir em missão porque hoje o Ministério Madureira tem muitos obreiros no mundo. (PASTOR BARRETO).

Como fica demonstrado pelas afirmações do pastor Jason Secundo Barreto, o sistema de arrecadação financeira da igreja AD Ministério Madureira é bastante complexo e contraria a ideia do senso comum de que os recursos arrecadados nas igrejas são remetidos para um poder central, que no caso da AD Ministério Madureira é a convenção estadual e nacional. Na verdade, o recurso financeiro arrecadado tem como principal destino o Campo, e é seu presidente, junto com a diretoria, que determina como investir os recursos.

Portanto, o que vai determinar a expansão da igreja não é a convenção estadual ou a nacional, e sim o Campo. A organização da AD aparentemente se assemelha ao sistema de franquia, mas, na verdade, possui uma organização mais complexa e autônoma do que o modelo clássico de franquia, embora existam muitas variações nesse sistema de negócios.

Na franquia, a definição do modelo de negócio, os planos de expansão, a cultura organizacional, a propaganda e o pagamento de *royalties* ou qualquer outra forma de contraprestação são fortemente centralizadas, já no caso da AD Ministério Madureira, embora exista um poder central localizado na convenção nacional, é o Campo que tem grande autonomia, como vem sendo discutido ao longo desta pesquisa.

Segundo Malzone (2011):

> Conforme definição de Cretella Neto (2003), um sistema de franquias consiste em um contrato firmado entre um franqueador e um franqueado, por meio do qual o franqueado contrai direitos de uso de exploração sobre uma marca ou um Know-how, por sua vez detido pelo franqueador. O franqueador é uma sociedade empresária disposta a investir capital para operar uma unidade de acordo com critérios pré-estabelecidos pelo franqueador e por cláusulas contratuais. (MALZONE, 2011, p. 11).

Mesmo se levarmos em conta a definição dada pelo autor supracitado, ainda assim estamos distantes de poder afirmar que a AD Ministério Madureira se organiza através de um modelo semelhante a franquias, pois tal afirmação serve muito mais para confundir do que explicar o funcionamento da AD.

Ao conviverem várias formas de organizações dentro da AD Ministério Madureira, não podemos afirmar que exista um único modelo, ao contrário, é a ausência de modelo o grande modelo de organização da Assembleia de Deus. Ainda, acreditamos que é no enfrentamento das questões cotidianas que a sua cultura organizacional se desenvolve.

Para Santos (2019):

> No caso dos pentecostais, tais templos, se espalham em uma velocidade bem mais rápida, ficando submetidos no Brasil a um CNPJ geral, em nome de uma igreja central, mais conhecida como 'igreja mãe' ou simplesmente 'igreja sede'. A intenção é de fazer o jogo do 'mais por menos'. Mais locais de culto, mesmo que se tenham poucas pessoas participando. Muitos desses locais são cedidos por membros da igreja ou mesmo alugados a um preço módico. Como não há pagamento de imposto de prédios alugados pelas igrejas no Brasil, nem imposto sobre veículos que são usados para serviços eclesiais, portanto, essas isenções facilitam, em termos financeiros, a abertura de novos pequenos templos. Por fim, como em um ciclo vicioso, quanto mais templos, temos mais agentes dispostos a estar na direção destes. (SANTOS, 2019, p. 69).

Quando descrevemos as ramificações do Campo a partir da igreja sede de Carapicuíba, há fortes indícios da conexão existente entre a cidade de origem e o expansionismo da igreja, com estreita vinculação aos municípios menos desenvolvidos econômica e socialmente. Ou seja, não é por outro motivo que AD Ministério Madureira Campo Carapicuíba teve um prodigioso crescimento no Nordeste; é como se fosse um reencontro de famílias e gerações, pois muitos dos que lideram o Campo de Carapicuíba são nordestinos como o próprio pastor-presidente Jason Secundo Barreto, baiano de Jequié que migrou para São Paulo, ou são descendentes de migrantes nordestinos como a maioria dos moradores da cidade de Carapicuíba.

À medida que esses pastores se alfabetizam e ampliam sua formação, eles passam a desempenhar trabalhos burocráticos no interior da igreja, no entanto, não é isso que determina em última instância o seu crescimento, embora seja importante. É na atuação do líder da congregação local, no contato com os fiéis, que é criada uma igreja reavivada cheia da manifestação do Espírito Santo. Aquele indivíduo que vive uma vida aterradora, apresentado no início deste trabalho; ele, que não busca uma explicação científica para alcançar um sentido para sua existência e enfrentar as dificuldades cotidianas. O que o move, então?

A seguir, vamos nos debruçar sobre o complexo organizacional da Assembleia de Deus e seus atores na cidade de Carapicuíba.

CAPÍTULO 3

EXPANSÃO DO CAMPO DE CARAPICUÍBA. O SEGREDO DO NEGÓCIO

Para realização desta pesquisa, foi adotado inicialmente como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, baseada em Bervian et al. (2007):

> A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Em ambos os casos, busca-se conhecer e analisar as contradições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto, tema ou problema. Em alguns setores das ciências humanas, a pesquisa bibliográfica, quando realizada independentemente, percorre todos os passos formais do trabalho científico. Por outro lado, quando é feita com intuito de recolher informações e conhecimentos prévios acerca de um problema para o qual se procura resposta ou acerca de uma hipótese que se quer experimentar, a pesquisa bibliográfica constitui parte da pesquisa descritiva ou experimental. A pesquisa bibliográfica é meio de formação por excelência e constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema. Como resumo de assunto, constitui geralmente o primeiro passo de qualquer pesquisa científica. (BERVIAN et al., 2007, p. 60).

A partir do pressuposto que deu início à pesquisa, em julho de 2021, ampliamos as pesquisas na Biblioteca Digital da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), que nos possibilitaram atualizar as publicações pertinentes à temática. Visitamos, também, alguns sites oficiais, entre eles, SCIELO, Bibliotecas digitais de universidades de outros Estados, periódicos, documentos e registros dos acervos, principalmente das ADs.[37]

A participação no Congresso propiciou a descoberta de diversos autores, enriquecendo a referida temática. Reunidas as referências bibliográficas necessárias, foi possível retomar as leituras a fim de desvelar o que estava em discussão na esfera científica em relação ao objetivo da nossa indagação, ora ampliada sob novas perspectivas e as indicações dos especialistas na Banca de Qualificação (6 dez. 2022).

Conforme apontado na Introdução da presente dissertação, a abordagem de Estudo de Caso é importante porque ela constitui uma unidade dentro de um sistema mais amplo, apresentando singularidades ao mesmo tempo que apresenta similaridades, por isso, desperta o interesse.

---

[37] Mantivemos, dada a relevância, o material do VII CICR Congresso Internacional em Ciências da Religião, com o tema: a Religião entre o espetáculo e a intimidade, entre 8 e 11 de abril de 2014 em Goiânia (GO), Brasil, organizado pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás juntamente com o Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, Núcleo de Estudos Avançados em Religião e Globalização (NEARG).

Além disso, as características do Estudo de Caso vêm ao encontro das necessidades da pesquisa em curso, tais como

1 - Os estudos de caso possibilitam aos pesquisadores indagarem a aplicabilidade do caso na situação deles.

2 - Procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social, deixando aos usuários do estudo tirarem suas conclusões. O pressuposto básico é de que a realidade pode ser vista sob diferentes perspectivas.

3 - Os relatos do estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa, com a transmissão clara e articulada que se aproxime da experiência pessoal do leitor.

3.1 A cidade de Carapicuíba: Assembleia de Deus e seus atores

O Município de Carapicuíba, cidade pertencente à região metropolitana de São Paulo, é uma região de associação entre comunidades de ADs e a Cidade. A partir de Carapicuíba como polo de expansão do Ministério Madureira, irradiou-se pelo Estado, pelo Brasil e no exterior. Além disso, consta que, Campo de Osasco tem 80 igrejas, com 669 mil habitantes, o Campo de Carapicuíba conta atualmente com 512 igrejas e 370 mil habitantes, que por si (dados coletados pelos respectivos Campos), indicam a sua importância. Por que sendo a mesma Assembleia dentro do Ministério, as de Carapicuíba expandiram-se, chegando a ter 2474 (duas mil e quatrocentos e setenta e quatro igrejas), segundo os dados fornecidos pela própria instituição, espalhadas pelo território nacional e exterior?

Segundo o pastor-presidente Jason Secundo Batista, os dados oportunizaram entrelaçar o campo teórico com a realidade vivenciada no interior dessa cultura organizacional. O testemunho acima possibilita entender, sob novas perspectivas, qual o real funcionamento da cultura que se estabelece entre o pastor-presidente e sua membresia, qual o papel deste no meio do ministério, além de novas perspectivas nos questionamentos sobre por que, como e a que se deve a expansão das ADs do Ministério Campo de Carapicuíba.

Aos poucos, Carapicuíba vai deixando de ser “cidade dormitório”, com comércio próprio. Na década de 2010, novos empreendimentos são indícios de mudança do perfil da cidade, como o surgimento de apartamentos com 2 e 3 dormitórios, como pode ser observado nas Imagens a seguir:

Imagem 26 – Surgem novas modalidades de moradias

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de site específico.[38]

Imagem 27 – Reserva da Aldeia

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de site específico.[39]

Imagem 28 – Granja Viana

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de site específico.[40]

[38] Disponível em: https://squarecarapicuiba.com.br/. Acesso em: 15 jan. 2023.

[39] Disponível em: https://www.vemplan.com.br/imoveis/reserva-da-aldeia/. Acesso em: 25 jan. 2023.

[40] Com oferta de serviços, lazer, escolas e muitas áreas verdes preservadas, a Granja Viana, entre os municípios de Cotia e Carapicuíba, entrou no radar dos paulistanos durante a pandemia GP DESENVOL. IMOBILIÁRIO/DIVULGAÇÃO. Disponível em: https://valor.globo.com/patrocinado/imoveis-de-valor/noticia/2022/06/24/natureza-e-preco-atraem-paulistanos-a-granja-viana.ghtml. Acesso em: 15 jan. 2023.

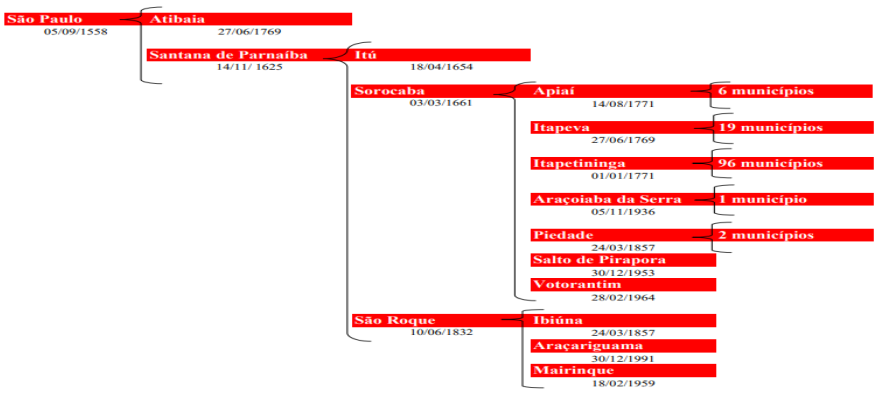
Mas a desigualdade se mantém com a expansão das Granjas Viana e Alphaville, que se tornam a marca do luxo em moradias em condomínios fechados.

Esse quadro de pobreza em que está inserido o Campo de Carapicuíba não é muito diferente dos outros campos da Assembleia de Deus, segundo demonstra Gedeon Alencar (2012, p.41):

> Espremida entre ser uma igreja moderna ou conservadora, urbana ou rural, nacional ou estrangeira, com afinidades com suecos ou americanos, essa igreja se esfacela, assumindo, em diferentes locais e tempos, por razões diversas, múltiplas vertentes. Acompanha, sim, o desenvolvimento do país, suas alterações, seus acidentes ditatoriais, suas ambiguidades, e vai incorporando o sistema patrimonialista na direção dos Ministérios, bem como o voluntarismo ímpar de uma membresia militante; comunitária e acolhedora, abre espaços para todos e todas nas manifestações democráticas e paritárias da glossolalia, dos testemunhos, dos cânticos, da musicalidade, das oportunidades; conquanto hierarquizada legaliza um modelo estamental excludente das mulheres e também discriminador dos 'negativamente privilegiados', por esses não fazerem parte dos grupos de status próximos aos centros de poder.
>
> Presente nas extremas brenhas do interior marginal - do mais pobre e esquecido sertão - e nas favelas, ao lado de espaços ricos e urbanos, mas igualmente não alcançado pelo Poder Público; entranhadas e assimiladas nas comunidades pobres e também já dando o ar de sua graça nas classes mais favorecidas; aparecendo nos mais altos cargos políticos e também ascendendo economicamente, portanto, impossível de não serem notadas nas paisagens urbanas e rurais, pois presente de norte a sul, lá estão as ADs. Nelas se reconhece o Brasil, e este também, não se pode negar, é muito presente nas mesmas

3.2. O oculto

Tabela 1 – Fragmentação territorial das regiões metropolitanas (1960



Fontes: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.[41]

[41] CIDADES@, www.cidades.ibge.gov.br; Fundação SEADE, MED, www.seade.gov.br, em abr. 2014; IGC, Criação e Divisas, 1997. Apud CUNHA, Aparecido Soares da. **Migração, território, urbanização, crescimento populacional e mobilidade na região metropolitana de São Paulo**, 2014. p. 10. Disponível em: F http://www.abep.org.br/~abeporgb/abep.info/files/trabalhos/trabalho_completo/TC-1-5-237-294.pdf. Acesso em: 13 jan. 2023.

A sinopse preliminar do Censo Demográfico de 2000[42] confirma a tendência crescente de aumento da urbanização no Brasil, mudando o perfil rural pelo urbano, processo esse verificado a partir de 1950 quando o crescimento do parque industrial do Sudeste, principalmente no Estado de São Paulo, atrai um grande contingente da população nordestina migrante, resultado das áreas de grande estagnação econômica, agravada pela seca endêmica.

A criação de novos municípios se intensificou a partir da década de 1960, resultado da luta pela emancipação de alguns distritos insatisfeitos, acordos políticos, além do desenvolvimento econômico, pela instalação de parques industriais na região, ocasionando a intensa fragmentação territorial das regiões metropolitanas de São Paulo.

Nos séculos anteriores, a região era conhecida como entreposto nas rotas bandeiristas ou dos tropeiros que avançavam no sentido interior do Estado. As mudanças ocorreram com o crescimento da capital e a demanda pela alimentação, produzida no entorno da capital, entre elas Carapicuíba – suas chácaras e fazendas ofereciam produtos agrícolas.

No contexto migratório e a expansão industrial, a fragmentação intensa criou o Município de Carapicuíba (vide Mapa), com destaque à sua localização entre os municípios com grande desenvolvimento industrial como Osasco, Barueri e próximo a São Paulo. Muitas famílias fixaram residência em razão do transporte ferroviário inaugurado em 1929 e rodovias (Castelo Branco e Raposo Tavares na década de 1960), “projetos pilotos” como os Conjuntos Habitacionais (as COHABs), terrenos ou aluguel mais barato e próximo às áreas industrializadas, daí, o local ficar conhecido como uma das cidades dormitórios, e assim ficou permaneceu por longo tempo. Como tantas outras cidades-dormitórios, marcados pela pobreza, produz e reproduz os elementos que estigmatiza suas populações como pobres, sujos, desqualificados, marginais, bandidos etc., características indesejáveis e excludentes socialmente.

Dadas as facilidades, vários imigrantes fixaram residência em Carapicuíba/SP, além das camadas mais pobres da metrópole e o grande fluxo de migrantes aumentando a periferização onde a infraestrutura fica aquém das necessidades da

---

[42] INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sinopse Preliminar Censo Demográfico**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 1-5, 2000.

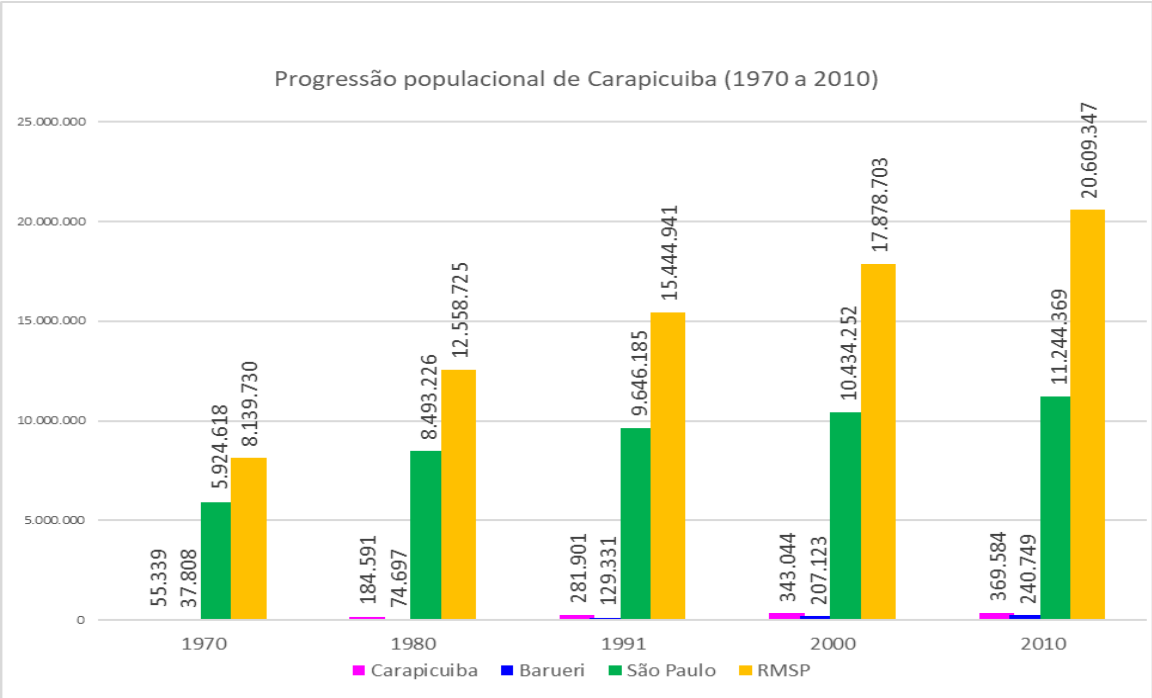
população. Observe, a seguir, a Progressão populacional de Carapicuíba/SP:

Tabela 2 – Progressão populacional de Carapicuíba/SP

População	1970	1980	1991	2000	2010
Carapicuíba	55.339	184.591	281.901	343.044	369.584
Barueri	37.808	74.697	129.331	207.123	240.749
São Paulo	5.924.615	8.493.226	9.646.185	10.434.252	11.244.369
RMSP	8.139.730	12.558.725	15.444.941	17.878.703	20.609.347

Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 1 – Progressão populacional de Carapicuíba/SP



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010) apud Mancuso (2010, p. 50).

Cidade caracterizada dessa forma, identifica no olhar do Outro a sua própria imagem porque reproduz a estigmatização e a segregação produzidas nas periferias em que "o lugar do novo morador é, via de regra, longe dos antigos moradores." Talvez isso explique por que a acolhida que as ADs oferecem aos novos fiéis seja tão determinante no ingresso e permanência dos Assembleianos.

> [...] os processos que marcam tais sujeitos ocorrem dentro dos bairros, na cidade e fora dela, é uma retroalimentação contínua que reforça na subjetividade a negação da negação em constituir uma identidade junto ao lugar de maneira a transformá-lo e desconstruir os valores estigmatizantes. [...] viver na periferia pobre e assumir tal condição é constituir uma identidade deteriorada em que os elementos comportamentais indesejáveis aos olhos do Outro são identificáveis e imputados aos mesmos nas relações dentro e

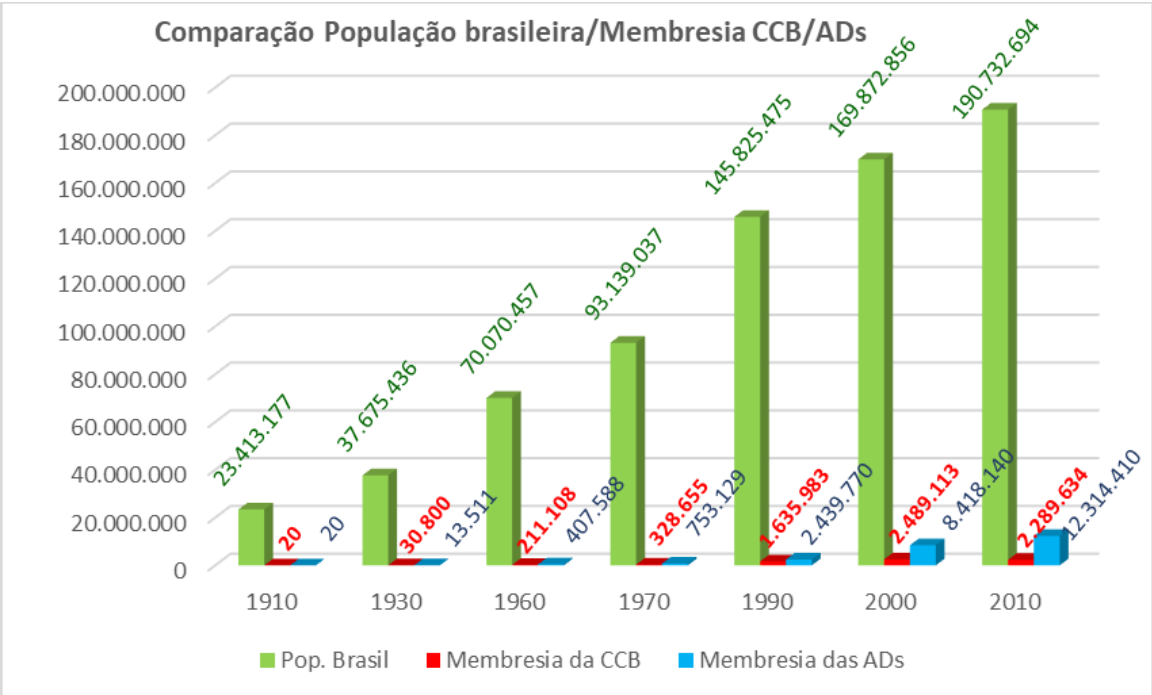
> fora da cidade, intra e entre bairros e para com a metrópole. (MANCUSO, 2014, p. 38).

Qual é a importância da flexibilidade na organização interna, orientações, determinações e liturgias transmitidas oralmente, reproduzidas até se tornarem “é assim que se faz”? O que significa um Campo na estrutura organizacional da Assembleia de Deus?

É fundamental analisar o contexto da instalação do Campo de Carapicuíba para compreender o fenômeno da sua expansão Brasil afora. Milagre, Fé ou acontecimentos históricos? A ação dos personagens teceu os fios dessa tessitura formando a rede de ADs a partir do Campo de Carapicuíba?

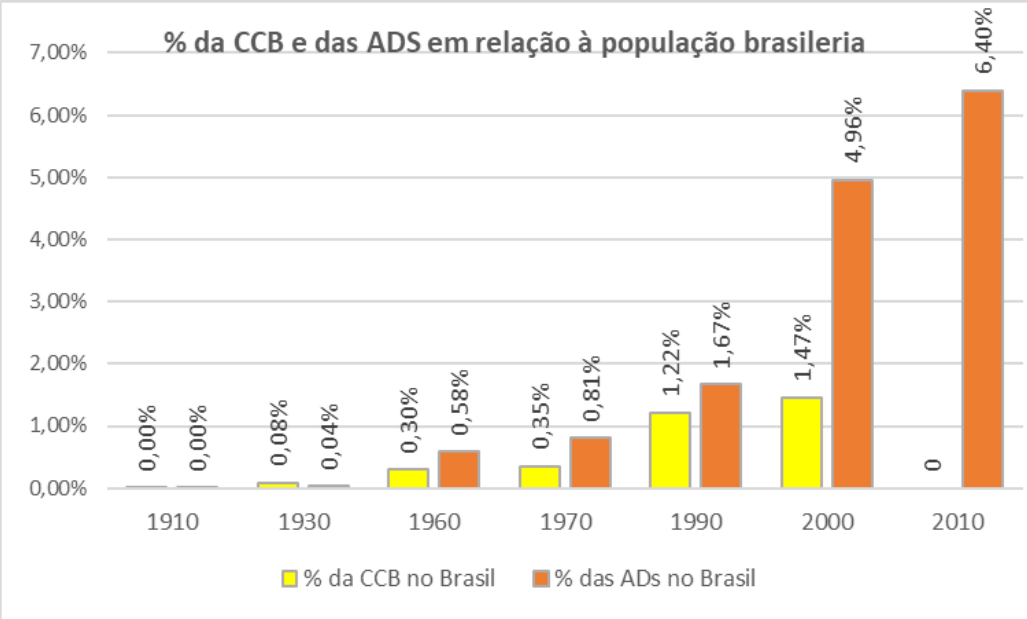
Alguns dados sobre o território em questão para melhor compreender em que contexto se situa o processo de expansão das ADs a partir do Campo de Carapicuíba.

Gráfico 2 – Comparação entre população brasileira/ Membresias: CCB-ADs



Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 3 – Porcentagem da CCB e das ADs em relação à população brasileira



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados do Gráfico são fortalecidos pelo crescimento das igrejas na Região Sudeste: Minas Gerais (30 cidades); Rio de Janeiro (4); Espírito Santo (2); São Paulo (61 bairros na capital, 23 municípios da Grande São Paulo e 37 municípios do interior),

Região Sudeste:

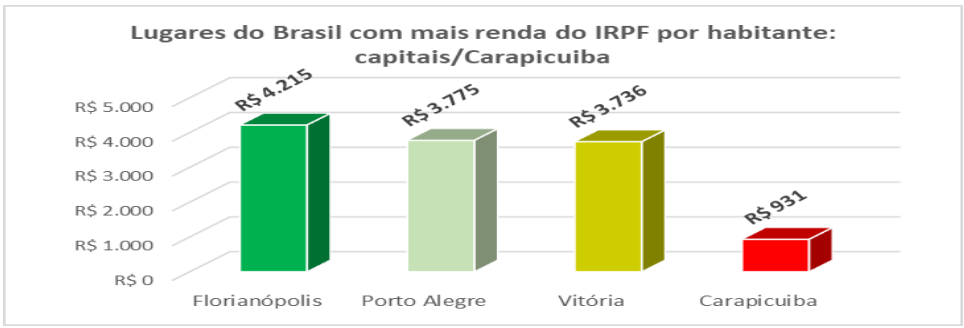
- Minas Gerais (30): Cidades de Belo Horizonte, Araguari, Belo Vale, Capelinha, Capitão Eneas, Contagem, Divinópolis, Esmeralda, General Carneiro, Governador Valadares, Ibirité, Ipatinga, Itabira, Itamarandiba, Ituiutaba, Iturama, Janaúba, Juatuba, Minduri, Montes Claros, Ouro Preto, Paracatu, Prata, Raposo, Sabará, Sacramento, Timóteo, Três Pontas, Uberaba, Uberlândia, Varginha.
- Rio de Janeiro (4): Araruama, Duque de Caxias, São Gonçalo, São João de Meriti.
- Espírito Santo (2): Vitória, Vila Velha.
- São Paulo: Capital (61): nos Bairros de Barra Funda, Alto do Riviera, Americanópolis, Cantagalo, Cidade Monções, Freguesia do Ó, Grajaú, Itaquera, Jd. Antonieta, Jd. Aracati, Jd. Cachoeira, Jd. Campo de Fora, Jd. Castro Alves, Jd. Cidade Nova, Jd. Cidade Pirituba, Jd. Comercial, Jd. Copacabana, Jd. das Oliveiras, Jd. das Rosas, Jd. dos Cunhas, Jd. dos Francos, Jd. dos Manacás, Jd. dos Reis, Jd. Ferreira, Jd. Guarujá, Jd. Herculano, Jd. Horizonte Azul, Jd. Irene, Jd. Kagohara, Jd. Leni, Jd. Lídia, Jd. Magdalena, Jd. Maracanã, Jd. Marciano, Jd. Paranapanema, Jd. Peri, Jd. Rosa Maria, Jd. São Bento Novo, Jd. São Luiz, Jd. Sonho Azul, Jd. Souza, Jd. Tremembé, Jd. Varginha, Jd. Vista Alegre, Lauzane Paulista, Paraisópolis, Parque do Engenho, Parque Figueira Grande, Parque Japão, Parque Santo Antônio, Parque Tietê, Pinheiros, Piraporinha, Praça do

Carmo, Rio Pequeno, Vargem Grande, Vila Anastácio, Vila Angelina, Vila Aurora, Vila Capela, Vila Joaniza.

- Grande São Paulo (23): Carapicuíba, Barueri, Cotia, Embu das Artes, Embu Guaçu, Francisco Morato, Franco da Rocha, Guarulhos, Itapecerica da Serra, Itapevi, Jandira, Mauá, Osasco (Baronesa), Pirapora do Bom Jesus, Santana de Parnaíba, Suzano, Taboão da Serra, Santo André, São Caetano do Sul, Ribeirão Pires, São João Novo, Vargem Grande Paulista.
- Interior de São Paulo (37): Araçariguama, Barra Bonita, Birigui, Bragança Paulista, Catanduva, Fernandópolis, Floreal, Gastão Vidigal, Guararapes, Igaraçu do Tietê, Iperó, Itapetininga, Itatinga, Itu, Jales, Jaú, Manduri, Mineiros do Tietê, Nova Lusitânia, Ourinhos, Piraju, Salto, São Manuel, Suzano, Tapiraí, Votuporanga, Araçatuba, Bernardino de Campos, Botucatu, Boituva, Lourdes, Magda, Marília, São José do Rio Preto, São Roque, Valentim Gentil.

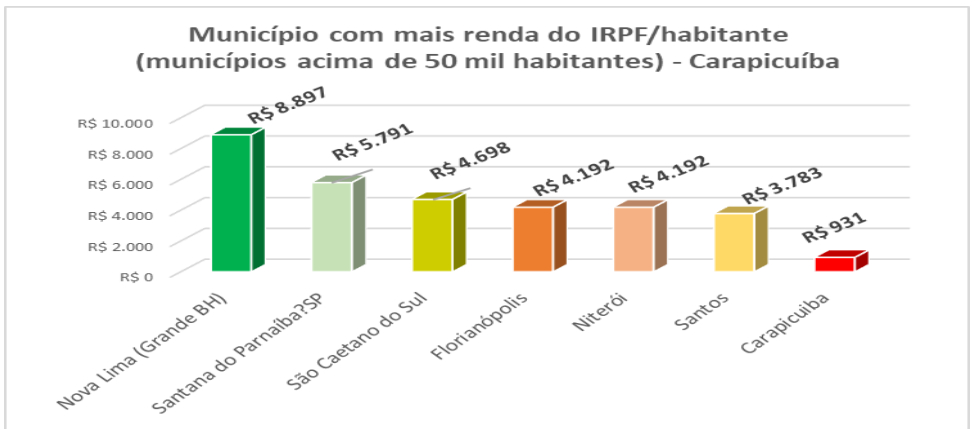
Em relação aos lugares com mais renda por habitante, Carapicuíba representa 22% em relação a Florianópolis (maior renda):

Gráfico 4 – Cidades brasileiras com mais renda (IRPF)/habitante



Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 5 – Município com mais renda (IRPF)/ habitantes em relação a Carapicuíba

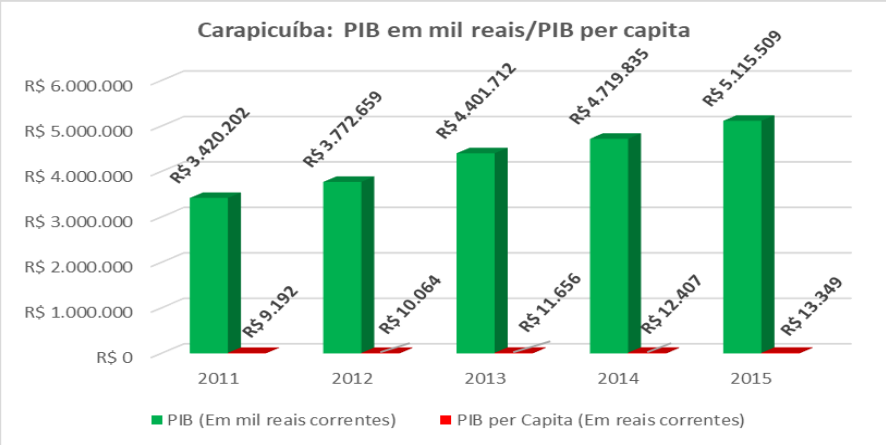


Fonte: Elaborado pelo autor.

Entre os Municípios com mais renda do IRPF, Carapicuíba representa apenas

22% em relação a Nova Lima (Grande BH) (Gráfico 5).

Gráfico 6 – Carapicuíba: PIB em mil reais/PIB per capita



Fonte: Elaborado pelo autor.

Internamente, a distância na evolução do PIB foi de 33,5%, enquanto a do PIB per capita foi de 29,55% (Gráfico 6).

Em 2010, Carapicuíba tinha 25% de domicílios com renda per capita de até ½ Salário-Mínimo (sem dados anteriores). Observe o Quadro 3, a seguir:

Quadro 3 – Renda per Capita de até ½ Salário-Mínimo

Carapicuíba		
Período	Renda per Capita - Censo Demográfico (Em reais correntes)	Domicílios Particulares com Renda per Capita de até 1/2 Salário-Mínimo - Censo Demográfico (Em %)
2000	274,82	sem dados
2010	577,56	25,03

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados apresentados indicam o salto no crescimento da população brasileira em um século, acentuado entre 1970 e 1990, o que também se observa no crescimento da membresia, principalmente das ADs nesse mesmo período, mas

aumenta 6 vezes mais entre 1970 (0,81%) e 2010 (6,40%). Caso tivéssemos os dados sobre a Renda per capita e dos domicílios particulares com Renda per capita inferior a ½ salário-mínimo, do mesmo período do Gráfico 1, indicar-se-ia paralelo entre esses dados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática central tratada por esta pesquisa se assentava em compreender a cultura organizacional da igreja Assembleia de Deus Ministério Madureira Campo de Carapicuíba, dado o número absolutamente expressivo de surgimento de duas mil quatrocentos e setenta e quatro igrejas originárias deste campo, números que por si só despertam grande curiosidade. Ao longo desta pesquisa, conseguimos verificar a existência de centenas de igrejas formadas a partir do Campo de Carapicuíba espalhadas por todo o território nacional, o que justifica a importância do presente estudo.

Entendemos que os objetivos da pesquisa foram parcialmente alcançados tendo em vista que seriam necessárias pesquisas em outros Estados para conhecer em maior profundidade o funcionamento de algumas igrejas do Campo de Carapicuíba que estejam distantes geograficamente da igreja sede, principalmente em outros países.

No entanto, se o conhecimento da cultura organizacional da igreja AD demanda mais pesquisas, é também verdadeiro que muitas questões foram devidamente elucidadas e a mais relevante dela, diz respeito às relações de poder estabelecidas dentro da igreja.

A cultura organizacional da Assembleia de Deus é extremamente flexível, pois permite a convivência criativa e relativamente harmoniosa, propiciando o expansionismo da igreja.

O culto na igreja sede tem uma significativa diferença do culto realizado nas demais congregações; no primeiro, ele é mais formal, litúrgico, mesmo que as afirmações dos pastores sejam contrárias; já nas congregações locais, o culto é mais livre e irreverente, como constatei ao longo da minha vida e nas diversas oportunidades que tive de participar dos cultos nas AD Ministério Madureira Campo Carapicuíba.

O cientista social James Washington Alves dos Santos (2019)[43] indica que o funcionamento eclesiástico nesses moldes cria a ilusão de que a ascensão hierárquica está aberta para todos, mesmo que “esta esteja simbolicamente envolta em um entorno de sacralidade e chamada vocacional.” Acrescenta que:

---

[43] Para saber mais, cf. SANTOS, James Washington Alves dos. **Trabalho religioso, campo religioso e relações de poder na Assembleia de Deus**. 2019. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2019.

> É possível que os sacrifícios necessários da voluntariedade, do serviço, da proteção e da gratuidade sejam, em um primeiro momento, uma 'moeda de troca' por meio da qual os sacerdotes funcionários já reconhecidos recrutam novos funcionários dispostos a conseguirem confiança a ponto de também atingirem determinados cargos. Nesse sentido, o trabalho eclesial é forjado dentro de um gama de atividades feitas por obreiros e obreiras que não só trabalham secularmente, fora dos limites da igreja, mas trabalham ainda mais dentro de seus muros. Alguns desses sacerdotes funcionários também não detêm recursos próprios e, quando escalados para funções de comando mais específicos – pastores de bairro, de cidades e até de Estados, como pastores presidentes –, acumulam além de funções mais especializadas, recursos para se manterem. É difícil quantificar quantos sacerdotes funcionários remunerados ganham, pois os regimentos das igrejas não estipulam tal valor. Ficamos apenas com a estimativa via relato que coletamos por meio do pastor (SANTOS, 2019, p. 83).

Se é exatamente o itinerário percorrido entre o ponto de pregação e a igreja sede, muitas vezes o trabalho voluntário no ponto em questão visando a cargos futuros é apenas uma parte deste processo. As mulheres são a quase totalidade dos membros dos pontos de pregação e o trabalho braçal de manutenção do espaço e a direção dos trabalhos ficam a seu encargo e este será o espaço delimitado para a sua atuação - o limite está claramente imposto. Daí, limita-se, também, a expectativa das mulheres de alçarem voos hierárquicos.

Se, no primeiro momento, a justificativa para o trabalho realizado é o cumprimento de um ordenamento divino, ele vai se impondo como via de acesso ao prestígio que a liderança do grupo proporciona, embora sem remuneração financeira; a recompensa é o reconhecimento do grupo e novo status, além da distinção social adquirida.

A distinção social como algo relevante para adesão do fiel ao pentecostalismo é muito significativa para a parcela dos fiéis que trazem a história do anonimato e, principalmente, para permanência como membro da igreja, especialmente para o caso das mulheres na sua invisibilidade.

A explicação é que a mulher que adere às igrejas pentecostais ganha maior autonomia pelo lugar que lhe confere a organização e a necessidade da sua participação para manter o funcionamento das igrejas. Ainda, ao se tornar a mediadora em relação ao sagrado, também o exerce dentro de casa. E esse poder cresce à medida que ela consegue, como uma estratégia de proteção da família, motivar a conversão de seu parceiro. A conversão masculina aumenta indiretamente o poder feminino na relação, na medida em que o homem desiste de ficar na rua, que é seu espaço de liberdade, anonimato, farra, bares, relacionamentos paralelos etc.,

transferindo esse espaço de sociabilidade para o ambiente mais controlado da igreja, mas também onde ganha respeitabilidade. Esse tipo de consequência explica por que existem mais mulheres do que homens identificados como evangélicos, e porque parece ser mais comum a conversão do homem ter a participação da mulher do que o contrário.

O que é digno de nota é que uma instituição tão grandiosa espalhada por todo o planeta tenha tão poucos níveis hierárquicos na sua estrutura organizacional, sendo que os principais são: Diácono, Presbítero, Evangelista, Pastor, Pastor-Presidente do Campo e Bispo.

O que as teorias contemporâneas da administração chamam de *Downsizing*[44], redução de pessoal ou redução de custos conforme os contextos (traduzido de forma livre em português), é uma técnica de administração contemporânea que, de acordo com Caldas (2000), surgiu nos Estados Unidos na década de 1970, com o principal objetivo de diferenciar a competitividade entre as organizações. Após uma década, chegou ao Brasil com a tentativa de reestruturar as organizações, a fim de atingir a eficiência de custos e a tentativa de eliminação da burocracia corporativa desnecessária, provocando, assim, achatamento na pirâmide hierárquica.

Se é verdade que as empresas consideradas modernas reduziram os seus níveis hierárquicos, o estudo da cultura organizacional da Assembleia de Deus Ministério Madureira se torna ainda mais relevante, porque antes mesmo de criar uma estrutura organizacional paquidérmica, a igreja cresceu extraordinariamente, mantendo uma estrutura enxuta. Os motivos pelos quais esses fatos ocorreram, merecem estudos mais aprofundados.

Um dos aspectos mais importantes é o da exclusividade da liderança religiosa, retirado do texto bíblico da Carta aos Efésios (4,11), que diz: “E Ele é que ‘concedeu’ a uns ser apóstolos, a outros profetas, a outros evangelistas, a outros pastores e mestres, para aperfeiçoar os santos em vista do ministério [...].” Intimamente ligada a essa chamada exclusiva aos homens, para o exercício da função de liderança cristã, temos o fato da exclusão feminina, comumente justificada por pressupostos

[44] *Downsizing.* Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Downsizing. Acesso em: 25 set. 2022.

pneumatológicos[45] e aquém da própria consideração que a igreja cristã primitiva deu às mulheres.

> Encontrei pastores semianalfabetos que não dispunham de um saber técnico, ao contrário, orgulhavam-se desta condição e se opunham a uma formação adquirida em seminários teológicos. Por quê?
>
> A alegação é de que a autoridade advinda do carisma é a fonte inaugural de poder que ao longo do seu exercício vai se rotinizando, chegando até a encruzilhada de decidir se submeter ao aparato burocrático já instituído e buscar a ascensão aos cargos de direção ou romper e inaugurar uma nova igreja. A cultura organizacional da igreja Assembleia de Deus Ministério Madureira permite que a ruptura ocorra dentro dos quadros da própria instituição, surgindo novos ministérios dentro da mesma convenção. O dirigente possuidor de amplos poderes de hoje pode ter sido um contestador de ontem, pois este modelo permite que as energias contestadoras sejam utilizadas para o fortalecimento da instituição.

Fica estabelecida uma convivência concorrencial e dinâmica que permite a transição de um modelo ao outro, fato este que explica em boa medida o crescimento da Assembleia de Deus Ministério Madureira Campo de Carapicuíba porque é justamente nesta cidade que há o menor orçamento per capita do Estado de São Paulo (R$ 931,00 em comparação a Florianópolis, com R$ 4215,00) e uma população de baixíssima renda, que pode ser o solo fértil que proporcionou o vertiginoso crescimento pelo mundo afora. Gente, em busca de um lugar ao sol e reconhecimento social é o que não falta numa cidade com índices sociais tão precários.

A concepção de experiência com o sagrado como o ópio para suportar o mundo de frustrações é reducionista e não abarca a complexidade sobre as motivações que impulsionam os fiéis a aderirem a uma religião que possa propiciar um jeito de ser e agir, e aqui não cabe nenhuma interpretação pejorativa aos usuários de ópio; o que estamos afirmando é que cada um busca o conforto para sua existência onde é possível, contudo, sem entrar em conflito com as regras morais e éticas estabelecidas no seu meio social, e quando assim ocorre, é permeada por enormes traumas.

Quem arregimenta, evangeliza e faz o trabalho na linha de frente é o pastor da

---

[45] Pneumatológicos: ligados à figura divina do Espírito Santo e a forma como o cristianismo interpreta sua atuação. (SANTOS, 2019, p. 20).

congregação local, aquele que muitas vezes é visto como louco pela sua ousadia e coragem na defesa da sua fé; são eles que entram nas favelas, presídios, nas zonas de meretrícios, enfim, em todos aqueles lugares vistos como “perigosos” e “malditos”.

É justamente ali que a igreja engrossa o seu exército. Os pastores das igrejas sedes são os generais e os pastores das congregações locais são o baixo oficialato de um vasto exército composto por milhares de soldados. Não há constrangimento em ocupar qualquer lugar nessa ordem, acredita-se que se há hierarquia, é por merecimento.

É importante frisar que uma cultura organizacional flexível tem uma facilidade muito grande de crescer numa sociedade de iletrados ou pessoas com baixa escolaridade. Todavia, a igreja oferece um espaço para a leitura e o estudo, e quando falamos de espaço, estamos nos referindo ao espaço físico, porque muitas vezes essas pessoas vivem em barracos e/ou moradias sem a menor condição para se dedicar à concentração mental que o estudo exige.

As regras de disciplina estabelecidas desde a escola dominical contribuem sobremaneira para o avanço dos níveis educacionais dos seus membros, embora este seja um aspecto que necessite ser analisado com mais profundidade.

O crescimento da igreja acompanha o desenvolvimento das cidades pertencentes ao Campo, na medida em que as cidades se desenvolvem econômica e socialmente. Existe, portanto, o correlato crescimento da igreja e ampliação do seu poder.

Se a negação dessa vida aterradora é um importante ponto de partida do crescimento da igreja, matéria-prima é o que não falta na cidade de Carapicuíba. É bastante perceptível que, embora seja um município pobre, a igreja sempre cresceu em seus bairros mais precários e destituídos de toda infraestrutura.

A igreja cumpre um papel de organização da vida social que foi muito bem descrito por Moltmann (2010), ou seja, a maioria dessa população da primeira geração é migrante que deixou para trás sua família, seu emprego ou sua roça, um lugar repleto de histórias de vidas as quais conhece e ajudou a constituir. Deixar esse lugar desorganiza a vida, então busca, em seu novo lugar, algo que se assemelha a essa sensação de pertença que só se consegue na medida em que vai construindo sua história, interagindo com o lugar, pessoas e se apropriando da dinâmica cotidiana.

A pesquisa e a própria experiência mostram, eles encontram este novo lugar

nas igrejas cuja chegada é saudada com alegria, chamam-nos de irmãos, conhecem seus nomes e valorizam suas histórias. Percebem semelhanças em muitos aspectos, são batalhadores, buscam melhoria de vida, se ajudam mutuamente e até constituem famílias nesse meio, compartilhando sonhos e esperanças.

Uma igreja livre e próxima dos indivíduos é que vai permitir uma experiência em que cada um se sinta pertencente a um projeto de vida, neste caso, consegue vencer a própria morte. Nas palavras de Moltmann (2010):

> Esta experiência pessoal do Espírito é expressa por muitas pessoas por estas simples palavras: 'Deus me ama'. Nesta experiência de Deus elas experimentam sua própria, indestrutível e intransferível dignidade, de modo que conseguem erguer-se do pó. Encontram-se a si próprias e não precisam mais esforçar-se por quererem ser desesperadamente elas próprias ou por desesperadamente não quererem ser elas próprias. (MOLTMANN, 2010, p. 149).

A afirmação de Moltmann (2010) representa exatamente aquilo que encontrei nos cultos AD Ministério Madureira Campo Carapicuíba, o simples cântico de recepção dos visitantes já fazia as pessoas chorarem. Sua letra era: "Visitante seja bem-vindo, sua presença é um prazer [...]." Às vezes eu me perguntava há quanto tempo essas pessoas não recebiam um abraço, uma palavra de conforto ou reconhecimento por um feito, uma verdadeira fome por reconhecimento.

A experiência pentecostal colocava essas pessoas de pé. Quantas pessoas conheci que chegaram desesperançadas, sentindo-se fracassadas porque não conseguirem "subir na vida" e nem enfrentar a violência cotidiana que a pobreza impõe. Recebidos pela igreja e pelos seus "irmãos", renovam-se as esperanças, não se sentem mais sozinhos na luta e percebem possibilidades de um recomeço, uma vida compartilhada e a dignidade reconquistada.

As camadas pobres da população, com mínima participação nos cultos católicos oficiais e sem vislumbrar melhoria nas condições de vida, se identificaram nas celebrações desse ramo pentecostal, experimentando momentos de espontaneidade e liberdade religiosa. Nessa época, os pobres começam a ter certa visibilidade nas igrejas que frequentam; igrejas que ajudaram a construir, do jeito que deu, com seus parcos recursos e os da comunidade e, por isso, as consideram "suas".

Quando ouvi o pastor dizer que não devemos servir à religião, que a teologia não leva ninguém a nada e o que verdadeiramente salva é a palavra de Deus,

identifiquei-me imediatamente, não apenas eu, mas todos os presentes naquela igreja que queriam encontrar conforto para enfrentar as dificuldades da vida material, sem querer se submeter ao uso de drogas.

Nesse caso em particular, se a religião é o “ópio do povo”, que assim seja, no entanto, cabe esclarecer que, ao fazermos esta afirmação, não queremos confrontar, comparar com a célebre frase de Marx e nem tampouco afirmar que a experiência religiosa é tão somente motivada pelo poder opiáceo de seus cultos. Estamos apenas narrando uma experiência pessoal e intransferível verificada pelo autor deste trabalho na participação de centenas de cultos ao longo da vida e, especialmente, durante o período da pesquisa.

Uma sociedade cada vez mais complexa e heterogênea na sua composição de classe exige uma oferta mais diversificada de serviços religiosos e a cultura organizacional da Assembleia de Deus Ministério Madureira Campo de Carapicuíba propiciou uma ampla oferta de serviços graças à sua enorme capacidade de adaptação.

Se aparentemente a falta de uma estratégia bem definida se coloca como um obstáculo intransponível para o crescimento da igreja Assembleia de Deus Ministério Madureira Campo de Carapicuíba, precisamos entender o conceito de estratégia em toda a sua extensão para compreender os mecanismos que produziram um resultado oposto.

No livro “**A nova razão do mundo”**, os autores Philip Dardot e Cristian Laval (2016) descrevem o desenvolvimento e consolidação do neoliberalismo dentro do que Foucault chamou de “estratégia sem sujeito ou sem estrategista”, ou seja, a escolha dos meios empregados para atingir um determinado fim, como ocorreu em fins da década de 1970, como o desmantelamento do Estado de Bem-Estar Social, privatização de empresas públicas etc.

Segue a citação de trecho longo, mas significativo:

> Portanto, estamos muito bem embasados para falar, nesse sentido, de uma ‘estratégia neoliberal’: entenda-se o conjunto de discursos, práticas, dispositivos de poder visando à instauração de novas condições políticas, a modificação das regras de funcionamento econômico e a alteração das relações sociais de modo a impor esses objetivos. Contudo, por mais legítimo que seja, esse uso do termo ‘estratégia’ poderia levar a entender que o objetivo da concorrência generalizada entre empresas, economias e Estados foi elaborado a partir de um projeto longamente amadurecido, como se tivesse sido objeto de uma escolha tão racional e controlada quanto os meios postos a serviço dos objetivos iniciais. Daí para pensar a virada em termos

> de um 'complô' é um passo – que alguns se apressaram em dar, em particular na esquerda. O que nos parece, ao contrário, é que o objetivo de uma nova regulação pela concorrência não existia antes da luta contra o Estado de bem-estar na qual se engajaram, alternada ou simultaneamente, círculos intelectuais, grupos profissionais, forças sociais e políticas, muitas vezes por motivos bastante heterogêneos. A virada começou por pressão de certas condições, sem que ninguém sonhasse ainda com um novo modo de regulação em escala mundial. Nossa tese é que esse objetivo tenha se constituído ao longo do próprio confronto, se imposto a forças muito diferentes em razão da própria lógica do confronto e, a partir desse momento, feito o papel de catalisador, oferecendo um ponto de encontro a forças até então relativamente dispersas. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 188-189).

Na verdade, o crescimento da igreja ocorre por um conjunto de enfrentamentos cotidianos alicerçados no solo histórico das localidades, a partir de uma "lógica das práticas", e já foi apontado neste trabalho que é possível encontrar Assembleia de Deus seguindo as mais variadas linhas teológicas respondendo às mais distintas demandas do mercado religioso.

Nada é tão emblemático desse fato do que a arquitetura dos templos, que expressa as características sociais e econômicas das condições reais em que estes templos estão inseridos. Eles seguem o padrão de construção da localidade, segundo demonstram as fotos apresentadas nesta pesquisa.

O neoliberalismo que passa a ocupar todas as esferas da vida, ao mesmo tempo que cria uma cidade e, também, um ser social que é a sua imagem e semelhança, invade o mercado da fé e eleva a concorrência a um novo patamar onde as igrejas mais aptas ao crescimento são aquelas que não se opõem ao seu livre desenvolvimento.

O princípio universal da concorrência dentro da Assembleia de Deus Ministério Madureira Campo de Carapicuíba é elevado ao seu grau máximo, e não se trata apenas de uma ação concorrencial dentro do mercado da fé como um todo. A concorrência é estimulada dentro do próprio campo pentecostal e até mesmo dentro da igreja Assembleia de Deus, segundo atestam as próprias palavras do seu pastor-presidente:

> Era uma convenção só, era Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB). Mas teve muito pastor Bispo Manoel Ferreira presidente, pastor José Hercules Vieira da Costa foi presidente até 1987 é teve um presidente, ih esqueci o nome dele agora, que era o presidente geral da Assembleia de Deus, aí quando houve a divisão porque que houve a divisão porque a Missão não queria que o Ministério de Madureira abrisse trabalhos no norte no nordeste tudo isso aí e o Ministério Madureira abria trabalho ninguém pode proibir ninguém abrir trabalho e por causa disso eles se dividiram de nós aí ficou Ministério Madureira e o Ministério do Belém que é a Missão tudo uma coisa só e o Ipiranga que é ligado com convencionalmente com eles, Madureira é Madureira em qualquer parte do mundo é Ministério Madureira

> só que o pessoal da Missão não pessoal da Missão tem o Belém, tem o Ipiranga, outras Assembleias de Deus que faz convenções paralelas Madureira tem uma convenção só que é a convenção nacional. (PASTOR BARRETO).

Ao falar de neoliberalismo, cumpre esclarecer sobre o que estamos falando, pois não estamos nos referindo a um novo liberalismo, antes, trata-se de algo novo que finca as suas bases na construção de um novo ser social e que inaugura uma nova sociabilidade, fenômeno descrito por vários autores.

Retomando Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo é um sistema normativo que:

> influencia o mundo todo, de modo que a lógica do capital está em todas as relações e esferas da vida. Nesse contexto, a ação coletiva perdeu força e espaço, pois os sujeitos estão submetidos a uma concorrência que alcança todas as instâncias. 'O neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência.' (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 17).

Os autores chamam a atenção para a importância que o liberalismo clássico atribuía ao livre mercado, acreditando que este proporciona a igualdade, diferentemente do neoliberalismo, quando é a desigualdade que impulsiona o mercado, agindo em parceria, amparado e orientado pelo Governo para que o sistema funcione, baseado na universalização da economia e da concorrência generalizada. Destacam também duas características do liberalismo que o transformam em neoliberalismo, a saber: 1) A economia social de mercado passa a ser ativamente produzida; e 2) A grade de inteligibilidade econômica passa a ser aplicada em processos não econômicos.

O "**Novo tempo do mundo"**, de Arantes (2014), a "**Nova razão do mundo"**, de Dardot e Laval (2016), e ainda o "**Novo espírito do capitalismo",** de Boltanski e Chiapello (2009), analisam a transformação da sociedade, remodelando a subjetividade de cada indivíduo, que é incitado a estar sempre em movimento e deve ter a capacidade de aceitar riscos e inovações em todas as áreas de sua vida. A religião, por ser criação humana, também se reajustou a partir dessa nova lógica de condução do indivíduo e se adequou à sociedade contemporânea.

Entre as religiões, o pentecostalismo Assembleiano se torna uma das principais expressões religiosas desta nova era.

REFERÊNCIAS

ABREU, N. dos S. **Magia neopentecostal e "espírito" neoliberal**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

ALENCAR, G. F. **Assembleias Brasileiras de Deus**: teorização, história e tipologia - 1911 a 2012. 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

_____. **Matriz Pentecostal Brasileira**: Assembleias de Deus 1911-2011. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.

_____. Pentecostalismo & Ecumenismo: Deus e o Diabo se (Des)Entendendo na terra do sol. *In*: Congresso Internacional em Ciências da Religião: a religião entre o espetáculo e a intimidade, 7., 2014, Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia: PUC-GO, 2014. p. 45-64.

_____. **Pentecostalismos no Brasil. Espiritualidade e Sociedade**, 2022. Disponível em: https://religiaoepoder.org.br/artigo/pentecostalismos-no-brasil/. Acesso em: 10 jan. 2023.

_____. **Protestantismo Tupiniquim**. 2. ed. São Paulo: Arte Editorial, 2007.

_____. **Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus. Assembleia de Deus** - origem, implantação e militância nas quatro primeiras décadas - 1911-1946. 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Religião) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

ALMEIDA, V.; LÔBO, M. P. A organização de igrejas assentadas no norte do Tocantins. **Revista Sapiência**: sociedade, saberes e práticas educacionais, v. 3, p. 47-62, 2014.

BERVIAN, P. A.; CERVO, A. L.; SILVA, R. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BÍBLIA SAGRADA. **Nova Versão Internacional**. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 1993.

BOURDIEU, P. A. **Economia das Trocas Simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CALDAS, M. P. **Downsizing, o dia seguinte**: consequências organizacionais de demissões coletivas. Pesquisa EAESP/FGV. Disponível em: https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/do.pdf. Acesso em: 15 out. 2022.

CARONE, E. Coronelismo: definição histórica bibliográfica. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 11, n. 3, jul./set. 1971.

CARREIRO, G. da S. **Análise sócio-desenvolvimental do crescimento evangélico no Brasil**. Análise sócio-desenvolvimental do crescimento evangélico no Brasil. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

_____. Assembleia de Deus: A igreja que mais cresce no Brasil? Uma proposta de reinterpretação sociológica dos dados do IBGE. *In*: Congresso Internacional em Ciências da Religião: a religião entre o espetáculo e a intimidade, 7., 2014, Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia: PUC-GO, 2014. p. 3- 20

CARVALHO, J. M. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo, Dados. Revista de Ciências Sociais, Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ. [*online*], Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, 1997.

CONGRESSO INTERNACIONAL EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 7, 2014, Goiânia. **A religião entre o espetáculo e a intimidade**. Goiânia: PUC-GO, 2014. p. 11- 12.

CORREA, M. A. O. dos S. **A operação do carisma e o exercício do poder**: A lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil. 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

_____. Igrejas Assembleias de Deus no Brasil: Pastores Presidente e os “Laços Fraternos”? *In*: Congresso Internacional em Ciências da Religião: a religião entre o espetáculo e a intimidade, 7., 2014, Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia: PUC-GO, 2014. p. 73-101.

CHIAVENATO, I. **Administração de Recursos Humanos**: fundamentos básicos. São Paulo: Atlas, 1999.

CURVELLO, J. J. A. *et al*. Cultura Organizacional e comunicação interna na administração pública federal pensadas a partir da classificação de ouvir, informar, mobilizar e educar. **Revista Científica de Comunicação Social do Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH)**, Belo Horizonte, v. 14, p. 151 -167, 2021.

FAJARDO, M. P. **Onde a Luta se Travar - A expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946 – 1980)**. , 2015. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015.

FERREIRA, J. S. W. A forma urbana patrimonialista: limites da ação estatal na produção do espaço urbano no Brasil. **Rev. Bras. Estud. Urbanos Reg**, v. 24, 2022. DOI: https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202228pt.

GONÇALVES, J. C. de S.; SERRA, A. R. C.; COSTA, C. E. S. A Empresarização do sagrado: um estudo sobre a estruturação de Igrejas Protestantes Brasileiras. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa (RECADM)**, v. 6, n. 2, nov. 2007. ISSN 1677-7387. Disponível em: http://revistas.facecla.com.br/index.php/index/index. Acesso em: 25 jan. 2022.

GOUVEIA, E. H. Comunidades eletrônicas de consolo. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião,** Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 115-129, set. 1999.

_____. *Entre o Templo e a Televisão: Comunidades Eletrônicas de Consol*o. **Revista Nures,** n. 1, 2005. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/view/7323. Acesso em: 15 out. 2022.

_____. **O silêncio que deve ser ouvido**: mulheres pentecostais em São Paulo. 1987. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1987.

_____. *Pluralismo Religioso nas Mídias Eletrônicas*. **Revista Nures,** n. 8, jan./abr. 2008. Disponível em: http://www.pucsp.br/revistanures. Acesso em: 8. FRV. 2023.

LEAL, V. N. **Coronelismo, enxada e voto**: município e o regime representativo no Brasil. 7ª, ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

LOPES, L. F. Assembleia de Deus no Brasil: desafios e propostas a partir do seu primeiro centenário. *In*: Congresso Internacional em Ciências da Religião: a religião entre o espetáculo e a intimidade, 7., 2014, Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia: PUC-GO, 2014.

MALZONE, M. A. **O sistema de franquias no Brasil**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado ADM DE EMPRESAS) – Faculdade de Economia e Administração, Instituto de Ensino e Pesquisa, São Paulo, 2011.

MARIANO, R. Expansão pentecostal do Brasil: O caso da igreja Universal. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, 2004.

MARX, K. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Tradução: Rubens Enderle e Leonardo de Deus. 2. ed. revista. São Paulo: Boitempo, 2010.

MENDONÇA, A. G. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984. p.162

MOLTMANN, J. **O Espírito da vida**: uma pneumatologia integral. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NOVAES, R. **Os escolhidos de Deus**: pentecostais, trabalhadores e cidadania. 1. ed. São Paulo: Marco Zero; Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Religião, 1985.

OLIVEIRA, D. M. de. O Renovado interesse em assumir-se Pentecostal. *In*: Congresso Internacional em Ciências da Religião: a religião entre o espetáculo e a intimidade, 7., 2014, Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia: PUC-GO, 2014. p. 29-35.

OLIVEIRA, L. C.; ARRUDA, M. S.; COSTA JUNIOR, B. M. da. A Influência do Pentecostalismo na vida Religiosa Ribeirinho. *In*: Congresso Internacional em Ciências da Religião: a religião entre o espetáculo e a intimidade, 7., 2014, Goiânia.

Anais [...]. Goiânia: PUC-GO, 2014. p. 126-145.

POMMERENING, C. I. Uma Proposta de Teologia do Espírito para o Pentecostalismo Clássico a partir de Jürgem Moltmann. *In*: Congresso Internacional em Ciências da Religião: a religião entre o espetáculo e a intimidade, 7., 2014, Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia: PUC-GO, 2014. p. 102-125.

RAMOS, Guerreiro. A sociologia de Max Weber. Sua importância para a teoria e a prática da Administração. **RSP** , ano IX, v. III, n. 2-3, ago./set. 1946.

REVISTA DO SERVIÇO PÚBLICO – ago./set. 1946, Disponível em: https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/200. Acesso em: 9 jul.2022. p. 13.

ROBBINS, S. P. **Comportamento Organizacional**. 9. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2002.

ROLIM, F. C. **Religião e classes populares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

ROTTERDAM, E. **Elogio à loucura**. São Paulo: Coleção L&PM Pocket, 2009.

SANTOS, J. W. A. dos. **Trabalho religioso, campo religioso e relações de poder nas Assembleias de Deus no Brasil**. 2019. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2019. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/191302. Acesso em: 25 jan. 2023.

SIEPIERSKI, P. D. Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo brasileiro. *In*: GUERRIERO, S. (org.). **O Estudo das religiões**: desafios contemporâneos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 71-88.

SILVA, E. da. Pentecostalismo no Brasil numa perspectiva historiográfica: aportes teóricos e metodológicos. **Caminhos – Revista de Ciências da Religião**, Goiânia, v. 12, n. 2, jan./ jun. 2014.

SILVA, S. R. **A cultura organizacional da igreja Assembleia de Deus Ministério Madureira no Campo de Carapicuíba**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2017.

SPYER, J. **Povo de Deus**: Quem são os evangélicos e por que eles importam. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Sites:
CARAPICUIBA: https://www.prefeituradecarapicuiba.com.br/

GEOMAPAS: http://www.geomapas.com.br/

IBGE: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-2020-censo4.html?=&t=destaques

IPEA/DATA, dados do Censo 2010. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Carapicu%C3%ADba. Acesso em: 5 ago. 2022.

PONTIFICIA UNIVERDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. Disponível em: https://www.pucsp.br/biblioteca

SCIELO. Disponível em: https://scielo.org/pt/

APÊNDICE A - Expansão do Campo de Carapicuíba abrindo igrejas nos estados da federação e seus presidentes

Região Norte:

- Amazonas: Cidade de Manaus, Maués, Itacoatiara.
- Pará**:** Cidades de Belém, Ananindeua, Benevides, Oeiras do Pará, Marabá.
- Amapá**:** Cidade de Macapá.
- Tocantins**:** Palmas, Miracema.

Região Nordeste:

- Maranhão**:** Cidades de Axixá, Bacabal, Barão de Grajaú, Caxias, Incruso, Imperatriz, Gurupi (Reserva) Lago da Pedra, Maracaçumé, Santa Ines, São Benedito do Rio Preto, São Luiz, São Mateus.
- Piauí**:** Cidades de Teresina, Piripiri, Oeiras, Altos.
- ceará**:** Fortaleza, Monsenhor Tabosa, Maracanaú, Crateús, Ipu, Novas Russas, Quiterianópolis, Santa Quitéria.
- Rio Grande do Norte: Cidades de Natal, Acari, Alexandria, Alto do Rodrigues, Bom Jesus, Campo Redondo, Ceará Mirim, Currais Novos, Encanto, Extremoz, Guamaré, Ielmo Marinho, Mossoró, Nisia Floresta, Parnamirim, Passa e Fica, Pau dos Ferros, Pedro Avelino, Pendências, Poço Branco, Porto do Mangue, Rafael Godeiro, Santa Cruz, Santo Antônio, São Francisco do Oeste, São Gonçalo do Amarante, São Tomé, Tangará, Upanema, Vera Cruz.
- Paraíba: Cidades de João Pessoa, Queimados, Campina Grande, Santa Rita.
- Pernambuco: Cidade de Recife abrindo mais Igreja, Barreiras, Belo Jardim, Bezerro, Bom Jardim, Bonito, Cabo, Camaragibe, Caruaru, Charneca, Garanhuns, Igarassu, Itapissuma, Jaboatão dos Guararapes, Moreno, Triunfo, Olinda, Palmares, Paudalho, Pesqueiro, Ribeirão, Santa Cruz do Capibaribe, São Bento do Una, São Caetano, São Lourenço da Mata, Taquaritinga do Norte, Vitória de Santo Antão.
- Alagoas: Cidade de Maceió, Arapiraca, Rio Largo, Bahia**:** Cidade de Itapetinga, Itororó, Salvador, Bonito.

Região Centro-Oeste:

- Distrito |Federal: Brasília, Gama, Recanto das Emas.
- Goiás**:** Goiânia, Aparecida de Goiânia.
- Mato Grosso do Sul: Campo Grande, Dourados, Caarapó, Aquidauana (terreno).
- Mato Grosso: Cuiabá.

Estados da Região Sul:

- Paraná: Cidades de Curitiba, Agudos do Sul, Araucária, Bandeirantes, Campina Grande do Sul, Foz do Jordão (Segredo), Carlópolis, Castro, Colombo, Fazenda Rio Grande, Guarapuava, Guaratuba, Ibaiti, Iporã, Ivaiporã, Jacarezinho, Jaguariaíva, Japira, Jardim Alegre, Jataizinho, Joaquim Távora, Manoel Ribas, Paranaguá, Paranavaí, Pinhalão, Pitanga, Ponta Grossa, Santo Antônio da Platina, São José dos Pinhais, Tomazina, Wenceslau Brás.
- Santa Catarina: Cidade de Florianópolis, Tubarão, Barra da União.
- Rio Grande do Sul**:** Cidades de Porto Alegre, Santo Ângelo, Santiago, Novo Hamburgo, Viamão, Gravataí, Estrela, Cruz Alta, Ijuí, Itaqui, Pelotas, Guaíba, Capão da Canoa, Estancia Velha, Torres, Xangri-Lá, Alvorada, São Gabriel, São Lourenço do Sul, Sobradinho, Soledade, Sapiranga, Sapucaia do Sul, Farroupilha, Uruguaiana, São Gabriel, Tramandaí, Triunfo, Sarandí, São Francisco de Paula, Campo Bom, Alegrete, Canelas, Canoas, Carazinho, Cristal, Engenho Velho, Mostarda, Palmeira das Missões, Panambi, Rosário do Sul, Santa Maria, Santo Antônio da Patrulha, São Borja, São Leopoldo, São Francisco de Assis, Osório, Camacuã, São Luiz Gonzaga.

Região Sudeste:

- Minas Gerais: Cidades de Belo Horizonte, Araguari, Belo Vale, Capelinha, Capitão Eneas,

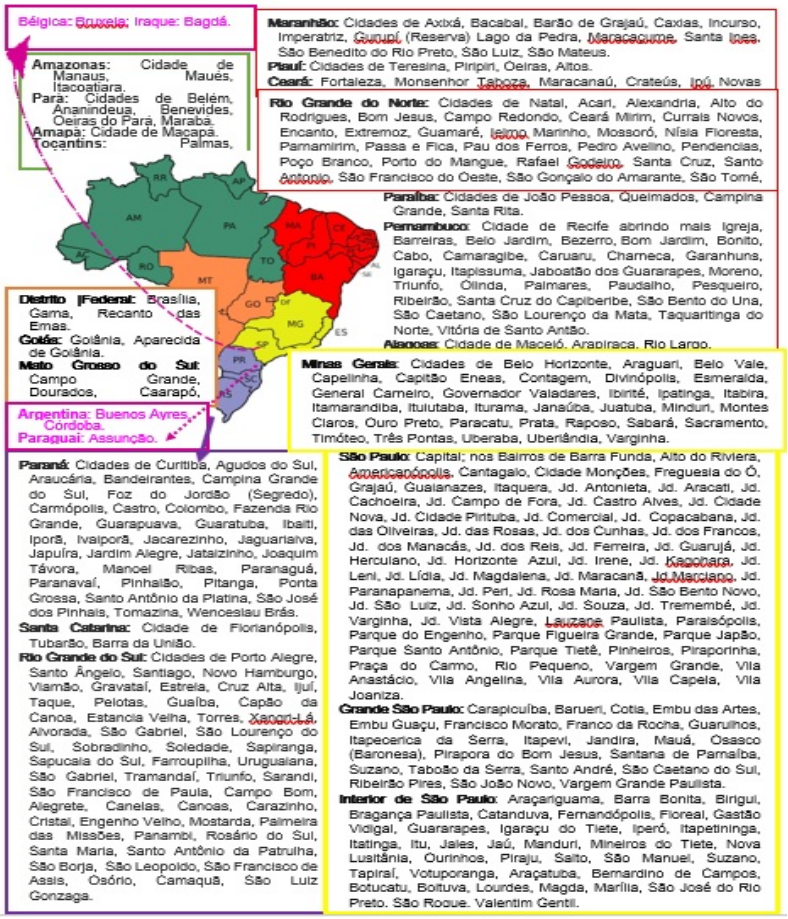
Contagem, Divinópolis, Esmeralda, General Carneiro, Governador Valadares, Ibirité, Ipatinga, Itabira, Itamarandiba, Ituiutaba, Iturama, Janaúba, Juatuba, Minduri, Montes Claros, Ouro Preto, Paracatu, Prata, Raposo, Sabará, Sacramento, Timóteo, Três Pontas, Uberaba, Uberlândia, Varginha.

- Rio de Janeiro: Araruama, Duque de Caxias, São Gonçalo, São João de Meriti, Espírito Santo; Vitória, Vila Velha.
- São Paulo: Capital; nos Bairros de Barra Funda, Alto do Riviera, Americanópolis, Cantagalo, Cidade Monções, Freguesia do Ó, Grajaú, Itaquera, Jd. Antonieta, Jd. Aracati, Jd. Cachoeira, Jd. Campo de Fora, Jd. Castro Alves, Jd. Cidade Nova, Jd. Cidade Pirituba, Jd. Comercial, Jd. Copacabana, Jd. das Oliveiras, Jd. das Rosas, Jd. dos Cunhas, Jd. dos Francos, Jd. dos Manacás, Jd. dos Reis, Jd. Ferreira, Jd. Guarujá, Jd. Herculano, Jd. Horizonte Azul, Jd. Irene, Jd. Kagohara, Jd. Leni, Jd. Lídia, Jd. Magdalena, Jd. Maracanã, Jd.Marciano, Jd. Paranapanema, Jd. Peri, Jd. Rosa Maria, Jd. São Bento Novo, Jd. São Luiz, Jd. Sonho Azul, Jd. Souza, Jd. Tremembé, Jd. Varginha, Jd. Vista Alegre, Lauzane Paulista, Paraisópolis, Parque do Engenho, Parque Figueira Grande, Parque Japão, Parque Santo Antônio, Parque Tietê, Pinheiros, Piraporinha, Praça do Carmo, Rio Pequeno, Vargem Grande, Vila Anastácio, Vila Angelina, Vila Aurora, Vila Capela, Vila Joaniza.
- Grande São Paulo: Carapicuíba, Barueri, Cotia, Embu das Artes, Embu Guaçu, Francisco Morato, Franco da Rocha, Guarulhos, Itapecerica da Serra, Itapevi, Jandira, Mauá, Osasco (Baronesa), Pirapora do Bom Jesus, Santana de Parnaíba, Suzano, Taboão da Serra, Santo André, São Caetano do Sul, Ribeirão Pires, São João Novo, Vargem Grande Paulista.
- Interior de São Paulo**;** Araçariguama, Barra Bonita, Birigui, Bragança Paulista, Catanduva, Fernandópolis, Floreal, Gastão Vidigal, Guararapes, Igaraçu do Tietê, Iperó, Itapetininga, Itatinga, Itu, Jales, Jaú, Manduri, Mineiros do Tietê, Nova Lusitânia, Ourinhos, Pirajú, Salto, São Manuel, Suzano, Tapiraí, Votuporanga, Araçatuba, Bernardino de Campos, Botucatu, Boituva, Lourdes, Magda, Marília, São José do Rio Preto, São Roque, Valentim Gentil.

Exterior:

- Argentina: Cidades de Buenos Aires, Córdoba.
- Bélgica**:** Bruxela.
- Iraque: Bagdá.
- Paraguai: Assunção.

APÊNDICE B – Mapa com a distribuição das igrejas e fundadores



Fundadores

Fundadores da 1ª Igreja do Campo de Carapicuíba – SP em cada Estado: Amazonas: em Manaus, Pr. Cícero Joaquim, Pará**:** em Marabá, Pr. José Dantas Brasil, Amapá**:** em Macapá, Pr. Wilton Barreto Machado, Tocantins: em Miracema, Dc. Otacílio Gonçalves, Maranhão: em Caxias, Pr. Manassés dos Santos Souza, Piau**í:** Teresina, Pr. João Batista Brito de Melo, Ceará**:** em Fortaleza, Pr. Edson Saraiva Leal, Rio Grande do Norte: em Natal: Pr. Onofre Fortunato de Oliveira, Paraíba**:** em João Pessoa, Pr. José Alves de Oliveira, Pernambuco: em Recife Pb. Enoque e reiniciado pelo Pastor José Bento da Silva, Alagoas: em Arapiraca, Pr. Pedro Santana Vilela, Bahia: em Itororó, Pr. José Alves Tourinho, Distrito Federal; em Recanto das Emas - Brasília, Frederico Hosana dos Santos, Goiás**:** Pb. Antonio Damasceno Rosa, Mato Grosso do Sul: em Dourados, Pr. João Ferreira da Rocha: Mato Grosso: em Cuiabá, Pr. Dionizio Gabriel dos Santos, Minas Gerais**:** em Capelinha, Ev. Joaquim Dias da Silva**,** Espírito Santo**:** em Vila Velha, Pb. Luiz Carlos Pereira, Rio de Janeiro**:** em São João de Meriti, Pr. Lenildes, Paraná**:** em Ivaiporã, Pr. José Bento da Silva, Santa Catarina: em Florianópolis, Pb. Silvanei, Rio Grande do Sul: em Porto Alegre, Pr. Elzer Gonçalves,

NO EXTERIOR: tendo como fundadores: Argentina**,** Pr. José de Arimatéia,

Bélgica: Ev. Edvaldo Tavares Gomes, Iraque**:** Ev. Sebastião.

Em 10 de Outubro de 1999, faleceu o Reverendo. Luiz Gonzaga Medeiros. Até esta data o Ministério de Carapicuíba estava com aproximadamente 120.000 Membros, Obreiros e com 2.424 Igrejas.

Assume a Presidência do Campo de Carapicuíba o 1º Vice-Presidente Pasto Josevan de Oliveira, até 16 de novembro do mesmo ano.

Em 16 de Novembro de 1999, assume a Presidência do Campo o Pastor Sósteni Silva, transferido pelo Bispo Dr. Manoel Ferreira (Presidente da CONAMAD) da Igreja Matriz em Madureira – RJ. Até 18 de maio de 2003.

Neste período a Diretoria CONAMAD resolveu dividir estas Igrejas em 65 Campos com autonomia própria, ficando o Campo de Carapicuíba reduzido a 39 Igrejas (Carapicuíba e Guarulhos).

Em 18 de Maio de 2003 assume a Presidência o Pastor Paulino de Oliveira transferido da Igreja de Mogi das Cruzes – SP pelo Bispo Dr. Manoel Ferreira (Presidente da CONAMAD) até 09 de novembro de 2004.

No período entre o mês de novembro de 1999 até novembro de 2004 continuou com as mesmas Igrejas.

Em 09 de Novembro de 2004, assume a Presidência do Campo de Carapicuíba, o Pastor Jason Secundo Barreto, então o Campo começou novamente a se expandir chegando em 2011 com o total de 312 Igrejas com aproximadamente 10.000 Membros e Obreiros, abrindo-se novas Igrejas nas Cidades da Região Norte: Pará: Belém, Soure (Ilha do Marajó), Região Nordeste**:** Maranhão: São Luiz, Sã José do Ribamar, Presidente Juscelino, Bacabal, Alto Alegre, São Mateus, Lago Verde, Fortuna, Jatobá, Colinas, São João do Soter, Caxias, Timom Piauí: Teresina, Altos, Demerval Lobão, Piri-Piri, Boa Hora, Picos, São João do Piauí, Ceará: Fortaleza, Russas, Uruburetama, Caucaia, Beberibe, Maracanaú, Tianguá, Varjota, Viçosa do Ceará, Coreaú, Icó. Paraíba: João Pessoa, Baieux, santa Rita, Sobrado, Pilar, Campina Grande, Caturité, Lagoa Seca, Queimadas, Arara, Pernambuco: Jaboatão dos Guararapes, Moreno, Gameleira, Gravatá, Alagoas: Maceió, Lagoa da Canoa. Bahia: Itapetinga, Itororó, Floresta Azul, Barra do Choça, Poções, Pau Brasil, São João do Paraiso, Mascote, Maracaní, Região Sul; Paraná: Guarapuava, Pinhão, Santa Catarina: São Francisco do Sul, Região Sudeste; Minas Gerais: Belo Horizonte, São Paulo: Carapicuíba (Sede do Campo), Guarulhos, Marília, Guaimbê, Pompéia, Echaporã, Paulópolis.

APÊNDICE C – Entrevista com o Pastor Jason Secundo Barreto – Presidente da Assembleia de Deus Madureira Campo de Carapicuíba

Entrevista realizada em 12/05/2017 por Sérgio Ribeiro Silva.

P: pergunta **- R:** resposta

P: O que é um campo da Assembleia de Deus?

R: *Um campo é uma divisão do ministério para melhor ser administrado porque existiu a Convenção Nacional.*
Só o Ministério Madureira, CONAMAD, o Ministério Madureira ele todas as igrejas tudo Ministério de Madureira nós do ministério não aceitamos por exemplo a pessoa tem uma igreja ali se uni aqui e fica independente lá, então o ministério Madureira é um só no Brasil e no mundo.
Dentro do ministério vem as convenções estaduais dentro do ministério convenção do Estado de São Paulo quem preside é o pastor Samuel Castro Ferreira, que é o presidente da convenção do Estado a convenção do estado divide é por campos por exemplo o Belém eles chamam de setores, mas eles não têm uma certa autonomia, o ministério Madureira é por campos por exemplo a cidade de Carapicuíba é um campo.
O campo de Carapicuíba, ele surgiu como igreja em 1960, em 1966 o pastor Alexandre Alegria assumiu como presidente recebendo autonomia do Brás, o Brás que comandava tudo.
Não era Campo do Brás, existia Campo do Brás, aí o que acontece o Brás deu autonomia para Carapicuíba juridicamente para criar um campo daqui de Carapicuíba então ele se expandiu por todo território nacional mais Uruguai, Paraguai, o Iraque, a Bélgica, Bolívia saiu tudo daqui de Carapicuíba.
Na onde, só existe uma ética você não pode abrir igreja onde tem uma igreja Madureira você não pode abrir mas se não tem você pode abrir em qualquer lugar do mundo.
É um costume que tem que ser respeitado sempre é daqui para estes países que é ajuda financeiramente com investimento, para montar no outro pais, manter obreiro no pais, construção de templo tudo isso aí sai daqui que sair daqui.

P: Quem decidi abrir igrejas fora do Brasil, por exemplo, para abrir uma igreja no Iraque como foi realizado?

R: *Isso aí o do Iraque especificamente foi uma revelação de Deus um irmão aqui do Brasil Deus falou com ele um dia ele tava desempregado Deus falou sai de casa e vai na avenida Consolação lá vai ter uma fila grande numa empresa e você fica na fila e ele obedeceu e foi ficou na fila tava cadastrando pessoas para trabalhar pela Camargo Correa no Iraque e dessa chamada para o Iraque ele era cozinheiro profissional então precisava dois cozinheiro mas tinha trezentas pessoas na fila para inscrição de dois cozinheiro depois de tudo feito ele foi escolhido dois ele e mais uma*

pessoa no fim só foi ele para o Iraque ele teve um sonho que ele chegava num local e ele via um deserto e via pés como um pé de coqueiro e ele perguntou assim ele perguntava no sonho o que é aquilo é um pé de tâmara você vai lá e como uma fruta ele se dirigiu lá e depois ele foi deu uma visão de uma caverna e dizia assim tem cinco pessoas aí que são meus servos e você vai servi ceia para eles e ele disse como servir ceia se eu estou sem nada tenho nada você pega a uva e amassa e serve para eles e ele ia dobrou o joelho e ia orou naquela caverna, quando isso aconteceu que ele foi um dos escolhidos para ir para o Iraque quando ele chegou no acampamento onde ele ia ficar ele viu o pé de tâmara que ele viu no sonho e ele viu a caverna foi lá quando ele tava lá orando chegou cinco pessoas orando com ele e disse nós somos tudo servo de Deus somos missionários do Brasil e estamos sem ceia aí ele pegou as uvas e fez e serviu ceias para eles aí começou o trabalho no Iraque com ponto de pregação depois foi abrindo igreja quando chegou quatorze igrejas no Iraque.

Eu, aí aqui em Carapicuíba era na época do pastor Luis Gonzaga, esse moço foi num culto na Barra funda eu era pastor da Barra Funda i ele se apresentou era um presbítero eu dei oportunidade para ele quando dei oportunidade para ele Deus levantou um jovem da igreja falando na língua iraquiana e falou com ele chorava aí ele falou procura o pastor aqui da igreja ele vai encaminhar tudo no final ele me falou que já tinha essas igrejas lá no Iraque que precisava de apoio sustentação para consolida o trabalho dele e aí ele me falou no final eu trouxe ele aqui no pastor Luis e o pastor Luis recebeu ele legalizou tudo as igrejas no Iraque porque no Brasil é fácil abrir igreja em qualquer nos países sempre tem os ministério de culto a igreja tem que ser registrado no ministério de culto tudo isso aí é uma organização você não pode chegar num pais fora eu tô abrindo esta igreja aqui não tem que se tudo registrado.

P: Nesse caso ele teve uma revelação e foi, e tem situações que a igreja se reúne e decide em mandar obreiros para outros países?

***R**: Aqui nós temos aqui uma secretaria de missão que ela funciona então nesses estados nós enviamos obreiro para estes estados, estados nos países nós enviamos obreiros mantido aqui pela igreja matriz. Sim a decisão a do secretariado com o presidente e com a diretoria aí decide para enviar obreiro para lá aluga casa para o obreiro e mantem ele lá e mantem é a princípio aluguel do salão e depois compramos o terreno construímos, construímos no terreno e mantemos ele lá no estado.*

P: Então o Campo aqui foi fundado em 1966 como juridicamente e foi dado autonomia, quem então dá esta autonomia pelo presidente?

R: Como campo como pessoa jurídica em 1966, mas o começo de tudo foi em 1948 que aí até 66 era ligado ao Brás aí em 66 recebeu autonomia, autonomia é autorizada pelo presidente da convenção nacional isso o presidente da convenção nacional que autoriza i aqui o Brás como é a convenção do Estado de São Paulo ela só homologa aqui e determina é a nacional que dá é e a estadual obedece tudo aqui que a convenção nacional determina.

Aqui em 66 passa a ter autonomia se transforma num Campo ou uma igreja? Antes era um CNPJ para o Brasil e quem decidiu desmembrar o CNPJ por Estados? Já um Campo com Estatuto, CNPJ tudo isso aí a igreja não é cada campo a igreja não tem hoje eu faço o seguinte eu tenho quinze estados então cada estado tem um pastor estadual que lá tem CNPJ tem tudo certo é decisão minha, é decisão isso hoje, hoje não cada estado tem um CNPJ só que tudo é ligado aqui. A partir de 1966 começa como uma igreja de Carapicuíba? E quantas igreja tinha no Campo? E qual foi o auge do Campo?

Que é aqui a sede do Estado e do Brasil aí vai vim a missionaria, como campo começou com umas três igrejas em 66, quando o pastor Luis assumiu aqui em 1975 tinha 26 igrejas então naquela época começou com poucas igrejas, a o que deu mais igreja foi na época do pastor Luiz chegou a duas mil quatrocentos setenta e quatro igrejas todas formadas aqui de Carapicuíba no Brasil inteiro mais Uruguai, Paraguai, Bolívia, é o Iraque, a Bélgica.

P: O missionário vai enviado pela a igreja ou por revelação direta ou decisão da igreja ele é ajudado pela sede, depois que ele consegue autonomia financeira como fica o posicionamento do Campo?

R: *Isso quando ele consegue isso é mais ou menos depois de três anos é que eles conseguem ter autonomia mesmo assim ele é mantido por aqui mesmo assim não dá condições deles comprarem um terreno então é tudo comprado pela sede.*

Essas igrejas do Campo depois que conseguem estabilidade financeira os Estados elas retornam algum recurso para sede?

Não nos Estados não, no Estado fica no próprio Estado que para nós abrir mais trabalhos comprar mais terreno e construir não manda.

P: Então como a sede se mantém financeiramente?

R: Pelos membros e dízimos e ofertas, aqui é o Estado de São Paulo as igrejas do Campo Carapicuíba, Guarulhos, Bragança Paulista, Guaimbê, Marilia, Pompeia reverte uma parte para a sede mas normalmente o que mantém mesmo é aqui em Carapicuíba é a arrecadação de Carapicuíba é que mantém todas as igrejas do Brasil.

P: Esses Municípios que reverte para a sede o quanto vem de percentual? E Carapicuíba?

R*: Geralmente eles mandam eu recebo deles dez por centos vem para a sede e dentro de Carapicuíba todas as congregações tira as despesas e manda o saldo para sede e a sede que administra.*

P: Quantas congregações existem em Carapicuíba?

R*: Aqui são cinquenta e oito congregações é que mantém todo campo lá fora tudo.*

P: A igreja de Carapicuíba do Campo sede precisa reverter recursos para

convenção estadual e nacional?

R: *Carapicuíba não a igreja não ela é autônoma o que acontece uma vez no ano, uma vez no ano é a convenção nacional e você é vinte por cento do obreiro do ministro é feito a inscrição para participar da convenção que você envia a isso aí para a convenção não dá vinte por cento do salário mínimo não é para ser membro da convenção para participar da convenção isso inscrição que depois este dinheiro da inscrição é investido que em obra social nós temos faculdade em Brasília para manter isso aí. A convenção, ela se mantém com dez por cento do ministro, do ministro, do pastor, o evangelista e o missionário então eles dão dez por cento uma vez no ano do salário mínimo na convenção estadual e nacional também é dez por centos e este dez por cento é para investir em missão porque hoje o Ministério Madureira tem muitos obreiros no mundo.*

P: A igreja sede do Brás ela também faz parte do Campo?

R*: É a sede do Brás ela é o Campo do Brás só como ela é sede também da congregação do Estado então ela é o Estado os Campos não manda nada pra lá uma vez no ano dá dez por cento para o Estado para manter trabalho social casa de recuperação tudo essas coisas.*

P: E a convenção estadual tem que mandar recurso para a nacional?

R: *Não ele não manda não nacional os dez por centos do ministro vai para convenção nacional.*

P: A sede da convenção nacional é no Rio de Janeiro?

R: *A sede jurídica hoje é em Brasília, mas a sede do ministério mesmo é em Madureira Rio de Janeiro*.

P: E os campos Madureira, Brás e Carapicuíba são o mesmo sistema, eles podem abrirem igrejas pelo mundo?

R: *Isso sim pode aliás tem um trabalho fantástico de missão no ministério porque todos trabalhos abertos no mundo inteiro aí é através da secretaria de missão tem a secretaria de missão nacional, secretaria de missão estadual e a secretaria de missão de cada Campo ali e como é essa arrecadação de missão através de bazar beneficente, todas essas coisas aí.*

P: Tem um presidente em cada Campo, como é escolhido cada um deles? A estadual já não ratificou a nacional?

R*: A convenção nacional, justamente, não sempre o Ministério Madureira é muito unido, muito unido, muito unido mesmo então a decisão que a direção da CONAMAD determina as convenções do Estado obedece não tem litigio. A Assembleia de Deus era uma só, dividida por três Ministérios-Missão, que é chamada de Belém, Madureira e Ipiranga e aí em 1987 teve a divisão por parte da missão é porque o ministério*

Madureira tava crescendo muito expandindo então houve uma divisão Ministério Madureira Madureira e a Missão lá e o Ipiranga é ligado na Missão.

P: Até em 87 era uma convenção só, se sim qual o nome? Quem era o nome do último presidente desta convenção?

R: *Era uma convenção só, era Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADD). Mas Teve muito pastor Bispo Manoel Ferreira presidente, pastor José Hercules Vieira da Costa foi presidente até 1987 é teve um presidente i esqueci o nome dele agora que era o presidente geral da Assembleia de Deus. Aí quando houve a divisão porque que houve a divisão porque a Missão não queria que o Ministério de Madureira abrisse trabalhos no norte no nordeste tudo isso aí e o Ministério Madureira abria trabalho ninguém pode proibir ninguém abrir trabalho e por causa disso eles se dividiram de nós aí ficou Ministério Madureira e o Ministério do Belém que é a Missão tudo uma coisa só e o Ipiranga que é ligado com convencionalmente com eles Madureira é Madureira em qualquer parte do mundo é Ministério Madureira só que o pessoal da Missão não pessoal da Missão tem o Belém tem o Ipiranga outras Assembleias de Deus que faz convenções paralela Madureira tem uma convenção só que é a convenção nacional.*

P: A Assembleia de Deus do Belém não é Campo? Qual a diferença de setor e campo?

R: *Setores, porque o setor ele não tem total autonomia ele é subordinado lá, Ministério Madureira não, aqui tem autonomia eu aqui como presidente de Carapicuíba eu tenho autonomia eu abro trabalho na onde eu quero eu aqui tenho instituto Teológico aberto pelo Campo eu tenho obra social aqui que você conhece bem trabalho fantástico a obra social então aqui eu vou abrindo é tamo iniciando abrir uma escola então eu tenho autonomia para fazer isso, lá o Belém os setores não tem é limitado recebe ordem direto do presidente da convenção.*

P: Aqui então tem autonomia administrativa, desta forma quem autoriza um pastor que faz parte do Campo aqui de Carapicuíba e quer comprar um terreno quem autoriza e se faz necessário pedir autorização para a convenção estadual e nacional?

R: *Só quem pode comprar só aqui a diretoria do Campo só isso não, não eu posso comprar o terreno onde eu quiser.*

P: E para vender é da mesma forma da compra?

R: *Ai para vender é diferente porque tudo isso é do Ministério de Madureira eu tenho autonomia, mas todos os bens, todo o patrimônio é do Ministério Madureira.*

P: Nas décadas de 60/70 anteriores a compra era assim?

R: *Não para você compra para você compra o terreno você pode compra no lugar*

que você quiser compra, não ai, era diferente precisava de autorização, acho que aí comprava assim mais hoje eu posso compra eu só não posso vende pra vende o que precisa fazer uma propriedade eu comprei um terreno e vou vende o patrimônio é todo do Ministério de Madureira então o pastor não tem nada pastor só tem a bíblia e a família então ele não é dono de nada dentro do Ministério Madureira ele não é dono de nada nem um pastor tem autorização para vende nada o que eu posso fazer se eu tiver que vende um terreno então eu vou mandar um requerimento para o Bispo Dr. Manuel Ferreira que é o presidente da convenção nacional com a diretoria da CONAMAD solicitando a venda do terreno e eu tenho que justifica porque eu tenho vende o terreno então eles vão convoca o plenário toda a diretoria eles vão homologa lá se todos me autoriza então eles me dão autorização para vende o terreno se eles não autoriza eu não posso vende, por exemplo o Campo de Carapicuíba tem patrimônio no Brasil inteiro e no exterior o patrimônio é de Carapicuíba foi dado autonomia para outros pastores lá mas o patrimônio é aqui digamos que um pastor lá do Rio Grande do Norte ele quer vende um terreno ele não pode fazer isso ele tem que solicitar a convenção nacional a venda do terreno a convenção nacional vai convoca todo plenário e a diretoria homologa na convenção se depois que o Bispo Ferreira autoriza então vai vim para o Campo de Carapicuíba eu vou convoca o plenário o presbitério do Campo homologa se tive tudo de acordo então eu autorizo a venda do terreno então é feito pelo Bispo e por mim vem por lá tudo é a convenção nacional isso está no estatuto então ninguém pode chega aqui um pastor pega um terreno uma propriedade e vendeu lá não pode.

P: Arquitetonicamente, em suma, não existe padrão nas ADs como, por exemplo, na CCB, e isso diz muito sobre a identidade de ambas. (Matriz Petencostal brasileira Assembleia de Deus pág. 32). E os pastores eles têm remuneração?

R: *Os pastores dirigentes de congregação o pastor-presidente tem uma prebenda autorizada pela convenção nacional os dirigentes de congregação têm ajuda de custo para combustível tudo isso aí quando é um obreiro que ele foi enviado para a missão a igreja sustenta através da secretaria de missões.*

P: Tem diferença do dirigente da congregação que recebe uma ajuda de custo de cada igreja o presidente do Campo recebe uma prebenda e os valores são iguais a todos e quem estipula esta quantia?

R: *Aí ele tem uma prebenda aí ele tem uma prebenda, pela convenção nacional isso justamente isso aí é diferente por causa do tamanho do Campo do tamanho do campo.*

P: A diretoria do Campo recebe a prebenda como o presidente?

R: *Não aí só é o presidente justamente, a diretoria só voluntários as vezes você ajuda financeiramente com combustível todas essas coisas na diretoria o próprio estatuto não determina que tenha prebenda.*

P: O pastor pode ter alguma propriedade no nome dele? O pastor pode pedir oferta para si?

R: *Não, ele pode te dar prebenda dele ele compra alguma coisa para ele, mas o que é da igreja para ele não, não, é proibido pelo próprio estatuto, não nada nada nada ele já tem uma prebenda dele então ele não pode pedir oferta para ele nada.*

P: Os gastos dos recursos por exemplo lá na congregação são feitos pelo pastor que coordena a compra de um instrumento, uma reforma?

R: *Com a autorização do presidente, ele tem que ter autorização do presidente, ele não pode fazer sem autorização do presidente, reforma, nós temos departamento de construção e departamento de patrimônio então você vai na congregação faz o levantamento do que vai fazer, se tiver condições de fazer, então, autorizo, mas acompanhado por engenheiros e diretor de departamento a pessoa não chega na congregação vou fazer isso aqui não faz, autorização acompanhado com engenheiro sabe tudo ali.*

P: O modelo projeto construtivo como é realizado?

R: *Engenharia vai lá e faz o projeto tudo isso aí se tive autorização do presidente então eles tocam a obra do contrário não, antigamente não era assim cada um fazia o que queria mas, até um tempo atrás cada dirigente fazia a maneira dele a partir de 2004 vou falar a partir de 2004 quando eu cheguei aqui agora não agora tem que ter engenheiro diretor de construção acompanhando tudo*.

P: Mas esta determinação sobre o acompanhamento das construções foi realizada pelo Campo ou pela convenção nacional?

R: *É a determinação da convenção; infelizmente nem todos me obedecem aqui. Quando cheguei em 2004 eu coloquei isso aqui ninguém mexe em construção sem acompanhamento de engenheiro e departamento de construção*.

P: O Campo tem total autonomia no Ministério de Madureira até mesmo criar a parte administrativa?

R: *Sim grande autonomia sim justamente, o que é o Campo que tem que fazer segui a determinação da convenção nacional e da convenção do Estado de São Paulo quando é a que convenção nacional e o do Estado interfere no Campo se precisa daquele presidente para um outro Campo então aí é trocado no meu caso aqui eu sou vitalício é mas se a convenção precisa de mim então a convenção conversa e me transfere para um outro Campo então é feito dessa maneira então eu tenho devo segui existe uma determinação existe um regimento interno do Ministério que você não pode é deixa de cumpri a determinação do regimento interno i quando que é a convecção vai interferir no Campo de Carapicuíba se houve uma divisão si há um pecado que a pessoa caiu ou rebelião a convenção interfere do contrário a convenção não interferem nada*.

P: Todos os presidentes do Campo são vitalícios e esta determinação é antiga, o presidente vitalício ele pode ser remanejado para outro e se houver recusa ele é penalizado?

R: *Não, não é a quem a convenção determinar, era antigo não são muitos os presidentes vitalícios não é pouquíssimo é como podemos dizer assim é aquele que o presidente da convenção olha e em você eu confio então vou deixar você vitalício e eu sou um deles não são muitos, ele pode desde que a convenção precise dele num determinado lugar e homologa com ele e ele aceita e ele pode ser transferido ele não é obrigado ninguém é obrigado a nada, não, não é desobediência não se ele não aceita ele vai continua.*

E os outros pastores também serve a norma de não aceitar a transferência? Pro os outros também os outros ainda é trocados os outros são trocados mas por exemplo você fala com o presidente para ir poder está indo para um determinado lugar se ele tiver alguma dificuldade olha ele vai dizer eu não gostaria ser trocado agora por isso é justificado o vitalício é diferente porque o vitalício ele já é vitalício então como diz assim o que pode tirar ele pecado, a morte, rebelião que pode tirar ele a não ser que a convenção precise dele em outro Campo e homologa com ele e ele aceita as condições do Campo ele é transferido não tem problema nenhum mas posso dizer que cinco por cento é vitalício só um cinco por cento.

P: E quem consagra os pastores? Há indicação dos candidatos a pastores?

R: *Só a convenção nacional e a convenção estadual é que tem o poder de consagrar evangelista, missionário e pastor só a convenção nacional nem o Campo está autorizado consagra pastor, evangelista, missionário ou pastora só a convenção nacional e a estadual, quem indica é o pastor-presidente do Campo quem indica é o Campo.*

P: O que é preciso para chegar a pastor da Assembleia de Deus?

R: *É um processo tão difícil para ser um pastor na igreja Assembleia de Deus que não é brincadeira, precisa atestado de antecedentes, precisa de atestado nada de que não é caloteiro que não deve nada, verifica como convive vive com a família se trata a esposa bem, se trata os filhos bem, como é que convive na sociedade é complicado mesmo assim as vezes surge de obreiro que faz coisa errada, mas é um pente fino que não é brincadeira tem que ter um curso teológico.*

P: E como é esta formação Teológica, é realizado na própria igreja ou é ratificado ou validado em um instituto? A igreja tem este curso no nível superior?

R: E*ntão acontece o seguinte o básico e o médio é feito pela própria igreja aqui se ela tive um instituto teológico o caso nosso aqui nós temos instituto teológico o bacharel ele é feito por uma faculdade por mais que temo EETAD e o Instituto BETEL*

Brasileiro só que depois que ele se para ele pode se um bacharel ele precisa ter o segundo grau completo, precisa ter segundo grau completo e aí o que acontece ele precisa fazer a convalidação em bacharelado normalmente nós faz ou na Metodista ou no Mackenzie, não, tem em Brasília.

P: Qual o caminho para se chegar a indicação do Campo para ser pastor?

R: *Primeiro você vai ver se a pessoa é vocacional daquilo, depois ele vai fazer um curso lá no teu Campo, no Campo tem um jovem aí que ele é dinâmico, ele é esforçado tem chamado, é dedicado, é fiel, cumpri todos os requisitos necessários para ser um obreiro, então ele vai frequenta um ano escola de formação de obreiro, ou seja, o camarada fica um ano aprendendo como deve ser um obreiro depois de um ano que ele tá ele pode se separado, para ele pode se obreiro ele precisa se batizado com o Espírito Santo, depois disso ele vai frequenta dois anos do curso básico, três anos do curso médio e quatro do bacharel e aí ele é consagrado o mesmo do Campo é consagra se tiver o curso básico que é de dois anos ele é separado ou o curso médio que depois do básico vem o médio e por último o bacharel então ele precisa ter estes cursos, batizado com o Espírito Santo, e preencher esses requisito, atestado de antecedentes para ver se não tem nenhum processo contra ele nem nada, e depois atestado negativo de protesto para ver se tem a vida limpa, depois vai verifica a família, verifica família como é a esposa como que ele vive em família com os filhos se ele trata bem a esposa se é uma pessoa integra para se consagrada, então evangelista, missionário e pastor, só na convenção nacional ou a estadual Campo não tem autonomia para consagra. Começa como auxiliar interno, depois auxiliar de escala, diácono, presbítero, aí daí para frente é ministro aí é só a convenção, então os critérios para escolha são esses, no próprio Campo, até presbítero é no próprio Campo e depois evangelista, missionário e pastor é na convenção nacional.*

P: Qual a diferença do missionário e pastor?

R*: A missionária, e tem missionário também o que é missionário eu mando um obreiro para Rússia ele é um missionário pode se um pastor mas é um missionário porque ele vai fazer missão lá.*

P: As mulheres foram antes missionárias do que pastoras?

R: *É pastora no Ministério Madureira só autorizada para esposa de presidente, só mais ninguém, só esposa de presidente, missionária tem bastante, diaconisa é trabalho interno, missionária desenvolve trabalho social tudo isso esse negócio aí são as missionária*s.

P: Quem participava do processo de eleger o presidente da convenção e como se dava este processo e quem pode votar?

R: *Evangelistas, missionários e pastores, isso, tem direito a voto o Ministério do Madureira era feito por votação, em urna isso, em 1990 pra cá começou a fazer pôr*

a aclamação o Bispo Dom Manoel Ferreira com a diretoria das convenções determina os pastores que passe pelo critério mudo se é unido, se é fiel, se é unido, tudo servo bem casado tudo isso aí para ser escolhido a diretoria da convenção, quem aclama o Bispo escolhe aqueles o Ministério Madureira, o Ministério Madureira faz isso chega lá olha irmãos nós oramos escolhemos e aqui é o pastor, evangelista e missionário todo mundo aprova um plenário de seis sete mil pessoa.

P: Quem escolhe os seis, sete mil do plenário do processo de aclamação? Existe delegação?

R: *Quando você é condicional você já pode ir eu digo porque o templo local que só cabe isso se não ia muito mais, muito mais, vai todos os que pode tem que tá em dia, tem que tá em dia com sua anuidade tudo direitinho para passa porque também tem uma coisa se a pessoa não estiver em dia com suas coisas ele é descredenciado o Ministério do Madureira é ele leva muito há serio isso ai, leva muito há serio senão você já é barrado na inscrição, não tem guerra, não tem confusão, nem nada o Ministério Madureira é muito unido, é muito coeso, não tem negócio de briga por causa de cargo. O Belém é por votação, o Ipiranga eu não sei é um Ministério que eu não sei como funciona, mas eu acredito que seja até por votação também porque eles são ligados na CGAB.*

P: Então no Ministério Madureira para a igreja fazer parte tem que ser formado por outra igreja do Madureira de todo Campo?

R: *Não ele pode por exemplo digamos que você abriu uma igreja e já tinha umas vinte igreja lá mas você quer fica ligado no Ministério do Madureira então o que acontece você tem é um processo você tem que passar todo o patrimônio para o Ministério Madureira, todo patrimônio para o Ministério Madureira para você se liga a Madureira isso aí é registrado tudo em cartório em tudo não faz de boca, tudo ele faz em cartório passa o patrimônio aí é Madureira mesmo, o Belém tem convenções paralelas pessoal abriu uma ministério para ficar ligado no ministério Madureira é Madureira em qualquer parte do mundo não tem essa de a tem uma igreja ali e que ficar ligada.*

P: E quando o pastor se rebela numa igreja como tira ele? Teve caso que ocorreu uma situação drástica?

R: *Normalmente, normalmente quando um camarada comete um erro comete um pecado cai em adultério, roubo ou matou alguém tudo esse negócio ele é substituído imediatamente ou ele queira ou ele não queira. Não Tira, tira, tira já mais tira porque tira porque aí a convenção aciona os advogados lá da nacional vai para a justiça, mas não vai para a justiça comum algum caso vai para a justiça comum mas normalmente o cara perde, normalmente o cara perde porque rebelião o próprio estatuto já diz aqui o obreiro tá lá mas quem determina a substituição dele é a convenção então ele não tem que se rebelar, não tem que fazer nada ele não pode no Ministério Madureira não ele pode chega aqui porque a autonomia é a igreja templo por exemplo o camarada pode chega aqui aberto chega eu não quero fica*

aqui no Ministério Madureira então eu vou abri uma igreja ele pode até abri uma igreja pra ele patrimônio ele não pode mexe em nada ele pode até levar membro e aqui ele é disciplinado.

P: Esta linha teológica é uma só, o Campo não tem autonomia para mexer nisso, exemplo o Campo pode mudar a formação teológico?

R: *É uma só não, regimento interno dentro do Ministério Madureira linha teológica é uma só, Madureira uma só é a mesma coisa em qualquer lugar do mundo é a mesma coisa, é aquilo que estou te falando Madureira é Madureira, é como uma família pai, mãe e filho não tem divisão essas coisas até porque isso não é permitido.*

P: E o pastor da congregação também pode ser trocado ou vitalício? Com quantos anos o pastor se aposenta ou é jubilado?

R: *Não é vitalício, pastor de congregação não é vitalício não normalmente não e normalmente todos os pastores trabalham têm seus empregos, não, não tem só se a pessoa senti que dizer, mas agora os pastores presidentes podem serem jubilados, depende as vezes você tá com sessenta ano e chega diz que eu não quero dirigir mais igreja que tô cansado ou por enfermidade por alguma coisa vão homologa a jubilação, continua recebendo certo só que é diferente a ajuda dele aí diminui os presidentes de Campo o dirigente de igreja não, existe caso aqui no Campo por exemplo lá no Piauí e no Maranhão o pastor morreu nós mantemos a viúva por causa dos filhos.*

P: Para esclarecer vamos voltar sobre algo que falamos anteriormente, quando é comprado um terreno quem faz o levantamento comercial desta compra?

R: *Tem os advogados para ver isso que faz o levantamento de tudo isso aí para ver se a escritura tá em ordem se não tem dívida, quem está vendendo é o próprio proprietário, porque às vezes o camarada quer vende alguma coisa que não é dele.*

P: Como é a parte administrativa na parte de gestão como é formado o Campo?

R: *A diretoria do Campo é composto do presidente mais cinco vice presidente, mais dois tesoureiro, e três secretários e três membro do conselho fiscal, todo final de mês todo final de mês se fecha se os livros e depois do fechamento dos livros que o tesoureiro verificou tudo é passado pelo conselho fiscal para examinar tudo tem que se com nota fiscal si por exemplo uma construção com o pedreiro com recibo têm que esse recibo assinado por ele para fazer uma construção com um pedreiro, pegou um pedreiro para fazer uma reforma tem que fazer contrato tem que fazer contrato com multa se ele não cumpri ele tem que pagar a multa se a igreja não cumpri com ele a igreja pagar a multa pra ela então é feito é feito o contrato tudo direitinho e o conselho fiscal que examina tudo.*

P: E está diretoria do Campo quem elege?

R: *A diretoria de Campo é o próprio presidente do Campo, que escolhe antigamente era feito por eleição hoje é por aclamação a cada dois anos, às vezes a diretoria*

continua.

P: Como é o convívio do Campo de Carapicuíba?

R: *Aqui todo mundo amigo todo mundo unido trabalho nenhum.*

P: Qual o período entre as convenções para reeleger os presidentes no âmbito estadual e nacional?

R: *Cada quatro anos, cada quatro anos nacional e estadual e do Campo há dois anos, mas todo ano, todo ano chega em fevereiro você tem que homologa a diretoria e registrar isso em cartório anualmente.*

P: Antes era eleito pelos pastores? E mais ou menos a partir de quando?

R: *Isso era eleição aí entra presbítero, entra evangelista, missionários e pastores é o presbitério que escolhe. A partir do ano 2000 para cá fez a por aclamação.*

P: Foi a mesma época que ocorreu esta aclamação?

R*: Não foi antes, em 2000 mudou porque foi dado autonomia com a morte do pastor Luis ele dirigia outros Campos, deu autonomia para outros.*

P: As Convenções nacional e estadual podem dividir os Campos? E elas podem dividir em dois, três?

R: *Isso, isso, isso a nacional corre junto com a estadual ela pode dividir o Campo. Pode, pode hoje a Convenção nacional e a estadual ela não faz isso por exemplo eu estou aqui em Carapicuíba eu estou em quinze estados ela não pode, ela não entra para pode dize assim, vou pegar tal estado para dá para outro, eles respeitam o presidente, eles não fazem isso.*

P: Tem disputa política? Ou já teve antes do senhor assumir a presidência e já ouviu falar desse fato?

R: *Não, não tem, Ministério Madureira não tem Ministério Madureira a gente sempre respeita os nossos superiores então a gente eu jamais vou entra fala com o Bispo pastor Ferreira, Samuel Ferreira nós não questionamos não nós somos obedientes até porque são pessoas maravilhosas.*

P: O senhor teve conhecimento se no passado houve algum questionamento sobre a direção?

R: *O Ministério do Madureira não tem, agora o Ministério do Belém e na Missão é uma guerra agora mesmo teve eleição e o pastor ganhou mais aí fizeram uma guerra o Ministério Público entrou lá não sei se vai homologar ou o que vai fazer. O Ipiranga também a gente nunca viu um caso de ter problema foi o pastor Frederic Henrique Dalto a vida inteira faleceu entrou o pastor Alcides tá lá e não teve isso e não tem isso, mas lá no Belém é complicado*.

P: E a parte administrativa, gostaria de salientar algo?

R: *O bom de aqui da administração é que as pessoas tem uma ideia que as igrejas*

é assim, a Assembleia de Deus ela presta conta todo ano a receita federal ela é imune de pagar imposto mas a prestação de conta tem que fazer todo os detalhes porque aqui nós não aceitamos vai ali no supermercado faz uma compra e não tem nota fiscal por causa da receita federal então a Assembleia de Deus tudo, tudo tem que tá o pastor-presidente paga seu imposto de renda tudo isso aí não tem negócio de omissão, paga o imposto de renda tudo, tudo legalizado, tudo legalizado.

P: Existem também associações beneficentes?

R: *Sim, cada Campo, tem Campo que tem, tem Campo que não tem, tem Campo que é oficial por exemplo nós aqui temos a FIBEN que é a obra social do Campo prédio próprio era a nossa antiga sede aqui em Carapicuíba.*

R: O que significa a sigla FIBEN?]

R: *Federação das irmãs beneficentes nacional.*

P: Por que nacional?

R: *Nacional que era o Campo, quando ela fundou o Campo tinha igreja em todo canto do Brasil. Quando eu cheguei em 2004 que eu peguei e reformei lá o templo e colocou a obra social que ali é curso de cabeleireiro, curso de manicure, curso de fazer bolsa, sapato, tem bazar beneficente, tem escola para terceira idade de computação, tem dentista, tem psicólogo, tem advogado tem tudo isso a FIBEN tem né, distribuição de roupa, de alimento agora mesmo nós estamos arrecadando alimento para levar os índios Guarani lá no Pico do Jaraguá às vezes pega leva para outro Estado, por exemplo Santa Catarina teve um período que estava um estado de calamidade com chuva com tudo, então arrecadou-se roupa, manda roupa manda alimento, então não é só, nós temos a obra social, nós temos aquele prédio próprio, nós temos Instituto Teológico que é o ensino teológico tudo isso aí temos aqui, estamos querendo termos um sitio que vamos fazer um centro de recuperação para pessoas viciadas então a igreja Assembleia de Deus, ela e tem outros aí também por exemplo o Ministério Madureira em Brasília tem faculdade de medicina, direito um bocado de coisa lá, tem editora.*

P: Esta editora é a Casa do Orientador?

R: *Não é a Editora Betel.*

P: Esta Editora é do Campo?

R: *Ela é do Ministério de Madureira, só que o Campo todos é escola dominical, jornal de lá não sei.*

P: Tem gráfica própria?

R: *Tem a gráfica própria, quando houve a divisão em 87 a CGADB a Madureira e que era a convenção geral com a divisão o Bispo Ferreira colocou a própria gráfica e a Editora Betel. Então depois que o Bispo chegou que ele assumiu o Ministério então tem faculdade, tem editora, um bocado de coisa ele conseguiu.*

P: Há mais algo que o senhor queira acrescentar?

R: *Então a administração da Assembleia de Deus é bem transparente é diferente do Belém, porque o Belém, ele é setor, se bem que nos estados tem seus presidentes de estados no Belém que tem também seus presidentes, no Estado de São Paulo é setores então eles não tem uma autonomia como eu tenho aqui como presidente porque aqui por exemplo está falando de política a Assembleia de Deus ela até os anos 90 por aí a Assembleia de Deus não se envolvia assim com política não se envolvia com a política não se envolvia daí pra cá começou a perceber que é importante a política sim apoia pessoas para o bem da própria cidade tudo então ela apoia hoje ela tem vários Estados o seus próprios deputados estadual, federal como tem senador então ela despertou para isso para ver assim que é necessário isso só que o pastor-presidente não pode se candidatar.*

P: Os presidentes dos Campos, em geral, não podem se candidatar tanto na esfera estadual ou nacional?

R: *Não ele não pode se candidatar, nacional teve um Bispo que se candidatou foi deputado federal por dois mandatos ou três não sei, mas um ele tem que se licenciar da presidência do Campo, agora hoje tem vereadores, tem prefeito, tem deputado estadual, tem federal, tem senador já teve caso de se candidato a presidente da República no caso do Everaldo foi candidato a presidente então hoje o Ministério ele olha para esse lado porque antes era proibido até falar de política dentro da igreja. Então existe um conselho no Campo que é a diretoria que o presidente ele é presidente ele tem total liberdade mas com essas coisa ele precisa tem que ter é essa diretoria aí eu sou presidente aí vou ali compra uma coisa compro uma coisa não é assim não primeiro para compra tem que ser homologado pela diretoria e o presidente juntamente com o tesoureiro o primeiro tesoureiro é que assina porque quem assina cheque compra esses negócios é o presidente com o primeiro tesoureiro apoiado pela diretoria eu não posso chegar aqui como presidente, existe sim um conselho fiscal com três membros que todo mês examina todos os livros tudo, nota fiscal porque despesa daquela congregação gastou lá, porque gastou chama o camarada lá porque gastou quem autorizou você gasta, então você é presidente mas você não pode fazer o que você quer não.*